

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LORENA NASCIMENTO FERREIRA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO NO
CONTEXTO MIDIÁTICO: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “ALÉM DO
PESO” DA REDE RECORD DE TELEVISÃO**

VITÓRIA
2015

LORENA NASCIMENTO FERREIRA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO NO
CONTEXTO MIDIÁTICO: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “ALÉM DO
PESO” DA REDE RECORD DE TELEVISÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes.

VITÓRIA
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Ferreira, Lorena Nascimento, 1990-

F383r Reflexões sobre a educação do corpo obeso no contexto midiático : uma análise do programa “Além do peso” da Rede Record de Televisão / Lorena Nascimento Ferreira. – 2015. 135 f.

Orientador: Ivan Marcelo Gomes.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Além do peso (Programa de Televisão). 2. Obesidade. 3. Reality shows (Programas de televisão). I. Gomes, Ivan Marcelo, 1973-. II.

Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU:796

LORENA NASCIMENTO FERREIRA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO NO CONTEXTO
MIDIÁTICO: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “ALÉM DO PESO” DA REDE
RECORD DE TELEVISÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Educação Física, Sociedade e Saúde.

Aprovada em 09 de Julho de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Alex Branco Fraga
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Marcos Bagrichevsky
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Valter Bracht
Universidade Federal do Espírito Santo

Aos meus pais, razão do meu viver!
A Leonardo, com quem decidi partilhar
a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, pela família que me concedeu e pela sabedoria que me permitiu chegar até aqui. Obrigada Meu Deus, pela sua infinita misericórdia!

Aos meus pais, Lucilene e Vicente, que com todo amor, carinho, dedicação e paciência souberam me incentivar a prosseguir, sempre! Sem vocês, eu nada seria!

Ao meu irmão e aos meus pais, obrigada por entender os meus “ataques” a procura de silêncio para estudar.

Ao meu amado, Leonardo, por sempre me impulsionar à frente. Teu amor, carinho e admiração me fazem querer ser sempre melhor. Obrigada também, por entender todos os momentos de ausência. Mas saiba que o meu coração, sempre esteve junto ao seu.

À minha família - meus avós, tios e tias, primos e primas por estarem sempre na torcida!

De modo especial, ao meu orientador, Ivan Gomes, por ser tão humano! Agradeço também, por proporcionar momentos de diálogos e conversas que sempre me motivaram a seguir em frente! Obrigada por todas as vezes que disse: “fica tranqüila, Lorena”. Apesar de chegar ao final dessa etapa e não conseguir atingir tal meta, foi de suma importância ouvir isso durante o processo.

Ao professor Marcos e a amiga Liliane pelas experiências na disciplina Educação Física e Promoção da Saúde. Obrigada Marcos por me aceitar na docência e por confiar no meu trabalho. Foi uma honra poder partilhar momentos tão enriquecedores com vocês!

Aos irmãos do grupo “affeee”: Thacia, Michel, Jay e Thaise, unidos pela temática da saúde (mais a agregada dos Valores) e interligados pelo coração. Obrigada pela parceria, por ouvir os lamentos e por todos os momentos que passamos juntos. Vocês fazem parte de mim!

Aos colegas da turma de 2013. Especialmente aqueles que se tornaram amigos-irmãos: Sayonara, Vinicius, Fernanda, Ludmila, Lívinha e Dodô! Ter vocês comigo, foi fundamental.

Agradeço também aos meus amigos que me acompanham a muito tempo e entenderam a minha ausência. Especialmente os amigos do Sesi, do Ifes e da graduação.

E por fim, ao pessoal do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF) que me acolheu com muito carinho.

A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo analisar e problematizar os discursos sobre o corpo obeso que são publicizados pela mídia. Mais especificamente, nossa atenção se volta para análise da primeira temporada do *Reality Show* “Além do Peso” que é sitiado no “Programa da Tarde” da Rede Record de Televisão. A pesquisa é caracterizada por um estudo observacional de caráter descritivo e analítico de natureza qualitativa (MINAYO, 2010). Para formar o *corpus* de análise direcionamos nosso olhar para a primeira temporada do *reality* “Além do Peso”. Este quadro foi desenvolvido entre 23 de Setembro e 20 de dezembro de 2013 e teve como objetivo levar um grupo de 11 pessoas obesas a perder peso, através da reeducação alimentar e da prática de atividade física, para permanecer na disputa e concorrer à premiação final. A partir das transcrições das falas, da observação das imagens e dos contextos das filmagens, realizamos a análise do material a partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). A partir disso, apontamos primeiramente, a educação do corpo obeso como principal argumento para tornar homogêneo o discurso que enfatiza a necessidade de readequá-lo aos parâmetros da sociedade contemporânea. Identificamos que, em prol da reconfiguração da imagem corporal, a prática de exercícios físicos e a alimentação saudável são utilizadas como principais estratégias no aperfeiçoamento fisiológico, na obtenção da saúde e uma nova identidade baseada na imagem corporal. Por fim, estabelecemos uma articulação do sofrimento com um discurso de insensibilidade moderna que exalta a cultura corporal como forma de sucesso pessoal, mitigando questões atreladas aos prazeres que conferem bem-estar e saúde aos participantes. Demarcamos também, que o discurso apresentado está baseado numa cultura imagética de corpo ideal, que estabelece o indivíduo como principal responsável por essa conquista, já que possui as 'ferramentas' concedidas pelo programa para alcançar tal êxito.

Palavras-chave: Corpo obeso. Modernidade. Indivíduo. Mídia.

ABSTRACT

This study aimed to analyze and discuss the speeches about the obese body publicized by the media. More specifically, our attention turns to analysis of the first season of Reality Show "Além do Peso" which is under siege on the "Programa da Tarde" in the Record Television and Network. The research characterized is by an observational study of descriptive and analytical character of a qualitative nature (MINAYO, 2010). To form the corpus of analysis we direct our focus to the first season of the reality "Além do Peso". This television program was developed between September 23 and December 20 of the year 2013 and aimed to lead a group of 11 obese people to lose weight, through nutritional education and physical activity, to remain in the race to the final award. From the transcripts of speeches, observation of images and contexts of filming, we perform the analysis of the material from the content analysis of Laurence Bardin (1977). From this, we point first, the education of the obese body as the main argument to make homogeneous discourse that emphasizes the need to regain it to the parameters of contemporary society. We found that, the reconfiguration of body image, physical exercise and healthy eating are used with keys strategies in physiological improvement in obtaining health and a new identity based on body image. Finally, we established a joint suffering with a modern insensitivity speech exalting the body culture as a form of personal success, mitigating issues linked to the pleasures that provide welfare and health to participants. We demarcate also that the speech presented is based on an image culture of ideal body, establishing the individual as the main responsible for this achievement, since it has the 'tools' provided by the program to achieve such success.

Keywords: Obese body. Modernity. Individual. Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A MÍDIA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO: NOTAS SOBRE O PROGRAMA “ALÉM DO PESO”	21
1.1 O CORPO OBESO NO DISCURSO MIDIÁTICO.....	21
1.2 PROGRAMA DA TARDE: CARACTERÍSTICAS, APRESENTADORES E A PROGRAMAÇÃO.....	27
1.2.1 UMA DESCRIÇÃO DO <i>REALITY</i> “ALÉM DO PESO”: SUA PROPOSTA, OS PARTICIPANTES E OS ESPECIALISTAS	32
2. O CORPO OBESO EM CENA: PROBLEMATIZAÇÕES E APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS.....	50
2.1 OS DISCURSOS DA SAÚDE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	50
2.2 ESCOLHAS SAUDÁVEIS X RISCO: INDIVIDUALIZAÇÃO DOS RISCOS SOCIAIS.....	59
2.3 O CORPO NA MODERNIDADE LÍQUIDA: O INDIVÍDUO COMO FOCO DE AÇÃO.....	66
3. EM BUSCA DO CORPO SAUDÁVEL: DO QUE PRECISAM OS PARTICIPANTES DO <i>REALITY</i> “ALÉM DO PESO”?	76
3.1 ATIVIDADE FÍSICA, ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E A EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO: OS DISCURSOS QUE PERMEIAM O “ALÉM DO PESO”	77
3.2 A PRIVATIZAÇÃO DO SOFRIMENTO NOS DISCURSOS DO “ALÉM DO PESO”	95
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICE.....	126
APÊNDICE A - Quadro dos vídeos do <i>site R7.com</i> utilizados na dissertação.....	126

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está inserida nos estudos do Laboratório de Estudos em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (LESEF/CEFD/UFES). Em meio a diferentes pesquisas articuladas pelo grupo, nos situamos no projeto “Políticas de Formação em educação física e saúde Coletiva: atividade física e práticas corporais no SUS” que envolve a Universidade Federal do Espírito Santo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade de São Paulo. Tal proposta investiga e problematiza as políticas de formação voltadas para capacitação e sensibilização de estudantes de educação física para atuação em saúde coletiva junto ao SUS. A partir da perspectiva das ciências humanas e sociais, investe também, em análises da implicação dos preceitos da vida ativa/vida saudável na cultura corporal de movimento, na educação dos corpos e na regulação da saúde que se materializam, por exemplo, em artefatos culturais e midiáticos.

Como uma possibilidade dentro das pesquisas desenvolvidas pelo projeto, o nosso objetivo, em particular, está situado em analisar e problematizar os discursos sobre o corpo obeso que são publicizados pela mídia¹ televisiva, na tentativa de buscar elementos para compreender quais as recomendações oferecidas em espaços midiáticos no que tange aos cuidados com o corpo como ação do próprio indivíduo. Nossa atenção se volta, em especial, para análise da primeira temporada do *Reality Show*² “Além do Peso” que é sitiado no Programa da Tarde da Rede Record de Televisão.

Nesse aspecto, sabemos que no contexto contemporâneo, a partir da televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir grande parcela da população mundial. Para relatar sobre a autoridade que a mídia, em especial a televisiva, exerce atualmente, Bourdieu (1997) nos alerta que esse

¹ Vale destacar que mídia está relacionada aos diferentes meios de comunicação que oportunizam a circulação das informações, tais como: Televisão, rádio, outdoors, jornais, internet, dentre outros espaços. Contudo, nessa pesquisa, iremos enfatizar a mídia televisiva.

²No Plano de patrocínio (Maio/2014) do Programa da Tarde da Rede Record de Televisão (arquivo que descreve as características do programa, a formação e trajetória dos apresentadores, os quadros que compõem a programação, os jornalistas que são colaboradores nas reportagens e o esquema comercial de patrocínio) o “Além do Peso” está descrito na parte que caracteriza os quadros do programa, porém, ao iniciar a descrição ele é apresentado como *Reality show*. Em outras passagens, também será possível visualizar esse conflito de informações.

aparato discursivo dissemina informações a partir de especialistas. Para exemplificar o argumento, o autor apresenta a seguinte passagem:

[...] com a “autoridade” que lhe confere a televisão, o sr. Cavada lhes diz que o maior filósofo francês é o sr. X. Imagina-se que se possa arbitrar uma divergência entre os dois matemáticos, dois biólogos ou dos físicos por um referendo, ou por um debate entre parceiros escolhidos pelo sr. Cavada? Ora, a mídia não cessa de intervir para enunciar vereditos (BOURDIEU, 1997, p. 83).

Dessa forma, os meios de comunicação oportunizam diariamente a veiculação de valores, comportamentos, sentidos e significados sobre diferentes aspectos que constituem o cotidiano dos sujeitos. Ao ligar a televisão, por exemplo, conseguimos identificar programas que veiculam informações que exercem grande influência sobre a organização da vida das pessoas. Parafraseando Bourdieu, percebemos que há uma proporção muito grande de pessoas que “estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população” (1997, p. 23). Concordamos com Bauman ao destacar que,

[...] Imagens poderosas, ‘mais reais que a realidade’ em telas ubíquas estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade ‘vivida’. A vida desejada tende a ser a vida ‘vista na TV’. A vida na telinha diminui e tira o charme da vida vivida: é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela (2001, p. 99).

Isto posto, além da forte influência exercida sobre o “bom funcionamento” da vida de diversos sujeitos, vemos proliferar uma variedade de temas abordados pelos programas de televisão que atuam no sentido de enfatizar situações vinculadas a questões meramente individuais. Dentro do rol de informações divulgadas pela mídia, se destacarmos a que se vinculam ao campo da saúde, percebemos um vasto número de programas que discursam sobre o corpo obeso. Contudo, a exposição aborda, em sua maioria, os aspectos negativos da obesidade e a ênfase recai sobre os modos de combater essa condição corporal que assombra os indivíduos no contexto moderno, promovendo um discurso sobre a atividade física e dos hábitos alimentares como forma de vencer a batalha contra a obesidade.

O discursivo se concentra nas ações individuais, onde os indivíduos são convocados a eliminar as condutas de risco, dentre as quais, destacamos aquelas vinculadas ao excesso de peso. Adjetivos pouco honrosos são destinados ao sujeito

obeso, que o qualificam como feio, descuidado, preguiçoso e incapaz. Em geral, os insultos são moralizantes e sugerem que o indivíduo é o responsável por sua condição corporal, devido à falta de vontade de manter-se ativo e de controlar os impulsos alimentares. Essa intensidade de informações direcionadas ao indivíduo faz parte do processo de individualização, característico da modernidade. Desse modo, corroborando Bauman,

[...] a 'individualização' consiste em transformar a 'identidade' humana de um 'dado' em uma 'tarefa' e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização (2001, p. 40).

Contudo, em nosso contexto moderno e incerto, especialmente de informações, os riscos e contradições continuam a ser socialmente produzidos e são apenas o dever e a necessidade de enfrentá-los que estão sendo individualizados (BAUMAN, 2001). Modo este que os indivíduos buscam formas de legitimar suas ações para ter alguma segurança em suas escolhas.

Para isto, os especialistas, se apresentam como pessoas que detém o saber e que pensam sobre a maneira menos arriscada de viver com elas, entram em cena e figuram os inúmeros programas de TV que se ocupam de divulgar notícias relacionadas à vida privada, assim,

[...] o 'interesse público' é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor) (BAUMAN, 2001, p. 46).

Os especialistas, nesse sentido, são denominados na linguagem *baumaniana* de conselheiros. Para tanto, eles se encarregam da função de realizar ações, apresentar informações e “verdades” de diferentes segmentos da vida privada (GOMES, 2009). Contudo, “[...] ao fim da sessão de aconselhamento, as pessoas aconselhadas estão tão sós quanto antes. Isso quando sua solidão não foi reforçada: quando sua impressão de que seriam abandonadas à sua própria sorte não foi corroborada e transformada em uma quase certeza” (BAUMAN, 2001, p. 78).

Desse modo, para o indivíduo, o espaço público pode ser apontado como lugar em que as aflições privadas são projetadas constantemente, sem deixarem de ser privadas. Nesse sentido, “[...] o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas [...]” (BAUMAN, 2001, p. 49). Assim, “[...] o risco da obesidade se torna público e globalizado gerando inúmeros conhecimentos e mensagens que transitam em nosso cotidiano” (GOMES, 2006, p. 52).

Destarte, a mídia, com base no discurso dos especialistas, legitima-se como o lugar que adverte a existência de riscos nos hábitos individuais de modo massificado e indica os meios de contorná-los. Assim, o discurso que propõe a organização das nossas vidas pode ser presenciado nos jornais, programas de entretenimento, propagandas televisivas, dentre outros espaços que profetizam e anunciam modos de como bem gerir nosso cotidiano tendo em vista os hábitos de vida e os riscos que se corre e se pode evitar.

Na atualidade, supostamente informado, o indivíduo passa a ser o único responsável pelo cuidado com sua saúde. A “verdade” sobre as necessidades para se obter uma vida saudável é posta e os indivíduos, entendidos como seres racionais e razoáveis deveriam, de forma inteligente, segui-la e acatar as eventuais injunções resultantes da caracterização de comportamentos julgados corretos ou incorretos e a serem seguidos ou evitados (GAUDENZI; SCHRAMM, 2010).

Enfatizamos que esses apelos discursivos em prol da saúde são, na atualidade, apelos ao autocontrole e a disciplina que visam exclusivamente o controle do corpo. “[...] A nossa obsessão com os domínios do corpo, das suas performances, movimentos e taxas substitui a tentativa de restaurar a ordem moral. O corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal” (ORTEGA, 2010, p. 40). Assim, a ênfase dada aos diversos procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos levam à formação de identidades somáticas, às bioidentidades, as quais têm deslocado para a exterioridade o modelo internalista de construção e descrição de si (ORTEGA, 2003).

Dessa forma, revestidas de aspectos que moralizam, discriminam e julgam o indivíduo, as informações publicizadas reforçam a ideia de que são os próprios sujeitos responsáveis pelo baixo envolvimento com as recomendações proferidas nos discursos midiáticos, sejam elas atividades físicas, relacionadas ao lazer ou sobre alimentação saudável. Portanto, atribui-se a responsabilidade à decisão pessoal, como se coubesse aos indivíduos o privilégio de sobrepor-se aos determinantes da realidade social e do contexto que estão inseridos.

Com base nisso, podemos destacar uma mobilização de diferentes estudos³ que buscam ultrapassar as compreensões socialmente difundidas sobre o corpo

³Vale ressaltar que no estado da arte realizado com palavras – chave do *reality* “Além do Peso”, não conseguimos identificar nenhum material publicado. Contudo, catalogamos e agrupamos no decorrer

obeso, apresentando também, uma perspectiva plural da obesidade, que considera diferentes fatores atrelados a esta condição corpórea e não somente vinculada a conotações morais que responsabilizam o indivíduo. Destacamos os trabalhos de Sudo; Luz (2007); Vasconcelos; Sudo; Sudo (2004); Gomes (2009) e Pereira (2013). As reflexões contribuem no sentido de potencializar discussões que não tenham a pretensão de classificar ou enquadrar a obesidade nos mesmos moldes dos estudos de cunhos biológicos e estatísticos. Concordamos com Mattos (2012, p. 13) ao destacar que

Os estudos no campo da saúde que têm por objetivo de estudo a obesidade tornam-se relevantes na medida em que o corpo magro, tido como “sarado”, parece ser o único tipo de corpo valorizado e reconhecido na cultura atual, gerando sofrimento e adoecimento nos sujeitos que não se enquadram nos padrões hegemônicos de beleza. A supervalorização da magreza transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar uma marca moral indesejável.

Nesse aspecto, a obesidade se mostra como um objeto interessante, pois se encontra vinculada aos riscos para a saúde e, ao mesmo tempo, é constantemente apresentada nos discursos midiáticos como uma patologia. Em outras palavras, “os discursos produzidos enfatizam que os esforços que devem ser travados pelos obesos para se livrar do ‘mal’ que os acompanha são árduos, mas restritos a sua própria ação” (GOMES, 2006, p. 65).

Dessa forma, como uma questão social e moral os discursos sobre a saúde ultrapassam os hospitais e passam a ocupar um lugar privilegiado nos principais programas de TV, com um linguajar menos técnico e mais alarmista que podem repercutir em efeitos que culpabilizam e individualizam a punição. Com isso, enfatiza-se “[...] a necessidade de se reexaminar as normas universais prescritivas, imbricadas em discursos hegemônicos sobre atividade física e sedentarismo [...]” (BAGRICHEVSKY et. al., 2010, p. 1705). Ao discorrer sobre o fator de risco como parte integrante do discurso midiático, Vaz e colaboradores (2005, p. 145) alertam que “[...] é urgente, pois, refletir sobre que tipo de vida está sendo construído por esses alertas sobre os perigos que estariam à espreita em nossos hábitos e que podem se concretizar num futuro remoto”. Os autores ainda indicam que grande parte dos estudos que abordam o fator de risco no contexto midiático estão

da dissertação pesquisas que envolviam estudos sobre artefatos midiáticos (sejam eles revistas, sites ou programas de TV) e o corpo obeso, quando apresentavam argumentos pertinentes ao nosso *lôcus* de observação.

preocupados com a veracidade das informações e com a manutenção de hábitos que contêm riscos. Contudo, destacam ser pertinente ressaltar como esses discursos agem diretamente na subjetividade dos sujeitos (VAZ, et.al, 2007). Ademais, a literatura, especialmente no campo da educação física, “ainda carece de reflexões acerca do processo de culpabilização que se depara a partir dos dados epidemiológicos disponíveis e como esses carregam em si um fardo moral” (PALMA; VILAÇA, 2010, p. 116).

A partir dessa perspectiva, nossa pesquisa avança no sentido de compreender e analisar os discursos sobre o corpo obeso que são publicizados pela mídia, especialmente, a mídia televisiva e a internet, que estimulam o consumo de práticas associadas à aquisição de saúde, dentre as quais destacamos a de atividade física (em ambiente público ou privado), adoção de hábitos saudáveis, alimentos que inibem o apetite, tratamentos estéticos com cremes redutores que eliminam a gordura corporal, dentre outros envolvidos nessa esfera do consumo para obter corpo magro, bonito e “saudável”.

Assim, para formar o *corpus* de análise direcionamos nosso olhar para a primeira temporada do *reality* “Além do Peso”, uma estratégia adotada pelo “Programa da Tarde”⁴ da Rede Record de Televisão. Esse quadro foi apresentado entre 23 de Setembro e 20 de dezembro de 2013⁵ e teve como objetivo levar um grupo de 11 pessoas obesas a perder peso, através da reeducação alimentar e da prática de atividade física, para permanecer na disputa e concorrer à premiação final. Ressaltamos que para a organização do quadro a produção do programa contou com a presença de um preparador físico, um nutrólogo, uma nutricionista e uma psicóloga.

O *reality* foi exibido na televisão, mas a produção do programa disponibilizava, diariamente, os vídeos na internet. Entretanto, o processo para coleta de dados se concentrou em transcrever os vídeos veiculados pelo site do “Programa da Tarde”, sitiado no *R7.com*, que divulga a programação, as reportagens, entrevistas e os quadros do programa *ao vivo*.

⁴ O “Programa da Tarde” é uma iniciativa da TV Record, consolidada como a segunda maior emissora de televisão do país. O programa é veiculado de segunda a sexta-feira das, 14:30 às 17:00 horas. Contudo, nossa coleta se dará pelo site do “Programa da Tarde”, sitiado pelo *R7.com*, filiado a Rede Record.

⁵ Vale destacar que o período indicado para formar o *corpus* de análise foi delimitado pelo tempo estabelecido pela produção do *reality*. Assim, o programa iniciou no dia 23 de setembro de 2013 e já possuía data para ser encerrado.

A nossa pesquisa é caracterizada por um estudo observacional de caráter descritivo e analítico de natureza qualitativa. Minayo (2010) argumenta que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado e “[...] caracteriza pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo estudado” (MINAYO, 2010, p. 57). Assim, a sua principal característica é compreender e/ou interpretar o “[...] que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam [...]” (idem).

Investigamos o espaço do *reality* “Além do Peso” através dos vídeos apresentados no site, sendo um total de três meses de coleta de dados⁶. Utilizamos, também, o *Facebook* dos especialistas como forma de captar qualquer reportagem que estivesse vinculada ao campo que nos propomos pesquisar. Contudo, destacamos que o processo de arquivamento do material para análise ocorreu no mês posterior a finalização da primeira temporada do programa televisivo.

Com isso, a partir da coleta do material, fizemos um mapeamento⁷ dos vídeos e iniciamos as transcrições dos mesmos, evidenciando as falas, o contexto da filmagem, as expressões faciais, os sons e a sensação dos participantes ao entrarem em contato com o que foi exposto, para então, encaminharmos a análise do material.

Para analisar o material coletado, utilizamos a técnica análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). De acordo com a autora, a análise de conteúdo é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações [...]” (BARDIN, 1977, p. 31). Não se trata de um único instrumento, “[...] mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (idem).

Ao argumentar sobre a análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 38) afirma que esta “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Ainda completa que “a intenção da análise de conteúdo é a

⁶ Esse período não foi escolhido de forma aleatória, mas sim por uma definição da produção do *reality* “Além do Peso”, ou seja, cada temporada tem sua duração estabelecida.

⁷ Vale salientar que encontramos vários vídeos repetidos, que faziam ‘recortes’ a partir do programa exibido no dia anterior. Percebemos que isso também ocorria no programa ao vivo e que a produção fazia isso quando queria dar destaque a algum acontecimento ou mostrar os melhores momentos da semana. Alguns vídeos de reprise foram mantidos para transcrição por enfatizar os discursos veiculados pelo *reality* a partir do narrador.

interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente recepção) [...]” (idem). Assim, o “analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir [...] conhecimento sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio” (BARDIN, 1977, p. 39) visando estabelecer uma aproximação entre a descrição e a interpretação das mensagens.

O método da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), é realizado em três fases: a pré-análise, na qual se escolhe os documentos para a pesquisa; a exploração do material, na qual se aplicam as técnicas específicas segundo os objetivos; e o tratamento dos resultados, a inferência e as interpretações.

A partir da estrutura apontada por Bardin (1977), na fase de pré-análise separamos os vídeos de acordo com o dia e mês e título e data da postagem. Após essa organização prévia dos dados, iniciamos uma fase de exploração, que constituiu em visualizar os vídeos para estabelecer contato⁸ com o programa. A sequência da ação se deu pelo estabelecimento dos vídeos e a transcrição dos mesmos.

A última fase do processo consistiu em fazer a análise do material⁹. De maneira mais específica, apresentamos nossas análises por blocos temáticos que de acordo com Bardin (1977, p. 105) “[...] consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. A autora destaca, ainda, que na análise temática o conceito central é o tema, sendo este uma “[...] unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura [...]” (BARDIN, 1977, p. 105).

O nosso texto está organizado em três capítulos. O primeiro está construído em dois subtópicos e apresenta, num primeiro momento, uma aproximação conceitual sobre a forma como os meios de comunicação se apropriam do discurso científico para divulgar conselhos sobre o corpo obeso. Em seguida, a abordagem evidencia a configuração do “Programa da Tarde”, que contém dentro de sua programação o *Reality show* “Além do Peso” que se configura como foco da nossa investigação.

⁸ Além de assistir aos vídeos, o contato com o “Além do Peso” se deu pelo acompanhamento assistemático de alguns programas, veiculados pela televisão, durante a primeira e a segunda temporada.

⁹ Os vídeos utilizados nas análises estão caracterizados como apêndice e organizados num quadro ao final da dissertação.

No segundo capítulo organizamos elementos teóricos que nos possibilitam compreender como os discursos sobre o corpo obeso são reiterados pela mídia, no sentido de potencializar as ações individuais como forma de alterar os estilos de vida dos participantes do “Além do Peso”. Primeiramente abordamos o conceito ampliado de saúde (DEJOURS, 1986), apresentando subsídios que possibilitem entender saúde como assunto ligado as pessoas e condicionado ao contexto social que estão inseridos e não apenas a aspectos biológicos. Ademais, recorremos a estudos que discutem o conceito de risco, não como algo ligado à esfera privada, mas enfatizando sua dinamicidade e sua estreita relação com os acontecimentos da vida. Na sequência, relacionamos que os discursos do risco vinculados ao corpo obeso estão baseados numa cultura imagética de corpo ideal, que estabelece o sujeito como principal responsável por essa conquista que é direcionada através do suporte dos conselheiros.

O terceiro consiste nas análises do material coletado, onde apontamos as práticas discursivas relacionados ao corpo obeso publicizadas pelo “Além do Peso” em sua primeira temporada. Nossas problematizações estão baseadas nas relações, diálogos e estratégias utilizadas pelo *reality* para controlar as medidas corporais de cada participante. Ele está dividido em dois blocos temáticos: I) Atividade física, alimentação saudável e a educação do corpo obeso: os discursos que permeiam o “Além do Peso” e II) A privatização do Sofrimento nos discursos do “Além do Peso”.

O primeiro bloco consiste em apresentar a educação do corpo obeso como elemento estruturante do discurso que enfatiza a necessidade de readequá-lo aos parâmetros da sociedade contemporânea. Discutimos como aspecto fundamental dessa reconfiguração da imagem corporal, a prática de exercícios físicos e a alimentação saudável como principais estratégias utilizadas no aperfeiçoamento fisiológico, na obtenção da saúde e uma nova identidade (Bioidentidade). No segundo enfatizamos a privatização do sofrimento vivenciado pelos participantes dentro e fora do contexto do *reality* e estabelecemos, também, uma articulação do sofrimento a um discurso de insensibilidade moderna que exalta a cultura corporal como forma de sucesso pessoal.

Nas considerações finais retomamos os argumentos centrais vinculados aos discursos do programa sobre o corpo obeso que reforçam um pensamento de

redução da educação física e, concomitantemente, o professor de educação física como um “promotor do estilo de vida ativo”.

1. A MÍDIA COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO: NOTAS SOBRE O PROGRAMA “ALÉM DO PESO”

Nesse capítulo, priorizamos problematizar, num primeiro momento, uma aproximação conceitual que apresente como os meios de comunicação se apropriam do discurso científico para divulgar conselhos sobre o corpo obeso na tentativa de efetivar a constituição do corpo saudável. Em seguida, a reflexão focaliza o “Além do Peso”. Num primeiro momento faremos uma incursão, destacando alguns apontamentos da configuração do “Programa da Tarde”, que contém, dentro de sua programação, o *Reality show* “Além do Peso”. Na sequência, expomos as principais características e a configuração do nosso foco de investigação.

1.1 O CORPO OBESO NO DISCURSO MÍDIÁTICO

Em tempos de investimento sobre a saúde da população, a obesidade¹⁰ - terminologia utilizada para classificar índices elevados de gordura corporal - transforma-se globalmente como a doença do século¹¹ e se apresenta como preocupação de diferentes aparatos discursivos. Além disso, a perspectiva negativa do sobrepeso¹² está presente em diferentes espaços, enfatizando discursos que controlam as ações corporais e as subjetividades do indivíduo em prol da vida ativa e saudável.

¹⁰ Segundo Cohen; Cunha (2004) o referencial mais usado para verificar se a quantidade de gordura é superior ao normal, é o cálculo do índice de massa corporal (IMC). Ele corresponde ao peso da pessoa, em quilo, dividido por sua estatura, em metros, elevado ao quadrado. Segundo a tabela disponível no site da Sociedade Brasileira de Hipertensão – SBH, a obesidade é categorizada, sendo subdividida em três categorias: Tipo 1, cujo percentual de massa corporal varia de 30 a 34,9 kg; tipo 2, com percentual variando de 35 a 39,9 kg; e, finalmente o tipo III, de 40 kg em diante. Apontamos, também, o índice de conicidade como referencial mais utilizado cientificamente para caracterizar a obesidade. Contudo, optamos por descrever o IMC como ferramenta de medida, já que o “Além do Peso” utiliza as categorias desse referencial para demarcar em qual grau se encontra cada participante.

¹¹ Nesse momento, cabe destacar que “Desde 1991, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a obesidade uma doença, com dimensões assustadoras, sendo tão preocupante quanto a destruição” (COHEN; CUNHA, 2004, p.9). Mas foi em “2004, a Organização Mundial da Saúde define a obesidade como “doença do milênio” (idem, p. 10).

¹² Vale dizer que a tabela existente no site da Sociedade Brasileira de Hipertensão – SBH, o indivíduo é enquadrado na categoria “sobrepeso” quando seu Índice de Massa Corporal – IMC encontra-se entre os índices de 25 a 29,9 kg (COHEN; CUNHA, 2004).

O discurso midiático aprecia a magreza embasado principalmente pelas descobertas científicas que transformaram o corpo obeso em sinônimo de doença, contribuindo para que os discursos viessem carregados de julgamentos moralizantes. Isso porque em nenhuma época o corpo magro e esbelto esteve tão em evidência (SUDO; LUZ, 2007). Hodiernamente, o corpo “magro” está na moda e encena os principais debates do contexto midiático, destacando dietas, atividade física, os modos de livrar-se da gordura e como não adquirir o excesso corporal. Neste sentido, as narrativas midiáticas, garantem ser “[...] possível deixar de ser o ‘gordo perdedor e infeliz’ para se tornar o magro ‘saudável e feliz’”. As modificações corporais são consideradas possibilidades reais de se ‘libertar’ do estigma provocado pela grande quantidade de gordura no corpo” (MATTOS, 2012, p. 22).

Contudo, sabemos que o padrão estético sempre foi, e ainda é, ditado por valores socioculturais de uma época que variam no tempo e no espaço. Com o corpo obeso não foi diferente, pois o período Renascentista associava, de forma mais direta, a imagem do obeso a aspectos positivos. De modo que, como apresenta Vigarello (2012, p. 80), “a obesidade assenta mais com o belo que a magreza, observa Jean Liébault em 1572”. Determinava, portanto, o alto poder aquisitivo das pessoas, simbolizando fartura. Já a magreza “assusta, lembra a fome, a peste, a descarnação. Ela é secura, aspereza, fraqueza” (VIGARELLO, 2012, p. 81). Apoiando-se em Nahoum (1979), Poulain (2004, p. 143) enfatiza essa constatação, afirmando que,

[...] A partir do Renascimento, o modelo de estética corporal se transforma, ‘as belas mulheres’ são mais ‘revestidas’. A gordura, a corpulência, até mesmo a obesidade, tornam-se sinais de riqueza e de sucesso. Eles atestam a independência em relação à necessidade, e marcam uma posição social confortável.

Em seu livro “Corpos de Passagem”, Denise Sant’Anna (2001) traz importantes contribuições sobre as considerações históricas do corpo obeso. A autora salienta que mesmo em tempos mais recentes, como nos anos de 1900, os corpos redondos ainda exibiam o charme de seu peso com orgulho. Desse modo, destaca que gordura era formosura e ainda não havia se tornado sinônimo de doença e nem ofuscava o charme de milhares de homens e mulheres dotados de ventres proeminentes, testemunhos de um prestígio social (SANT’ANNA, 2001).

Ainda nesse sentido, Sant’Anna destaca que,

Foram inúmeras as sociedades que acolheram com alegria a presença dos gordos e desconfiaram da magreza, como se esta expressasse um déficit

intolerável para com o mundo. Magreza lembrava doença e o peso do corpo não parecia um pesar. Entretanto, no decorrer deste século, os gordos precisaram fazer um esforço para emagrecer que lhes pareceu bem mais pesado do que o seu próprio peso. Ou então foram chamados a dotar sua gordura de alguma utilidade pública, transformando-a, por exemplo, em capacidade para o trabalho duro, ou em travesseiro acolhedor das lágrimas alheias (encontramos no livro de Béraud a imagem dos “bons gordos”, que servem de conselheiros, confidentes, cupidos ou como grandes humoristas). Como se os gordos precisassem compensar o peso do próprio corpo, sendo fiéis produtores de alegria e de consolo. Outros, ainda, foram encarregados de aquecer com ironia a memória hoje esquecida das virtudes que muitos corpos pesados possuem (SANT’ANNA, 2001, p. 20-21).

Uma cultura “negativa” do “volume” se impera e o cultivo da aparência, impondo corpos mais flexíveis, leva a melhor sobre a antiga corpulência (VIGARELLO, 2012). De modo que atualmente, significados culturais, políticos e sociais na forma de perceber o corpo gordo, enfatizam práticas e discursos de coerção social, preconceito, desprezo e desprestígio experimentado pelos obesos em nossa sociedade (FISCHLER, 2005).

Ao descrever o processo de estigmatização¹³ sofrido pelos obesos no contexto contemporâneo, Poulain (2004) apresenta que os argumentos sobre o corpo obeso mudaram por volta de 1930 na França, mas destaca que foi em 1950 que o modelo de magreza se apresentou de forma mais massiva, passando “[...] do rechonchudo ao gordo” (POULAIN, 2004, p. 143).

Discorrendo sobre a dupla maneira de perceber o obeso, Fischler (2005) observa em uma pesquisa realizada na França, que, por um lado ele é percebido como uma pessoa simpática e agradável e por outro é entendido como um doente ou um depressivo. Seu estudo mostra também que, na maioria dos casos, eles são percebidos como os únicos responsáveis por sua condição “[...] eles são gordos, pensa-se, porque comem muito e são incapazes de se controlar” (FISCHLER, 2005, p. 73).

De maneira implícita, percebemos no discurso um julgamento moral sobre as pessoas que infringem as regras da divisão dos alimentos e comem mais do que a sua porção. Dito de outra forma é “alguém que come mais do que os outros, mais do que o normal, numa palavra: *mais do que a sua parte*” (FISCHLER, 2005, p. 74). “A gordura é, nesta perspectiva, ‘moralmente incorreta’, ela significa o egoísmo, atesta

¹³ Trataremos de explorar os significados da estigmatização no terceiro capítulo. Contudo, salientamos, nesse momento que Poulain (2004, p. 123) considera estigmatização “[...] a rejeição e desprezo que são associados ao que é visto (a obesidade) como uma deformação física e uma aberração comportamental”.

uma perda do *self-control*. A magreza torna-se então um sinal de integridade moral” (POULAIN, 2004, p. 143).

Esses argumentos confirmam que a percepção social da boa corpulência mudou ao longo da modernidade. A partir dessa reconfiguração do corpo obeso destacamos um controle ininterrupto dos sujeitos (em especial da aparência), por meio dos discursos científicos e midiáticos alicerçados nas preocupações de cunho estritamente biológico. Além disso, é possível destacar a produção de sofrimento que os discursos trazem, uma vez que atacam as questões mais íntimas dos indivíduos.

Essa dimensão biológica ganha forças e “a obesidade começou a tornar-se o critério determinante da feiúra, representando o vulgar, o ordinário e a velhice. A gordura evocava a repugnância – quando não a sujeira – e a afronta aos corpos jovens e sensuais da ‘verdadeira mulher’” (MATTOS, 2012, p. 186). Chegamos ao final do século XX e iniciamos o século XXI com a tríade ser bela(o)/jovem/saudável disseminada exaustivamente por diversos veículos de comunicação (MATTOS, 2012). Em outras palavras, hodiernamente, os aparatos midiáticos se apresentam como espaço privilegiado para divulgar ações de combate a estranheza corporal: a obesidade. Desse modo, os anúncios ganham visibilidade nos jornais, revistas, *outdoors* e anúncios de TV que produzem genericamente, discursos discriminatórios, dicas e receitas para a meta do corpo perfeito.

A mídia tem, portanto, papel fundamental na construção e divulgação de uma realidade homogênea, visto que tem um poder de evocação, de fazer existir representações e ideias sobre um determinado grupo (BOURDIEU, 1997). De forma que, pela legitimidade que lhe é conferida, provoca a recorrência de discursos sobre “verdades” que são divulgadas pelos jornalistas e apresentadores. Diante disso, Bourdieu (1997, p. 28) nos alerta que

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam *efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração, o fato de relatar, *to record*, como *repórter*, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização).

Assim, como afirma Bourdieu (1997, p. 83) “[...] a mídia não cessa de intervir para enunciar vereditos”. Neste sentido, a influência da publicidade é notória, uma vez que determina comportamentos, trabalha com questões que atraem a atenção dos indivíduos e, assim, produz representações coletivas do social, reforçando e mobilizando diversos julgamentos sobre distintos assuntos relacionados à vida de toda população. A essa forte autoridade, atribuímos também, a influência na vida das pessoas para escolha de produtos, definindo a duração de intensidade do assunto em voga e estabelecendo aquilo que interessa. O que, às vezes, chega a ser contraditório, já que ao mesmo tempo favorece a incidência da obesidade por meio da exposição excessiva de produtos, exalta a magreza em programas televisivos e, sobretudo, na publicidade (FREIRES *apud* MARCUZZO, 2011). Ou seja, a obesidade é desejada e “bem recebida” na perspectiva do consumo de produtos e serviços.

Desse modo, salientamos que,

[...] o comedor moderno está submetido a uma multiplicação de discursos contraditórios no modo do ‘é necessário’. A modernidade definir-se-ia não somente por uma crise do aparelho normativo, mas principalmente pela inflação de injunções contraditórias. A multiplicação dos discursos higienistas, estéticos, indenitários, e os modos que atravessam, participam do que Fischler designa como sendo uma ‘cacofonia alimentar’ (FISCHLER *apud* POULAIN, 2004, p. 138).

Ao citar Fischler, Poulain (2004) ressalta que a alimentação tornou-se objeto de decisões cotidianas que caíram na esfera do indivíduo. No entanto, o que caracteriza essa situação não é a ausência de regras, mas antes o aumento de discursos contraditórios em torno dos benefícios e malefícios alimentares, permeado principalmente, por interesses de mercado. “Comer é, portanto, um ato que impõe fazer escolhas, decidir, mas também assumir riscos objetivos e simbólicos” (POULAIN, 2004, p.105).

Hodiernamente, impõe-se aos indivíduos uma pressão cultural para emagrecer, gerando um pavor doentio de engordar (lipofobia) que está diretamente associada a uma “obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca à obesidade: A sociedade, dizia o nutricionista Jean Trémolières, cria os obesos e não os tolera” (FISCHLER, 2005, p. 69).

Nessa sociedade lipofóbica, Novaes e Vilhena (2003) afirmam que a gordura se tornou um paradigma da feiúra, criando forte exclusão social para aqueles que não se enquadram. O corpo gordo torna-se corpo feio e passa a ser desvalorizado,

perdendo espaço para o corpo “sarado”. A visão é destacada como o sentido privilegiado para conhecermos o valor de alguém. Nessa sociedade cercada por espelhos, o horror à gordura torna-se imperativo. “De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se realmente quiser, eu consigo). O fracasso não se deve mais a uma impossibilidade mais ampla, mas uma *incapacidade individual*” (NOVAES, 2006, p. 91).

Destarte, a responsabilidade com a aparência passa a ser própria do indivíduo, na medida em que os discursos incitam a necessidade de controlar comportamentos e seus impulsos alimentares, a fim de evitar constrangimentos morais e sociais. Dessa forma, o corpo “magro” torna-se uma “medalha de ouro, a qual todos buscam conquistar por meio de dietas restritivas, exagero na prática de atividade física, utilização indevida de medicamentos e adoção de procedimentos cirúrgicos” (MATTOS, 2012, p. 30).

De tal modo, é possível alegar que a prática discursiva apresentada pelos aparatos midiáticos, divulga de forma massificada, imagens estereotipadas que induzem e ressaltam a imagem do corpo saudável e belo, como formas de constituir a identidade. A partir daí, podemos cogitar a hipótese que “[...] imagens e informações sobre a obesidade também se globalizam e passam a influenciar as decisões individuais em diferentes espaços sociais” (GOMES, 2006, p. 51).

Assim, a estrutura da programação televisiva utiliza as imagens e à simplicidade da linguagem de modo a facilitar, aparentemente, a apreensão das mensagens¹⁴, transformando informações importantes em conteúdos abordados de forma panorâmica (NOVAES, 2006). Com esses recursos simplistas “[...] o espectador é poupado do trabalho de pensar, de processar as informações recebidas; e o mundo em *flashes* é facilmente deglutível, minimizando-se, assim, a

¹⁴ Ao julgar inaceitáveis as análises dos meios de comunicação que ignoram os conflitos, as contradições, as formas de dominação e de transformação do meio social, Martín-Barbero recusa as idéias difundidas pela Escola de Frankfurt e pelos teóricos marxistas da comunicação e elabora sua “Teoria das Mediações Culturais”. Em sua proposta, ele observou que os meios de comunicação não configuram o ser humano num receptor passivo e alheio à sua própria realidade, ou seja, a mídia não institui e delimita uma relação unilateral entre um emissor dominante e um receptor dominado, pois entre esses dois pólos há uma intensa troca de intenções na cadeia comunicacional. Assim descreve: “A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor” (MARTÍN-BARBERO *apud* DANTAS, 2009, p. 91). Com isso, salientamos que nossa intenção não está vinculada a apontar que os indivíduos recebem de forma passiva os discursos publicizados pela mídia, e de modo especial, no “Além do Peso”, mas enfatizamos que a intencionalidade do nosso *lôcus* de observação é se tornar um difusor dos preceitos que podem auxiliar no combate ao excesso corporal dos indivíduos obesos.

possibilidade de apropriação crítica e seletiva do conteúdo veiculado” (NOVAES, 2006, p. 79). Como afirma Bourdieu (1997, p. 73-74) as notícias de variedades têm,

por efeito produzir o vazio político, despolitizar e reduzir a vida do mundo à anedota e ao mexerico (que pode ser nacional ou planetário, com a vida das estrelas ou famílias reais), fixando e prendendo a atenção em acontecimentos sem consequências políticas, que são dramatizados para deles ‘tirar lições’, ou para os transformar em ‘problemas da sociedade’: é aí, bem frequentemente, que os filósofos de televisão são chamados em socorro, para restituir sentido ao insignificante, ao anedótico e ao acidental, que foi levado artificialmente ao prosa e constituído em acontecimento [...] ou qualquer ‘fato de sociedade’ capaz de suscitar indagações patéticas à maneira de Finkelkraut ou considerações moralizantes à maneira de Comte-Sponville.

O corpo obeso, ao ser trabalhado pelos canais de comunicação, além de ser uma preocupação médica passa a ser, também, um fato socializado, reforçando uma percepção generalizada de que esses indivíduos são os próprios responsáveis por sua condição. Essas ideias colaboram para reforçar o discurso que relaciona o corpo obeso a um ser doente que precisa ser tratado e isolado do contexto social. É com base nesse discurso que apresentamos, a seguir, o campo a que nos propomos pesquisar, como um espaço midiático que se concentra em veicular o tratamento adequado para essa condição corpórea, através de um grupo de obesos, que se submetem ao saber científico dos especialistas.

1.2 PROGRAMA DA TARDE: CARACTERÍSTICAS, APRESENTADORES E A PROGRAMAÇÃO

O programa da Tarde é uma iniciativa da Rede Record de Televisão e teve sua estreia em 10 de setembro de 2012. Se utiliza do entretenimento para criar um clima de descontração e se configurar como “uma verdadeira revista eletrônica de variedades, que leva todos os dias informação e entretenimento aos seus telespectadores e ao seu auditório” (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, maio/2014, p. 2).

Transmitido numa frequência semanal, de segunda à sexta-feira, das 14:30 às 17:30 horas, é desenvolvido em quatro blocos divididos por intervalos comerciais. A sua programação conta com uma variedade de quadros, que visa atingir a maior diversidade de público possível. Além disso, “o programa traz regularmente convidados que dividem o palco com os apresentadores, expondo suas opiniões e

percepções sobre os fatos pautados de cada dia” (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, Maio/2014, p. 2).

Contudo, em virtude da variedade dos quadros, a programação não é fixa. A constância do programa se encontra em veicular o quadro “Patrulha do Consumidor” e o *reality* “Além do Peso”. Por vezes, durante a semana, os outros quadros são inseridos na programação, porém, isso depende da influência dos quadros fixos¹⁵.

Em relação a audiência, em janeiro de 2014, só na Grande São Paulo, 343 mil telespectadores acompanharam diariamente a atração. No mês de março de 2014 foram 445 mil telespectadores que acompanharam a atração, ou seja, um incremento de 30%. De acordo com o Nível de Audiência (Março/2014) o programa detém 20% da audiência dos domicílios ligados na faixa horária, o que lhe garante a vice-liderança. Essa performance também é observada em diversos outros segmentos do público adulto (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, Maio/2014)

A frente do programa¹⁶ estão Ana Hickmann¹⁷, Britto Junior¹⁸ e Ticiane Pinheiro¹⁹, que juntos, formam o trio de apresentadores. O histórico dos

¹⁵ Voltaremos a este ponto na descrição do *reality* “Além do Peso”, já que a sua configuração interfere diretamente na programação apresentada no Programa da Tarde.

¹⁶ Vale destacar que Fábio Ramalho, também participou dessa edição do “Além do Peso” durante duas semanas no período de férias do apresentador Brito Junior. Contudo, no site não existe nenhuma informação vinculada a esse apresentador.

¹⁷ Ana Hickmann é empresária e conta com diversos produtos licenciados, divididos em várias categorias. Foi considerada pela revista Vogue brasileira como uma das dez mulheres mais bonitas do Brasil e nessa mesma época passou a integrar a equipe da Rede Record de Televisão. Em 2010, Ana deixou o matutino “Hoje em Dia” para se dedicar ao dominical “Tudo é Possível”, um programa de auditório que já comandava desde julho de 2009. E a partir de setembro de 2012, ao lado de Britto Jr., passou a comandar o “Programa da Tarde” (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, Maio/2014).

¹⁸ Hilton Antônio Mendonça Britto Jr., iniciou sua carreira de jornalista, em 1979, na rádio Independência de Caxias. Em 1981, ingressou na RBS TV Caxias do Sul, onde trabalhou durante quatro anos. Simultaneamente atuava como repórter da TV e da rádio ainda na função de correspondente da editoria de esportes do Jornal Zero Hora de Porto Alegre. Em 1984, foi contratado pela Rede Globo de Televisão, onde desenvolveu diversos trabalhos. Em agosto de 2005, foi contratado pela Rede Record de Televisão para apresentar o programa matinal “Hoje em Dia”. Em 31 de maio de 2009 se ausentou do “Hoje em Dia” para estar à frente do *reality show* “A Fazenda”. E desde setembro de 2012 dividi o palco com Ana Hickmann no “Programa da Tarde” (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, Maio/2014).

¹⁹ Ticiane Pinheiro é formada em jornalismo e cinema, começou sua carreira aos 9 anos de idade como apresentadora de um programa infantil. Em 1989 iniciou carreira de atriz em telenovelas na extinta Rede Manchete. Atuou também, em 2002, na versão de Sítio do Pica-Pau Amarelo na Rede Globo de Televisão. Em 2005, chegou a Rede Record de Televisão atuando na novela Prova de Amor. Mas, alcançou notoriedade em 2007 quando fez parte, junto com Karina Bacchi, no *Reality Show Simple Life: Mudando de Vida*. Ticiane já colaborou na cobertura de algumas matérias no programa “Hoje em Dia” e também apresentou um quadro com 12 episódios no “Falando sobre sustentabilidade: o Nosso Planeta”. E a partir de 2013 passou a fazer parte do “Programa da Tarde” (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, Maio/2014).

apresentadores lhes garante notoriedade social, pois são conhecidos por participarem da programação de diferentes emissoras de televisão. Ana Hickmann traz consigo a credibilidade de modelo internacional associada a empresas de renome mundial, chegando então às emissoras de televisão como apresentadora. Já Brito Jr. é jornalista e seu histórico, aliado a participação de apresentador do *Reality Show* “A Fazenda”, da Rede Record de Televisão, tornam sua carreira alinhada à proposta central da revista eletrônica em oferecer entretenimento aos telespectadores. Ticiane Pinheiro, também jornalista, ganhou notoriedade pelo histórico familiar, aliado a alguns trabalhos desenvolvidos em diferentes emissoras de televisão. O trio encontra-se sempre bem vestido. As duas mulheres normalmente usam roupas que marcam a cintura, sandálias de salto e joias. Brito Jr. usa calças tradicionais ou coloridas, sapatos e camisas coloridas.

Na condução do programa, os apresentadores, quando não estão sentados na poltrona que fica no palco, dão pequenos passos e posicionam-se em diferentes pontos do cenário durante a programação. Eles possuem também, uma importante dimensão discursiva, tanto porque falam em nome da emissora e refletem, aos olhos do telespectador, seus pontos de vista e modos de ser, quanto por serem aqueles que cedem lugar de fala aos demais participantes que são convidados ou fazem parte de algum quadro do programa. O trio costuma dividir a apresentação de um mesmo quadro, conferindo dinamicidade na exposição deles. É comum trocarem olhares e risos, o que contribui para um ambiente comunicativo de familiaridade e descontração. Com relação ao enquadramento dos apresentadores, quando estão sentados ou em pé, é comum aparecerem de corpo inteiro na tela, embora também aconteçam enquadramentos que denotam maior proximidade do mediador com a audiência.

Além dos apresentadores, o “Programa da Tarde” possui outros componentes que cumprem diferentes funções na programação. São eles: Manu Karsten - veterinária, exploradora e aventureira, faz reportagens que envolvem os animais mais exóticos e curiosos do planeta; Gustavo Sarti - consultor de moda, é responsável por dar dicas para os telespectadores do programa; Amin Khader-promoter, leva celebridades a passeios inesperados; Fábio Ramalho - repórter que atualiza os fãs sobre a vida dos artistas, rotinas de gravação das cenas, novidades da programação, bastidores e curiosidades, além de fazer matérias do quadro “Chamada da Esperança” e “Famoso, Só Que Não”; Alex Sampaio - repórter e grava

diversas matérias com celebridades, nos bastidores dos *shows* e matérias nas ruas sobre o *Reality Show* “A Fazenda”; Ana Paula Neves - faz as matérias do quadro “Chamada da Esperança”, matérias de comportamento e superação.

Na exibição do programa o enquadramento da câmera muda diversas vezes e explora visualmente o cenário da plateia, dos apresentadores e dos convidados²⁰ que participam *ao vivo*²¹. Percebemos assim, que o conjunto de movimentos da câmera cria um efeito de dinamicidade nos acontecimentos e uma aproximação com o telespectador. As cores predominantes do cenário são o vermelho e o branco. Essa mesma combinação de cores é acompanhada na própria logomarca. Através de um plano geral, vemos a logomarca numa tela bem grande no centro do estúdio, porém, quando algum quadro está sendo exibido, a configuração da tela muda e passa a exibir a logomarca do mesmo. Nessa mesma tela, são exibidas as reportagens que foram gravadas antes do início do programa. No canto esquerdo do estúdio, visualizamos os sofás que acomodam os apresentadores no decorrer do programa, eles também servem para receber as celebridades que concedem entrevistas ou os participantes de algum quadro da programação. A configuração muda quando os apresentadores recebem os participantes do *reality* “Além do Peso”. Nesse momento, presenciamos a organização, no canto direito do palco, de 8 cadeiras azuis bem largas, para acomodá-los. Já os especialistas ficam sentados em cadeiras brancas atrás de uma mesa da mesma tonalidade²².

Os assuntos abordados pelo programa não seguem uma linha sistemática, de modo que, a sua configuração propõe diferentes quadros, são eles: Patrulha do Consumidor; Por Onde Anda; Em Troca de um Troco; Meu Trabalho é Espetacular; Tici Visita; Pênalti dos Quebrados; Dança em família; Receita da Tarde; A Festa que Cabe no Bolso; Um dia de Estrela; Eu Faço Melhor; Essa ninguém Viu; Chamada de Esperança; Diário das Celebridades; Além do Peso; Repórter em Ação; Por Dentro do RECNOV; Manu Selvagem; Hobby do Artista; Meu Bicho tem um Talento; Meu PET tá com Problema; Adivinhe o que eu faço e Esse Bicho é um Luxo. Entretanto,

²⁰ Esses convidados podem ser atores, celebridades, músicos, comediantes e outros que possam auxiliar a entreter e comentar as informações fornecidas pelo programa.

²¹ Por se tratar de uma programação *ao vivo*, o programa conta com o suporte *full time* do departamento jornalístico da Rede Record, que proporciona a participação do telespectador através de perguntas ou nas enquetes lançadas durante a programação. No site do programa, além das enquetes, o telespectador pode fazer uma assinatura semanal, por R\$ 2,99, para receber informações sobre as atrações do programa.

²² Traremos mais informações sobre a configuração durante o *reality* “Além do Peso” no item que descreve sua configuração.

como mencionado antes, os programas que são publicizados de segunda à sexta-feira, são o “Patrulha do Consumidor” e o *reality* “Além do Peso”. A disposição dos outros quadros depende da organização do *reality* “Além do Peso”, que muda de acordo com o dia da semana.

O Programa da Tarde abre com uma vinheta de 10 segundos. A primeira imagem é da logomarca do programa num formato de círculo que apresenta um foco de luz sobre sua parte externa. A cor segue uma gradação que vai de verde claro ao branco. A circunferência do círculo é feita na cor vermelha e o nome do programa é escrito dentro dele, nesta mesma cor. A logo surge na tela e faz um deslocamento rápido em torno do seu próprio eixo, para em seguida se fixar na tela, numa só posição. Para iniciar os blocos de intervalo, o programa utiliza a vinheta.

Logo após a vinheta inicial, os apresentadores, um por vez, falam dos principais destaques da programação do dia. Nesse momento, não existe uma sequência determinada para todos os dias, ou seja, as ordens das falas variam constantemente. Em seguida, os apresentadores tomam seus postos e iniciam oficialmente a programação.

O primeiro quadro apresentado é intitulado “Patrulha do Consumidor”. É comandado pelo jornalista e advogado Celso Russomanno: “especialista em defesa do consumidor que denuncia e cobra respeito ao Código de Defesa do Consumidor. Polêmico e destemido, o quadro coloca frente a frente o cidadão lesado com a empresa acusada” (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, Maio/2014, p. 7).

Nesse quadro, Celso Russomanno soluciona problemas dos consumidores, de todo Brasil, que enviam mensagens e e-mails à direção do programa sobre assuntos que vão desde a compra de bens e produtos que foram pagos, mas não entregues ou apresentam defeitos, até problemas com aquisição de serviços privados e públicos. O quadro, em geral, apresenta uma reportagem externa, com o consumidor explicando o problema que o levou a procurar o programa. Em seguida, no palco, os consumidores compõem a bancada, junto com os apresentadores Ticiane Pinhiero, Brito Jr. e Ana Hickmann e com o jornalista Celso Russomanno. O jornalista faz o contato, *ao vivo*, com o prestador de serviços e explana o caso à pessoa que atendeu ao chamado telefônico. Quando não fica registrada a solução do caso, Celso reapresenta o problema no dia seguinte. E quando os casos são solucionados, é feita uma reportagem com os consumidores relatando a resolução do caso. O quadro dura, em média, 30 minutos.

Em seguida, começa o *reality* “Além do Peso” que é descrito, pela emissora, da seguinte forma:

Neste reality, a luta diária é contra a balança, a única capaz de eliminar alguém do jogo. A equipe de profissionais de saúde orienta e dá suporte para que além do emagrecimento os participantes, e os telespectadores, aprendam a levar uma vida mais saudável [...]. Ao final, o internauta vota e decide quem leva um carro zero quilômetro (PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD, maio/2014, p. 9).

A programação subsequente varia de acordo com a duração do *reality* “Além do Peso”. Contudo, em geral, após o *reality* é exibido o quadro intitulado “Diário das Celebridades”, onde notícias e entrevistas informam o que acontece na vida dos famosos. Nesse quadro, uma voz narra as notícias e uma gravação mostra, a partir de imagens, o que aconteceu na vida das celebridades. As notícias, em geral, anunciam aspectos relacionados a vida privada dos artistas e a seleção das reportagens abordam pessoas de âmbito nacional e internacional.

É comum, também, os apresentadores receberem artistas, cantores e humoristas para participarem da programação diária. Quando isso acontece, percebemos que, após apresentarem sua atração (artística, musical, *show* de humor) eles compõem, junto com os três apresentadores, o sofá do cenário, para conversarem sobre diferentes assuntos.

Os outros quadros citados acima (que fazem parte do rol de atrações do programa) também podem compor a programação, porém, para relatar isso, seria preciso dispensar um tempo analisando diariamente a programação para estabelecer a recorrência deles. Assim, focaremos nossa análise para a configuração do *reality* “Além do Peso”, que será discriminada no tópico a seguir.

1.2.1 UMA DESCRIÇÃO DO *REALITY* “ALÉM DO PESO”: SUA PROPOSTA, OS PARTICIPANTES E OS ESPECIALISTAS

Neste tópico, faremos uma descrição detalhada do quadro a que nos propomos pesquisar. Diante disso, ressaltamos que a apresentação será realizada com base na análise da primeira temporada do *reality* “Além do Peso”, apresentada de 23 setembro à 20 de Dezembro de 2013. A coleta de dados foi realizada através

de observação assistemática²³ pela televisão, como também, pelas transcrições dos vídeos que estão disponíveis no site *R7.com* da Rede Record de Televisão.

O *reality* "Além do Peso" é uma parceria da Rede Record de Televisão com a Endemol Brasil²⁴, sendo, na verdade, uma versão do *reality* "Cuestión de Peso" da Endemol Argentina. Contudo, a ideia do formato é a mesma, ou seja, submeter os participantes a exercícios e a um processo de readequação alimentar e ver quem consegue perder mais peso. Para isso, diariamente, os participantes são submetidos à alimentação balanceada e a diferentes atividades, tais como: correr, dançar, nadar, dentre outros.

O quadro funciona com 8 participantes, sendo 4 homens e 4 mulheres que, para continuar na competição, precisam atingir a meta que lhes é imposta semanalmente. O peso que cada um deve perder equivale a 1% do atual, sendo definido pela equipe de especialistas. Caso a meta não seja atingida o participante é eliminado, sendo, nesse caso, substituído por outro participante. Com isso, pela organização do *reality*, o número de competidores é fixo até o encerramento da temporada.

Os participantes ficam confinados doze horas por dia. O programa disponibiliza o ônibus que faz o transporte dos competidores de casa ao local das atividades. As alimentações e as atividades externas ao palco são gravadas e expostas durante a semana. Porém, no horário que é exibido o programa, e por consequência as gravações, os participantes ficam no palco junto com os apresentadores e os especialistas.

As atividades realizadas pelos competidores variam diariamente, por isso, não são fixas num único espaço. Elas podem ser realizadas, por exemplo, na piscina, numa quadra de tênis, no centro de treinamento do exército, na academia, em salas

²³ Foram acompanhados, pela televisão, alguns episódios da primeira e da segunda temporada do *reality* "Além do Peso", pois era preciso entender a lógica do seu funcionamento, destacando, nesse sentido, as propagandas que estavam vinculadas a ele. Contudo, não foi possível fazer esse diagnóstico num período extenso, visto que as demandas acadêmicas (créditos à cumprir) não permitiram que essa análise fosse mais sistemática.

²⁴ A Endemol Brasil é uma produtora de conteúdo pertencente à Endemol Internacional, a maior produtora independente do mundo. A sua versão brasileira produz entretenimento para emissoras e plataformas digitais, além de atuar na criação de *branded content* para agências de publicidade e seus clientes. Com um catálogo de mais de 2000 títulos, a Endemol cria e produz de *reality* à ficção, passando por *talent*, *game shows* e comédias. No Brasil, a Endemol já produziu programas como: "Um Contra 100", "Um Milhão na Mesa", "Topa ou não topa", "Rola ou Enrola", "Extreme Makeover", "O último passageiro", "Além do Peso" e "Os incríveis: O grande Desafio".

fechadas, em quadras poliesportivas, espaços ao ar livre, dentre outros. Nesse rol de espaços convenientes para prática de atividade física, um exemplo inusitado, foi a ida dos participantes ao lava jato. Nesse espaço, os competidores foram divididos em dois grupos e ambos ficaram responsáveis por limpar e secar um automóvel. Ao final da atividade, os oito participantes tiveram que lavar o ônibus que os transporta. A justificativa do preparador físico para realizar a atividade, se circunscreve no contexto discursivo que insiste em contabilizar o gasto energético proporcionado por tal ação, que, nesse caso, era de 900 calorias. Nesse sentido, percebemos a ênfase do programa nas atividades propostas, ou seja, o importante é gastar calorias.

As atividades vão ao encontro dos espaços disponibilizados para elas. Porém, cabe destacar, de forma sucinta, algumas que se efetivaram durante a primeira temporada. São elas:

Atividade na piscina com exercícios de hidroginástica; atividade de dança, numa casa noturna (fechado para os participantes), com aula de funk; aula de zumba (um estilo de dança) numa academia com uma professora especialista nesta modalidade; musculação; jogo de basquete; aula de boxe; brincadeira de queimada; aula de arco e flecha; aula de dublagem e encenação; aula de pilates; exercícios de yoga em sala aquecida; aula de atletismo; aula de squash; treinamento de TRX (atividade que utiliza o peso do corpo como carga) com um especialista específico nesta modalidade; aula de step; aula de hip hop; aula de tênis, dentre outras que fazem parte do conjunto estabelecido pelo preparador físico do *reality*.

Contudo, podemos destacar duas atividades realizadas pelos participantes. São elas: uma que foi nomeada de “jogo da raiva”, onde, num ferro velho, os participantes, um por vez, receberam um pedaço de madeira e a seguinte ordem: ficar de olho aberto e golpear, por alguns segundos, uma caixa de ferro. O objetivo da terapeuta que propôs a atividade foi que os participantes extravasassem a raiva que tem de uma pessoa, com uma sequência de golpes. De forma que, conforme o argumento da especialista, liberando o hormônio da adrenalina, eles conseguiriam otimizar o batimento cardíaco e a pressão arterial. Outra atividade inusitada foi a ida dos participantes a uma rede atacadista de supermercados, para exercer a função de carregadores de mercadorias e gastar, segundo o preparador físico, 900 calorias. Neste espaço, eles receberam ordens do gerente da loja e instruções do preparador físico. O objetivo foi trocar algumas mercadorias de lugar, deslocando-as em pequenas e longas distâncias. Os alimentos variavam desde frutas e verduras a

alimentos não perecíveis e estavam acondicionados em sacos que pesavam em torno de 25 à 30 kg, cada. A intenção destas atividades é condizente com o discurso hegemônico que limita a atividade física, seja ela qual for, à simples função de queimar calorias, não considerando, com isso, o gosto e o prazer do indivíduo a realizá-la. Com isso, eles devem obedecer ao que lhes é imposto, caso contrário podem ser punidos verbalmente pelo preparador físico, durante a atividade, e pelos apresentadores, quando veiculam a filmagem do ocorrido no palco. Nesse caso, os participantes são adjetivados como pessoas que não possuem força de vontade, determinação, auto-estima e que precisam se esforçar mais para honrar a oportunidade de estar no programa que muitos querem, mas poucos são escolhidos.

Além da atividade física, os participantes precisam seguir uma dieta que é recomendada pela nutricionista. Durante a semana, eles realizam as refeições em conjunto, sendo elas: café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e ceia. O controle do cardápio é rigoroso e os participantes não podem substituir os alimentos que lhes é programado para o dia. Já no final de semana, cada competidor recebe, na residência, uma marmita para cada refeição. Cabe ao participante a decisão de seguir (ou não) o que lhes é imposto, já que não são monitorados durante esse período. Do mesmo modo, as atividades que promovem gasto calórico ficam por conta dos competidores.

A despeito disso, o *reality* utiliza um rigoroso controle de pesagem e estabelece a balança como forma de identificar quem cumpriu (ou não) as indicações dos especialistas. Assim, na segunda-feira, a balança é utilizada para verificar se o participante conseguiu manter a alimentação e a prática de atividade física durante o final de semana. Desse modo, eles são pesados para verificar se o peso continua igual ou inferior ao apontado pela balança na sexta-feira anterior. Se o peso estiver menor, o participante continua na competição, já se o peso for maior, ele é eliminado do programa. Na sexta-feira, a balança é utilizada para mapear quem conseguiu cumprir a meta de perder 1% do peso verificado na sexta-feira anterior. O peso que é estabelecido como meta varia de acordo com o participante e é estabelecido pelo nutrólogo que acompanha os competidores.

Para não ser eliminado, o competidor precisa seguir o que é estabelecido pelos especialistas e reconhecer que através da alimentação saudável e com a prática de atividade física eles podem continuar na competição, eliminar os riscos da obesidade e manter uma vida saudável. A recorrência desse discurso consiste em

manter uma alimentação saudável controlada e a prática de diferentes atividades, como descrito acima. Por isso, em todos os dias da semana, o programa veicula aos telespectadores as atividades realizadas pelos participantes. Além disso, outras ações são realizadas pelos competidores durante a semana, conforme apresentamos na sequência.

Na segunda-feira eles comparecem ao palco do programa, *ao vivo*, para fazer a pesagem do final de semana. No horário do jantar, participam do “jantar de gala”, onde os participantes são levados ao restaurante²⁵ e podem “sair da rotina” estabelecida pela nutricionista. Contudo, durante a ingestão dos alimentos, os participantes são filmados e monitorados pela equipe do programa. Eles não levam punição concreta caso não se controle na ingestão de alimentos “não apropriados”, porém eles são repreendidos verbalmente, pelos especialistas e pelos apresentadores, caso tenham se excedido.

A justificativa para esse tipo de atividade é que os participantes precisam aprender a conviver com todas as variedades de comida e se comportar de forma moderada frente ao alimento. Temos, como exemplo, outra atividade, que não foi realizada num “jantar de gala”, mas pode comprovar a intencionalidade posta pelo *reality*. Na sala de refeições, a produção organizou um café da manhã que foi acompanhado pela psicóloga Vanessa Carminatti. A especialista do programa caracterizou a atividade como uma forma de os participantes enfrentarem o alimento. Para que isso fosse possível, foi organizada uma mesa com diferentes comidas, tais como: pão de sal e doce, presunto, queijo mussarela, salame, pão de queijo, sonho recheado com creme, bolo de cenoura com calda de chocolate, salgado assado, suco dentre outras que faziam parte da rotina matinal de cada competidor, antes de entrarem no *reality*. Sobre a mesa, a produção organizou oito pratos, nomeados por participante. O objetivo da atividade, segundo a psicóloga, era proporcionar o enfrentamento deles para com a comida, de forma que aceitassem que a comida, na luta contra a obesidade, é a maior inimiga. Para efetivar a proposta, cada participante olhava para o seu prato e dizia o quanto aqueles alimentos foram responsáveis por sua condição corporal atual.

Na terça e na quarta-feira não existe uma sequência definida. Em geral, o programa apresenta alguma atividade que é realizada *ao vivo*, no palco. Temos

²⁵ O restaurante pode ser de comida tradicional (brasileira), Italiana, japonesa, dentre outros. Assim, a cada semana é apresentada uma variedade de alimentos.

como exemplo, jogos de competição entre os participantes; quiz com perguntas e respostas; aula de zumba, dentre outras atividades.

Na quinta-feira, os participantes fazem a pesagem nos “bastidores”, mas não são informados se estão próximos ou não da meta estabelecida. Caso o peso seja superior à meta, são submetidos à uma nova pesagem palco. Nesse momento, ficam sabendo qual peso possuem e a quantidade que precisam eliminar, em 24 horas, para continuar na disputa. A partir disso, o participante se enquadra na categoria “peso de risco” e recebe uma camiseta preta que o diferencia dos outros participantes e mostra ao público que ele pode ser eliminado no outro dia.

Na sexta-feira, no palco do programa, os participantes são submetidos à pesagem para verificar se a meta semanal foi atingida. Antes desse procedimento, os participantes, acompanham uma reprise de toda semana.

Durante a semana, os participantes são acompanhados pelos especialistas Alexandre Bró, Bianca Naves, Vanessa Carminatti e Thiago Volpi. Contudo, a presença mais marcante é do preparador físico Alexandre Bró que,

é formado em Educação Física, é certificado em excelência e performance humana pela Federação Internacional de Educação Física. Começou a carreira como professor de Educação Física em clubes e academias e é ex-atleta. Alexandre **costuma dizer que é um preparador físico, porque usa o conhecimento acadêmico e fisiológico para fazer com que as pessoas consigam transformar seus corpos** (grifo nosso) (PROGRAMA DA TARDE, 2014).

Ao analisarmos a descrição apresentada sobre o preparador físico percebemos que vincula à educação física ao discurso meramente biológico. Além disso, o corpo é apresentado enquanto objeto e, sobretudo, considera o indivíduo como ser passivo que recebe as ordens e os comandos de ação do “Sargento Bró”, como é chamado o preparador físico, que por vezes, veste a roupa que faz referência a corporação militar. Ao evidenciar esse entendimento sobre o corpo, ressalta um argumento de apelo moral que alimenta negativamente o imaginário social sobre a função do professor de educação física, como aquele que tem a tarefa de estimular, incansavelmente, a prática de atividade física.

No site do Programa da Tarde (2014c) na internet, o preparador físico ganhou um espaço para uma apresentação da sua história pessoal mais detalhada, conforme descreve:

[...] Com o tempo, [...] foi criando amor pela corrida e foi se dedicando ao máximo. Com 19 anos, Bró ganhou em primeiro lugar na categoria juvenil e contou que foi uma emoção única. ‘Um ano antes dessa prova eu fui eleito como um dos 30 melhores triatletas do Brasil, e isso é muito especial’. [...] O

atleta também contou que tenta passar para os participantes do “Além do Peso” tudo o que ele provavelmente já passou, e sabe que eles podem aguentar, suportar e não desistir. [...] ‘A dor é temporária, mas a glória é para sempre’, essa é a única frase que o especialista disse que leva para a vida, e ainda explicou: ‘Todo atleta sente dor, mas o que faz ele seguir em frente, mesmo com dor, sem unha, é a vontade de chegar na reta final e ter a sensação de que é um Super-Homem’. [...] ‘Consigo comparar a corrida com a nossa vida, porque para ambos nós só vencemos com garra, determinação e sem desistir nunca’, contou.

A entrevista veiculada no *site* do Programa da Tarde sobre Alexandre Bró mostra a ligação do profissional com o treinamento, a corrida de rua e a sua relação com a necessidade de superar desafios, ter força de vontade, determinação, coragem, dentre outros adjetivos que os fisicamente ativos devem possuir. Nessa entrevista, o preparador físico apresenta sua ligação com a corrida no sentido de mostrar aos leitores que até ele, especialista, teve que superar adversidades para ter um corpo saudável. Desse modo, ele se apresenta como exemplo de vida para aqueles que precisam cultivar um estilo de vida saudável.

Além do especialista, identificamos, na estreia do “Além do Peso”, a presença da participante vencedora do *reality* “Cuestión de Peso” da Argentina. A produção exhibe um vídeo com alguns momentos vivenciados por Jeniffer durante a competição. Em geral, mostram o sofrimento da participante ao realizar os exercícios e ao se alimentar da forma estabelecida pelo grupo de especialistas. Contudo, ao final do vídeo, Jeniffer entra no palco e se apresenta como exemplo de superação para os participantes do Brasil, pois apesar de todo sofrimento vivenciado durante a temporada do *reality*, a participante agora exhibe um corpo com 80 quilos a menos do peso anterior (150 kg).

Indubitavelmente, tanto a história de vida do especialista, quanto a da participante da Argentina são apresentados como exemplos a serem seguidos pelos participantes. Desse modo, corroborando Bauman (2001, p. 78), enfatizamos, por hora, que, “[...] o que as pessoas em busca de conselho precisam (ou acreditam precisar) é um exemplo de como outros homens e mulheres, diante de problemas semelhantes, se desincumbem deles”.

Com relação aos outros especialistas, encontramos poucas informações no *site* do programa da tarde. Bianca Naves²⁶ é apresentada da seguinte forma:

²⁶ Bianca Naves está na lista de especialistas do “Além do Peso”, no *site* do “Programa da Tarde”. Contudo, identificamos durante as transcrições dos vídeos, que a nutricionista entrou no *reality* no mês de Outubro, substituindo a nutricionista Camila Del Papa.

Nutricionista com prática clínica há 11 anos, sócia proprietária da NutriOffice - Clínica de Nutrição especializada em programas de emagrecimento e qualidade de vida. Membro do Departamento de Nutrição da SOCESP (Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo) e professora colaboradora da pós - graduação do curso de Nutrição do Centro Universitário São Camilo – SP (PROGRAMA DA TARDE, 2014a).

O perfil apresentado pelo programa legitima o discurso apresentado pela especialista, ou seja, mostra, mesmo que de forma sucinta, a experiência como nutricionista especialista em programas de emagrecimento. Como exemplo dessa especificidade de atuação, evidenciamos a sua ligação com o mercado através da venda do tratamento para obesidade e, ao mesmo tempo, como proprietária da empresa que vende a fórmula de obter o corpo magro. No *reality* “Além do Peso” Bianca Naves é responsável pela reeducação alimentar dos participantes. Ela monta o cardápio de cada competidor e ainda contribui dando dicas, aos telespectadores, de alimentação saudável.

As informações sobre Vanessa Carminatti apontam que ela é:

Psicóloga desde 2001. Mestre em Psicobiologia e Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pela UNIFESP. Escolheu a psicologia porque fazia teatro e achou que o curso a ajudaria na carreira de atriz. Hoje é psicóloga em tempo integral e ama o que faz. Seu trabalho consiste em orientar pessoas com transtornos do humor, de ansiedade e, principalmente, transtornos alimentares focando no sofrimento e na visão negativa que o indivíduo tem de si, do outro e do futuro (PROGRAMA DA TARDE, 2014b).

A explanação sobre a psicóloga não difere da nutricionista, pois a descrição apresentada procura meios de legitimar o discurso dos especialistas no “Além do Peso”. Ou seja, a sua formação e experiência profissional asseguram a veracidade do que é publicizado.

Esse trio de especialistas esteve presente na primeira, na segunda e na terceira temporada do *reality*. Além deles, a primeira temporada contou com a participação do nutrólogo Thiago Volpi, especialista responsável por indicar aos participantes a meta a ser atingida a cada semana. Ele é:

Médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) - Nutrologia pela Associação Brasileira de Nutrologia (ABRAN) – Nutrologia Esportiva e Capacitação em Obesidade Estética Médica pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino. Médico e ex-atleta, o Dr. Thiago Volpi direcionou sua formação para prestar atendimento qualificado na assistência à pacientes que procuram assessoria em estética corporal, obesidade, envelhecimento saudável, medicina preventiva, nutrologia e performance esportiva. Mantém parcerias com profissionais ligados à nutrição e à atividade física, e procura estar sempre atualizado e atento ao rápido desenvolvimento científico existente na área (PROGRAMA DA TARDE, 2014d).

No palco do programa, os especialistas apresentam vestimenta variada. O preparador físico, Alexandre Bró, faz uso de roupa *fitness* (calça tãctel, blusa de material visco lycra e tênis). A psicóloga, Vanessa Carminatti, veste roupas casuais (calça social, blusa e sapato alto). Já o nutrólogo, Thiago Volpi e a nutricionista, Bianca Naves, usam jaleco branco, identificando que eles são da área médica, conferindo dessa forma, autoridade no discurso publicizado.

Com relação à apresentação do trio de jornalistas no *reality*, identificamos que eles fazem comentários, com base no discurso dos especialistas, como forma de legitimar o que falam. Durante todo programa, eles discorrem falas sobre as situações, os casos e os acontecimentos que estejam vinculados ao quadro. O peso de autoridade lhes concede credibilidade de relatar impressões sobre qualquer fato que possa ocorrer. Por exemplo, quando algum participante, na pesagem surpresa, é enquadrado no “peso de risco”, os apresentadores cobram uma atitude do participante para contornar a situação e justificam que a condição apresentada pelo competidor se efetivou porque ele não seguiu as dicas, faltou empenho e dedicação para com as regras impostas.

Sobre os competidores selecionados pelo “Além do Peso”, conseguimos informações com base nas transcrições que foram realizadas dos vídeos²⁷ de apresentação e também através do perfil apresentado no *site* do programa. O *reality* contou com a participação, no total, de 11 competidores. Entretanto, no início foram 8 participantes selecionados, e na medida que as eliminações aconteceram, foram substituídos²⁸. São eles:

Camila Teracin trabalha na área de Recursos Humanos e tem 38 anos. Ela mede 1,57 e entrou no *reality* com 120,1 kg. No vídeo de apresentação, Camila conta que o excesso de peso se intensificou após o casamento. Ela diz:

[...] eu não fui sempre gordinha. Eu sempre fiquei dentro da faixa dos cinquenta e poucos quilos e até os 28 anos eu realmente não tive problema de peso. Foi a idade, justamente, que eu decidi me casar. Eu passei a ter outro estilo de vida, então, antes eu trabalhava 6 horas por dia, fazia esportes, andava de ônibus, ai de repente eu juntei uma grana e comprei um carro, parei de fazer academia, passei a trabalhar o dia inteiro, comecei

²⁷ O vídeo sobre a história de vida dos participantes está disponível no *site* do R7.com. Apontamos, sucintamente, algumas informações dos participantes a fim de demonstrar as características dos mesmos. Contudo, será possível conhecer um pouco mais dos discursos deles tópicos de análise.

²⁸ No decorrer da temporada tivemos cinco eliminações (Samira, Eduardo, Caroline, Marcos e Mila, na sequência). Contudo, após a eliminação dos quatro primeiros o programa realizou uma votação no *r7.com* para que dois desses participantes retornassem ao reality. Os que tiveram maior percentual de votos foram Samira e Eduardo.

a frequentar mais *fast food* do que antes, a pedir mais pizza, a frequentar mais restaurantes e enfim. Assim, parei de uma certa forma, de me preocupar com meu peso, achando até que [...] seria bom que eu ficasse mais gordinha, assim eu não seria tão assediada e [...] ninguém olharia pra mim, eu também não cairia em tentação e viveria feliz para sempre com meu marido e acabou. Então, quer dizer, eu me isolei como mulher, então, eu deixei de ser mulher (CAMILA TERACIN, VÍDEO 01).

A participante afirma que a sua principal meta na competição é emagrecer para brincar com seu filho de 07 anos. Acredita, ainda, que a redução de peso pode ajudá-la a resgatar sua feminilidade.

Marcos Roberto Fernandes é cantor lírico e tem 37 anos. Ele mede 1,82 e entrou na competição com 161,6 kg. O participante relatou "[...] sempre fui uma criança, digamos, fofinha. Eu não era uma criança obesa, mas eu era uma criança gorda" (MARCOS FERNANDES, VÍDEO 05).

A meta de Marcos, ao entrar na competição, era emagrecer para conseguir trabalhos. No vídeo sobre a história de vida de Marcos, sua esposa, Danúbia, afirma que: "nos últimos tempos ele perdeu muitas oportunidades por causa do sobrepeso" (VÍDEO 05) e ainda completa: "[...] ele merece uma chance de melhorar seu peso para conquistar mais coisas na vida profissional e na vida pessoal mesmo" (idem). Outra meta de Marcos está relacionada ao seu desempenho sexual. Ele enfatiza que o excesso de gordura na região abdominal o impede de ver seu órgão sexual. E ainda relata que "[...] eu fico parecendo um rolo compressor em cima da minha mulher, coitada, não 'aguenta!'" (MARCOS FERNANDES, VÍDEO 05). Marcos acredita, também, que ao emagrecer terá uma vida mais saudável.

Caroline Procópio trabalha como secretária e tem 21 anos. Ela mede 1,64 e entrou na competição com 121,4 kg. A mãe de Caroline, Ivani, acredita que a morte do pai interferiu no aumento de peso. Com base nesse argumento, Caroline acrescenta: "[...] eu camuflei completamente todos os meus sentimentos, eu não me dei o direito de sofrer pela morte do meu pai. Eu aprendi dessa maneira a cuidar mais das pessoas do que de mim. Eu acho que esse é o ponto principal da minha vida até hoje" (CAROLINE PROCÓPIO, VÍDEO 02).

Caroline, ao relatar sobre sua carreira como modelo *plus size* diz:

[...]eu parei de ser modelo *plus size*, porque não é um mercado que faz muito feliz, principalmente porque eu vejo a obrigatoriedade das pessoas continuarem da forma que elas estão. Eu vejo isso como um certo comodismo, eu não quero mais isso pra mim, se eu decidi mudar, então, eu preciso sair desse ramo, já não faço mais parte do *plus size*. Se eu for fazer isso, eu vou ter que ser meu cartão de visita, vou ter que fazer por mim antes de fazer para os outros (CAROLINE PROCÓPIO, VÍDEO 02).

Ao ingressar na competição, Caroline estipulou como meta emagrecer para “entrar numa loja de roupa, aquelas que eu nunca entrei, porque nunca teve nada pra mim” (CAROLINE PROCÓPIO, VÍDEO 02).

Eduardo Santos é cabeleireiro e tem 35 anos. Ele mede 1,68 e entrou na disputa com 99,7 kg. Eduardo confessa que o que lhe dá mais prazer “é comer, definitivamente é comer mesmo”. O participante relata, ainda, que sempre foi acima do peso e,

[...] na época da escola, eu sofria bastante, sempre fui gordinho e chegava no recreio os meninos me batiam pulavam em cima de mim, pegavam meu lanche, falavam que eu era gordo e não precisava comer, pegavam meu dinheiro [...] tinha época que eu não queria ir para a escola e minha mãe perguntava: ‘mas porque você não quer ir para a escola’? Nada mãe, nada, porque eu não falava pra eles isso, que eu ficava muito chateado (EDUARDO SANTOS, VÍDEO 03).

Insatisfeito com a própria aparência, ele resolveu se inscrever no *reality* para ser feliz e obter êxito na profissão, pois relata que tenta ser feliz e

[...] mostrar para as pessoas uma felicidade, uma alegria, mas por dentro eu sou muito triste, pela minha situação, por eu querer mudar e nunca conseguir mudar isso em mim, então por dentro eu sou triste, mas para as pessoas eu acho que não preciso demonstrar a minha infelicidade, até porque as pessoas não tem culpa. Então, para as pessoas eu mostro uma alegria, eu ‘rio’, converso com todo mundo, passo a maior felicidade do mundo, mas à noite só eu e Deus sabemos o que se passa comigo (EDUARDO SANTOS, VÍDEO 03).

Leandro Lima Soares tem 21 anos, 1,88m de altura, entrou na competição com 138,2 kg e é auxiliar de logística. O participante ao falar da sua relação com a comida a descreve da seguinte forma:

[...] a comida representa pra mim a felicidade, a alegria ... é minha alegria, é como eu tivesse ganhado na mega sena, é a hora mais feliz do dia pra mim é a hora que eu to comendo, depois eu fico meio desanimado. Se minha mãe manda eu fazer alguma coisa eu não faço, mas se for em troca de alguma comida eu faço, sem problema nenhum. Se ela falar, lava o quintal que eu te dou uma coxinha. Ah... com certeza, em 5 minutos, eu lavo (LEANDRO SOARES, VÍDEO 04).

A avó de Leandro, Dulce, afirma se preocupar com o neto e diz: “[...] ele come muito, come bastante, a gente briga bastante com ele [...] porque é saúde [...] em primeiro lugar” (VÍDEO 04). Durante sua apresentação, o participante aponta ainda, cinco motivos que o fazem querer emagrecer e continuar na competição. Em primeiro lugar, afirma ter dificuldade para namorar e diz: “[...] eu não arrumo namorada, nunca tive namorada” (LEANDRO SOARES, VÍDEO 04). Em seguida, apresenta como meta melhorar seu desempenho no trabalho, pois revela ter problemas ao realizar as tarefas ordenadas. Leandro ainda aponta dificuldade ao

lidar com o *bullying* que sofre dos amigos, dos familiares e dos desconhecidos. O participante expõe, após, o problema que sofre ao colocar a roupa, ele afirma: “para colocar a roupa eu tenho muita dificuldade” (LEANDRO SOARES, VÍDEO 04). E por último, apresenta como grande sonho conseguir passar na roleta do ônibus.

De forma a salientar o sonho de Leandro, recordamos aqui o dia que a apresentadora Ticiane se caracterizou como uma pessoa “gordinha” e mostrou as dificuldades enfrentadas, no transporte coletivo, pelos que possuem excesso de peso. Após 3 horas e 30 minutos de caracterização com uma prótese que aumentou o formato do rosto e um figurino que agregou robustez a ao seu corpo, a apresentadora seguiu para o ponto de ônibus com uma equipe da produção e com diversas câmeras escondidas. Ela andou pelas ruas e parou num ponto de ônibus, onde ninguém a reconheceu. Ao adentrar no coletivo diz ao trocador: “acho que vou ‘entalar’, moço”. Na sequência, como narradora das suas imagens no veículo ela completa:

Devo relatar que foi bem difícil passar na catraca do ônibus. Parece que o espaço foi feito apenas para as pessoas magras. O banco do ônibus também não tinha espaço suficiente pra eu sentar. Mesmo não querendo, as minhas pernas e quadril invadiam o espaço ao lado (VÍDEO 11).

Nesse momento, cabe destacar o que os espaços dos equipamentos públicos enfatizam e excluem os que não se enquadram na imagem corporal destacada como ideal: o corpo magro.

Outra participante do “Além do Peso” é MarinaYumi Koga, professora de Artes que tem 29 anos. Ela mede 1,61 e entrou na disputa com 105 kg. O esposo de Marina contou que estão juntos há 8 anos. Ele ainda afirma: “quando eu conheci a Marina ela era bem mais magra do que ela tá hoje” (PATO, VÍDEO 06). Marina concorda com a afirmação do marido e diz: “[...] eu me vestia melhor, mais ‘estilosa’, gostava muito de sapato de salto” (VÍDEO 06). Ela ainda relata que saiu da faculdade, prestou concurso público, assumiu a vaga de professora e começou a levar uma rotina que a impediu de conseguir realizar dietas e exercícios físicos. A participante destaca, ainda, que o marido,

[...] fala que sempre vai me amar do jeito que eu tiver, mas o que ele se preocupa mesmo é com a minha saúde ... eu acompanhar ele, que é uma pessoa muito ativa, participa de muitos eventos, gosta de esportes e também em relação a gente constituir a nossa família (MARINA KOGA, VÍDEO 06).

Ela completa,

[...] meu sonho era casar e ser mãe. E a minha médica, porque tenho ovário policístico, falou que é muito difícil, que ela vai tentar inseminação de óvulos e se não der certo vai tentar *in vitro*, inseminação, mas que eu preciso emagrecer (MARINA KOGA, VÍDEO 06).

Samyra Sabó é produtora de televisão e tem 32 anos. Ela mede 1,61 e entrou na competição com 105,4 kg. A concorrente relata que “[...] é prazeroso pra mim comer, e muito. Eu comer me dá um prazer [risos], muito grande” (SAMIRA SABÓ, VÍDEO 07).

Na tentativa de encontrar uma resposta para a condição corporal, atual, a mãe de Samyra, Lanuce, diz: “a Samyra chegou até a mim muito magrinha, ela é uma filha do coração, ela veio muito raquítica e tivemos que fazer uma série de tratamentos com ela para [...] poder ganhar peso” (VÍDEO 07). Samyra completa:

[...] eu não gostava de comer, não queria comer nada, então minha mãe não conseguia, não sabia o que me dar de comer, porque eu não queria comer nada, então ela dava tudo e eu escolhia. [...] E a partir do momento que ela me dava tudo, eu comia tudo que eu queria [...] e na minha casa nunca foram quantidades pequenas (SAMIRA SABÓ, VÍDEO 07).

A participante expõe, também, que em seu convívio social, não demonstra,

[...] ter quilos a mais, pros outros. Só que na realidade não é assim, quando eu deito a cabeça no travesseiro eu sei que me incomoda demais, que eu tenho vergonha, que eu não gosto de ser do jeito que eu sou, que eu não gosto de entrar numa loja e não ter roupa para eu por, é....que eu vou fazer um passeio e eu sinto o preconceito das pessoas por eu ser desse tamanho. Eu vou pular de pára-quedas eu tenho que pagar mais, porque eu sou pesada (SAMIRA SABÓ, VÍDEO 07).

Vitor Michel da Silva é taxista e tem 31 anos. Ele mede 1,77 e entrou na competição pesando 144,6 kg. Juliana, esposa de Vitor, relata que: “quando eu conheci o Vitor, ele era magro, atleta, treinava todos os dias, tinha uma vida totalmente diferente de hoje [risos]. Hoje, ele só trabalha e come” (VÍDEO 08). Victor afirma que desenvolveu, por causa do excesso de peso, problemas de saúde. A partir disso, sua mãe, Denise, diz: “[...] olhar para ele e ver ele nessa condição física que põe em risco a vida e a saúde dele, deixa a gente bastante preocupado” (VÍDEO 08). A esposa de Victor confirma o que sua sogra diz e aponta que “[...] ele dorme muito mal, assim ó, se vocês verem o sono dele é péssimo, ele acorda umas oito vezes à noite, ele tem apneia e é gravíssima” (JULIANA, VÍDEO 08).

O participante aponta as dificuldades que o sobrepeso trouxe para sua vida. Apresenta como principal infelicidade, não poder brincar com suas filhas. Em seguida, expõe a dificuldade em tomar banho e cortar unha do pé.

Na tentativa de encontrar uma justificativa para o sobrepeso, Vitor explica:

Eu sou um ex-atleta, eu joguei handebol durante muito tempo e ao longo do tempo eu acabei tendo que parar de jogar e comecei a trabalhar, me casei e hoje eu sou taxista, sou casado, tenho duas filhas e luto para sustentar minha família, para dar um futuro bacana para as minhas meninas (VITOR SILVA, VÍDEO 08).

Vitor narra para a produção o sonho em “mostrar o rapaz que eu era antes do sobrepeso para minhas filhas, que eu acho que era o que as minhas meninas teriam orgulho” (VÍDEO 08).

Filipe Peña, 34 anos, ator e diretor de teatro, entrou no “Além no Peso” no dia 25 de Outubro de 2013, após votação,²⁹ pelo *R7.com*, pesando 123,5 kg. Ele ocupou uma vaga após a eliminação de Marcos. O participante relatou ter começado a engordar aos 10 anos, mas optou por escolher “fazer parte da turma que [...] tira ‘sarro’ dos outros para poder evitar que tirassem ‘sarro’ de mim” (FELIPE PEÑA, VÍDEO 09). Filipe aponta, ainda, “eu não sou muito de comer muita coisa de doce, mas eu gosto de comer bastante” (VÍDEO 09). Mas enfatiza que a sua preocupação não “é tanto a estética, mas é minha saúde. Minha saúde está bem debilitada, principalmente, meu sono” (FELIPE PEÑA, VÍDEO 09).

O participante ressalta querer emagrecer para realizar dois sonhos: voltar a jogar bola com o irmão uma vez por semana e, no dia do casamento, poder entrar na igreja magro e usando terno.

Mila Virgílio, 27 anos, entrou no “Além do Peso” no dia 25 de Outubro de 2013, depois de votação pelo *R7.com*, com 95,2 kg. Ela preencheu uma vaga com a eliminação de Caroline. A participante diz que engordou entre 15 kg a 20 kg em um ano e relatou que sua condição financeira melhorou, tendo, nesse caso, mais acesso a *fast-food*.

[...] Mas não foi só esse fato. Na verdade, no meu relacionamento, eu passei por uma situação de traição. Diante disso, meu mundo caiu! Então aquilo tudo me desequilibrou, mudou totalmente a minha vida, a minha estrutura, eu me senti totalmente pra baixo e eu acabei descontando na comida (MILA VIRGÍLIO, VÍDEO 09).

²⁹ Após a eliminação de Caroline e Marcos, a produção do *reality* escolheu três participantes (Felipe, Mila e Natália) para disputarem duas vagas na Competição. Seriam escolhidos os participantes que obtivessem menor quantidade de votos, ou seja, o público deveria votar em quem não merecia entrar na competição. Para fazer essa escolha, os telespectadores foram convidados a participar da votação disponível no site do *R7.com*. Foram escolhidos, nesta votação, Felipe Penã e Mila Virgílio.

A participante expõe, ainda, que o seu grande sonho é “ir de biquíni na praia” (MILA VIRGÍLIO, VÍDEO 09). Outros pensamentos povoam a vida de Mila e apresenta como segundo sonho se casar, entrar na igreja de vestido branco e ser carregada no colo pelo marido na noite de núpcias.

Stephany, filha de Mila, conta dificuldades da mãe pela condição corporal que ela apresenta, e diz: “[...] as vezes quando a gente quer que ela brinque com a gente, ela tem um pouco de dificuldade...a gente quer sair, a gente quer andar de bicicleta com ela e [...] não consegue” (STEPHANY, VÍDEO 09).

Mila acredita que “o programa vai trazer a minha vida de novo [...] é uma coisa que [...] eu sei que vai mudar minha vida. Eu estou determinada para entrar nesse programa para ganhar e eu vou ganhar” (MILA VIRGÍLIO, VÍDEO 09).

Tatiane Duarte, 26 anos, entrou no *reality* no dia 02 de Dezembro de 2013, pesando 110,3 kg, na vaga deixada por Mila Virgílio. A mãe de Tatiane, Solange, relatou que “ela já nasceu gordinha, cresceu gordinha, sempre foi gordinha” (VÍDEO 10). Contudo, a participante enfatizou que a morte do irmão contribuiu para o peso atual.

Tatiane também demonstra que o excesso de peso atrapalha seu desempenho sexual. Ela relata: “tem muitas coisas que na hora lá, no íntimo, não dá para se fazer, porque eu sou gorda e ele também. Uma posição, não dá [...] a gente fica sempre naquele básico, tem que ser sempre aquela meia luz, mais pro escurinho” (TATIANE DUARTE, VÍDEO 10).

Conforme apresentado, os participantes exercem funções diferentes e possuem objetivos variados. Contudo, analisando a apresentação dos competidores, percebemos que grande parte se preocupa em eliminar o peso por acreditar que dessa forma serão pessoas mais saudáveis. Reconhecemos que esse discurso é ressoado constantemente pelos canais que veiculam ações sobre saúde, e os indivíduos dão conta de repercutir o que ouvem diariamente. E ainda, associam o fato de eliminar o sobrepeso à resolução dos mais variados problemas privados: de brincar com os filhos ao melhor desempenho sexual.

Com relação a vestimenta dos participantes, visualizamos que se apresentam, no palco do programa, com uma blusa branca que descreve o nome dos participantes e o peso inicial apontado pela balança do “Além do Peso”. Para cobrir os membros inferiores, os homens utilizam bermuda (tactel) preta com uma barra branca na ponta. Já as mulheres, usam uma “legue” preta. Ambos utilizam

meia e tênis. Quando os participantes estão em atividades físicas externas ao palco, utilizam uma blusa azul marinho com o nome descrito na cor branca. Na parte inferior a vestimenta é a mesma utilizada no palco, ou seja, calça, bermuda preta e tênis. No primeiro dia, durante a realização do “jantar de gala” e na final do programa, os participantes utilizaram as roupas pessoais.

Embora tenhamos apresentado os especialistas, os apresentadores e os participantes como os principais personagens desse quadro, apontamos também, que a população é parte constituinte do discurso proferido no *reality*, pois é possível verificar atividades que são voltadas a atingir o telespectador. Ora, ao expor a vida privada, nesse caso dos competidores, a intenção do programa se dedica a mostrar ao telespectador que o sofrimento pode ser compartilhado e que o esforço buscado pelo grupo pode ser exercido pelo público. Dessa forma, os participantes possuem a função de se consolidarem como os exemplos para o telespectador. Assim, o programa se utiliza das não-celebridades, que, segundo Bauman são,

[...] os homens e mulheres ‘comuns’ ‘como você e eu’, que aparecem na telinha apenas por um momento passageiro (não mais do que o necessário para contar a história e receber o aplauso merecido, assim como alguma crítica por esconder partes picantes ou gastar tempo demais com as partes desinteressantes) são tão desvalidas e infelizes quanto os espectadores, sofrendo o mesmo tipo de golpes e buscando desesperadamente uma saída honrosa e um caminho promissor para uma vida mais feliz. E assim, o que elas fizeram eu também posso fazer; talvez até melhor. Posso aprender alguma coisa *útil* tanto com suas vitórias quanto com suas derrotas (2001, p. 80-81).

Nesse sentido, enfatizamos como principal característica da mídia a veiculação de modelos para os telespectadores visando à adequação por padrões, especialmente pautados em imagens corporais. Portanto, salientamos que esse é um dos objetivos nosso *lócus* de observação.

Além das imagens e dos discursos veiculados pela televisão e disponíveis no *site* do *R7.com*, através dos vídeos, apontamos que o programa criou, durante a segunda temporada, o aplicativo “Além do Peso”, disponível para celulares com o sistema Android ou IOS. Dentre as utilidades dessa tecnologia, destacamos que traz notícias e vídeos do dia-a-dia dos participantes e conta com uma seção onde é possível obter mais informações sobre os bastidores da competição. Durante a segunda temporada, a produção indicou para os telespectadores um Portal de Voz do “Programa da Tarde”, que divulga dicas de dieta e saúde. Além disso, nesse portal, é possível deixar perguntas e depoimentos para os participantes. Outro

serviço, também lançado nesta temporada é o Canal de Alerta SMS³⁰, onde o telespectador recebe dos especialistas do “Além do Peso”, informações sobre dietas e exercícios físicos.

O público se informa sobre os participantes, e no final da competição é o principal responsável por indicar quem será o grande vencedor da temporada. Ou seja, além de manter a meta estipulada semanalmente, pelos especialistas, os participantes precisam mostrar ao público que estão se esforçando e seguindo as dietas e os exercícios determinados.

Voltando às características do quadro, verificamos também que foi divulgado um processo de avaliação médica um mês após o início do programa e outra avaliação foi realizada três dias antes do fim da temporada. Foram realizados exames bioquímicos, avaliações antropométricas, nutricional e cardiorrespiratória, mostrando por uma edição de vídeo extratos da realização dos exames e do parecer médico.

Ressaltamos também que o programa não veiculou informações sobre as condições sociais, financeiras, de habitação, dentre outros condicionantes que estão imbricados no modo de vida dos participantes. Foram apresentados, de forma superficial, alguns espaços frequentados por eles, que serão apresentados detalhadamente no tópico de análise.

O “Além do Peso” também oportunizou espaço para exposição de dicas sobre a realização de exercícios, emagrecimento e alimentação. Percebemos, entretanto, que o especialista mais solicitado foi o preparador físico Alexandre Bró. Ele ficou responsável por indicar os exercícios, informar qual o gasto calórico e a frequência adequada.

Além dos exercícios, verificamos que as dicas nutricionais também estiveram presentes com relativa frequência. Elas foram expostas através das dicas realizadas pela nutricionista Bianca Naves. Foram veiculadas dicas sobre seleção dos alimentos, modos de se alimentar de forma saudável; como preparar um prato saudável; alimentos utilizados em dietas para emagrecer, dentre outros.

Assim, os telespectadores são os que precisam consumir as informações e dicas e o programa, por sua vez, se constitui como um conselheiro capaz de exercer

³⁰ Para receber as mensagens, o telespectador precisa se cadastrar e pagar, semanalmente, o valor de R\$2,99. Dessa forma, é possível se manter informado sobre as dietas e os exercícios físicos.

essa função. Em nossa pesquisa, analisaremos esses discursos publicizados no *reality* “Além do Peso”.

2. O CORPO OBESO EM CENA: PROBLEMATIZAÇÕES E APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Nesse capítulo buscamos utilizar e debater alguns conceitos que são essenciais para compreender como os discursos sobre o corpo obeso são reiterados pela mídia, no sentido de potencializar as ações individuais como forma de alterar os estilos de vida dos participantes do “Além do Peso”.

Recorremos num primeiro momento, as problematizações do conceito ampliado de saúde (DEJOURS, 1986), apresentando subsídios que possibilitem entender saúde como assunto ligado as pessoas, estando relacionada ao contexto social no qual o indivíduo está inserido e a diversos fatores que estão imbricados na sua existência, remetendo então, a um entendimento para além do seu aspecto biológico.

Ademais, faremos uma discussão permeando o conceito de risco, não como algo ligado à esfera privada, da responsabilidade dos indivíduos, colocada em termos de escolhas comportamentais, mas enfatizando sua dinamicidade e sua relação direta com nossa existência, sendo esta, portanto, característica da própria modernidade que se estabelece por um discurso instável e temporário. Caracterizamos o risco como uma probabilidade futura e não como uma relação direta de causa-efeito como enfatizam os discursos preventistas.

Avançamos, relacionando os discursos do risco do corpo obeso como competência dos conselheiros, que surgem no interior da modernidade líquida (BAUMAN, 2001) e são os responsáveis por direcionar as competências que as pessoas aconselhadas podem desenvolver para superar suas condições corpóreas.

2.1 OS DISCURSOS DA SAÚDE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Os discursos que enfatizam a saúde são mencionados frequentemente pelos profissionais da área, pela mídia e também pelos indivíduos que se encarregam de ressoar o que escutam rotineiramente. Dessa forma, precisamos problematizar esses discursos hegemônicos, no sentido de evidenciar a complexidade que envolve o processo saúde-doença-cuidado. Assim, percebemos que os discursos sobre a saúde nunca se referem tão-somente a dimensão saúde. Se tais preleções

significam modos de pensar, escrever, falar sobre a saúde e suas práticas, é preciso situá-los em determinados momentos históricos e saber as razões por que se legitimam ao acompanharem a ordem econômica, política e social onde são gerados, sustentados e replicados e que se ajustam a ela (CASTIEL; ÁLVAREZ-DARDET, 2007).

Diante disto, faremos uma breve incursão histórica apontando que a produção do conhecimento científico em saúde foi pensada a partir da ciência positiva, sendo que o discurso científico, a especialidade e a organização institucional das práticas em saúde circunscreveram-se a partir de conceitos objetivos de doença e não de saúde (CZERESNIA, 2009). Assim, a racionalidade científica moderna procurou, por meio da profundidade e da redução do pensamento, explicar com precisão a realidade social. Corroboramos Santos (2008, p. 27) ao descrever que “conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições”. Com isso, para sua efetivação, foi necessário traduzir os fenômenos em esquemas abstratos, calculáveis e demonstráveis, de forma a encontrar explicações que correspondessem a verdades inquestionáveis expressas por leis universais que orientavam modos de intervenção (CZERESNIA, 2009)

Ao mesmo passo, a ciência moderna explica as experiências corporais humanas por meio de seu método de objetivação e “as qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante” (SANTOS, 2008, p. 28). Destarte, o conhecimento científico construiu representações da realidade que passaram a ser consideradas como “verdades”, passando a sobrepor outros tipos de conhecimento. Contudo, a racionalidade científica desprezou o limite de suas leis universais, em particular, nas questões inerentes à saúde, principalmente no que diz respeito à experiência concreta do sentir-se saudável e do adoecer (CZERESNIA, 2009). Dessa forma, compreender “[...] a saúde utilizando apenas o referencial da racionalidade científica traz consigo dificuldades que são gestadas dentro dos limites inerentes ao processo de redução próprio da construção científica” (CZERESNIA, 2009, p. 43).

Nesta mesma linha argumentativa, a “obesidade é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal que traz repercussões à saúde” (ANJOS, 2006, p. 11). Com base nessa afirmação, os discursos caracterizam a obesidade como uma patologia e

ainda, um estado anormal. E para dimensionar se o indivíduo é enquadrado como obeso e, nesse discurso, como um doente, utiliza-se critérios meramente calculáveis, baseado no Índice de Massa Corporal (IMC), que é comumente utilizado para atestar em qual nível se enquadram os indivíduos.

Destarte, percebemos que o modo de aferir determinadas patologias está estritamente relacionado a perspectiva da clínica, que se utiliza de dados epidemiológicos, apresentando a relação entre padrões de doença e o risco de adoecer. Com isso, em função dessa crescente redução proposta para se alcançar a objetividade, o enquadramento do conhecimento e da ineficiência dessa fragmentação proposta pela racionalidade científica, o desafio ecoa no sentido de buscar a amplitude, valorizando a compreensão, a interação de outros fatores que compelem para a determinação de diferentes patologias, a unidade e a totalidade que envolve, nesse caso, os aspectos relacionados à saúde. Os avanços sinalizam para a percepção de que as discussões de cunho estritamente biológico não dão conta de abarcar a complexidade que envolve o conceito saúde-doença, sendo, portanto, a saúde e o adoecer formas pelas quais a vida se manifesta, correspondendo às experiências singulares e subjetivas, impossíveis de serem reconhecidas e significadas integralmente na palavra (CZERESNIA, 2009).

A questão que se apresenta é que a racionalidade científica biomédica e o discurso midiático (que está estritamente alicerçado no discurso médico-científico) não contemplam a significação mais ampla da saúde. De modo que, não é possível homogeneizar e quantificar em percentuais características singulares de cada indivíduo.

Entretanto, concordamos com Czeresnia (2009, p. 44) que “[...] ao questionar [...] o primado da objetividade científica, não caberia propor a implosão de fronteiras em direção à construção de um discurso unificador”. Nesse ponto, o que se reivindica é a exigência de relativizar as “verdades” apresentadas pelos conceitos científicos, que promovem elaborações discursivas amparadas pelos conhecimentos objetivos e alicerçam propostas de cunho preventista, restringindo as ações de saúde ao indivíduo.

Além disto, é preciso enfatizar que não pretendemos desconsiderar as inegáveis vantagens, benefícios e contribuições do avanço proporcionado pela ciência. Indubitavelmente, a evolução da medicina proporciona melhores condições de saúde às pessoas que possuem acesso aos serviços de qualidade. Entretanto,

importa enfatizar e problematizar a potência deste pensamento que restringe os aspectos relacionados aos discursos sanitários. Destarte, não caberia a nós “[...] questionar o pensamento científico por ser limitado e redutor, mas sim criticar o ponto de vista que nega o limite da construção científica” (CZERESNIA, 2009, p. 48).

Uma compreensão de que a saúde das pessoas é um assunto ligado às próprias pessoas (DEJOURS, 1986) e não se restringe ao âmbito biológico está amplamente relacionada à condição e a organização da vida de cada indivíduo. Refere-se, portanto, ao que faz sentido para a singularidade do sujeito, e também estabelece diferentes formas de lidar com a complexidade dos contextos sociais. De certa maneira, não podemos substituir os sujeitos que lidam com a saúde por definições e discursos externos que visam uniformizar os sentidos relacionados à saúde.

Contudo, sabemos que existe uma tentativa, através da Organização Mundial da Saúde (OMS), de definir saúde de modo a pensá-la como um “completo bem-estar físico, mental e social e não apenas como ausência de doença”. Mostra-se uma definição estática de saúde, pois não leva em consideração que este é um processo dinâmico e inerente a subjetividade do sujeito (NOGUEIRA; PALMA, 2003). Ou seja, os processos subjetivos que estão vinculados a saúde se desdobram em diferentes sentidos particulares, não podendo ser delimitado por uma formulação estática. Em função disso, a definição não considera o modo que os sujeitos percebem sua saúde e lidam com ela são distintos, como as diferentes formas de lidar com a vida.

Ao analisar a definição apresentada pela OMS, Dejours (1986) desenvolve críticas que compartilhamos e dialogamos. Considerando a definição apresentada, a constatação que o autor apresenta refere-se ao seu caráter ilusório. Inicialmente, Dejours (1986) argumenta a impossibilidade de definir o “completo bem-estar”, afirmando ser essa uma visão idealizada; uma ilusão de alguma coisa que não se sabe muito bem no que consiste, mas sobre a qual se tem esperanças e procuramos, incansavelmente, nos aproximar.

Além disso, podemos discursar sobre a dificuldade/impossibilidade de atingir a perfeição posta pela definição, de modo que, até uma pequena inflamação na unha desestabiliza todo discurso apresentado pela OMS, desconsiderando a sensação vivenciada pelo sujeito frente à adversidade apresentada por aquela situação. Assim, “completo bem estar” é interpretado como “total ausência de

problemas” e, nesse caso, percebemos que nenhum ser humano é capaz de atingir tal estado. Nesse pensamento, saúde seria uma meta a ser atingida e um fim a ser alcançado numa busca constante ao ideal apresentado.

Para Caponi (2003) a maior dificuldade desta definição está no caráter ‘mutante’, ‘móvel’ e ‘subjetivo’ que acredita ser inerente ao conceito de bem-estar. A autora destaca ainda, que “[...] o caráter subjetivo parece ser um elemento inerente à oposição enfermidade-saúde [...]” (CAPONI, 2003, p. 66). Assim, a forma que o sujeito sente a manifesta os sintomas, está sempre carregada de subjetividade e singularidade, representando, portanto, diferentes formas de lidar com os fatores atrelados ao processo saúde-doença-cuidado. Logo, se a subjetividade, a condição de vida, a história e o modo de lidar estão diretamente imbricadas com as questões fundamentais do sujeito, não é possível viabilizar conceitos externos a questões que possam determinar seu estado de bem-estar.

Apesar das inconsistências encontradas, podemos destacar avanços que contribuem para a compreensão de saúde que não se restringe às questões biológicas. Nesse sentido, corroboramos com Nogueira e Palma ao destacarem que,

[...] Enxergar a saúde a partir de um outro conceito tem, sem dúvida, consequências importantes sobre o objeto ‘saúde’, uma vez que pode descolar os olhares centralizadores sobre os aspectos biológicos da doença para a compreensão da dinâmica que o processo saúde-doença envolve (2003, p. 108).

Desse modo, percebemos que o processo saúde-doença-cuidado está diretamente atrelada a fatores diversos que podem interferir em determinada situação e que contribuem para sua efetivação. Em outras palavras, saúde está vinculada aos condicionantes sociais. Desse modo, o sujeito deve ser considerado pela sua constituição biológica, mas também, por suas condições sociais, culturais e históricas de existência, cuja capacidade não pode ser determinada a partir de conceitos previamente estabelecidos. Para criticar esse tipo de compreensão, Caponi (2003, p. 61) apoia-se nos argumentos de Canguilhem, destacando que “não é possível imaginar que a vida se desenvolva na solidão do organismo individual, nem que possamos alcançar um conhecimento dela pela comparação entre organismos”.

Salientamos, nesse sentido, que a proposta de ampliar o entendimento da atenção à saúde³¹ para além da técnica estrutura-se com o *Relatório Lalonde*, em 1974, no qual reconhece que a análise do campo da saúde apresentava um problema fundamental: “a carência de um quadro conceitual comum que permitisse separar seus componentes principais” (RABELLO, 2010, p. 26). A proposta desse relatório foi estruturada por Marc Lalonde, ministro do Canadá, que identificou, na época, a necessidade de organizar uma estrutura de problemas e atividades relacionadas à saúde que contemplasse a decomposição do campo em quatro componentes: biologia humana, meio ambiente, estilo de vida e organização da atenção à saúde (LALONDE *apud* RABELLO, 2010). Todavia, as discussões iniciais para organizar uma proposta para a saúde do país, giravam em torno dos crescentes gastos da atenção à saúde sem uma preocupação incisiva com o quadro sanitário da população.

A partir do *Relatório Lalonde* diferentes documentos internacionais³² foram elaborados e serviram de alicerce político para a promoção da saúde. Contudo, realçamos a proposta da promoção da saúde aprovada e apresentada publicamente em Ottawa, na Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde, 1986. Nessa proposta, a discussão possibilitava entender que o problema da saúde é social e não somente técnico e está diretamente associado com a organização social na qual o indivíduo está inserido. Destacamos a partir de Rabelo que,

O paradigma da ‘promoção da saúde’ aprovado em Ottawa assume o conceito amplo de saúde, pauta a discussão sobre qualidade de vida e pressupõe que a solução dos problemas está no potencial de contar com parceiros e a mobilização da sociedade. Trabalha com princípio de autonomia dos indivíduos e da comunidade (2010, p. 22).

Assim, a promoção da saúde foi redefinida como processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo, principalmente, maior participação no controle desse processo. A proposta considerava ainda, como condições para a promoção da saúde, a paz, educação, habitação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça

³¹Ponderamos que a compreensão de que os principais determinantes da saúde são exteriores ao sistema de tratamento não é novidade. Destacamos, nesse aspecto, os discursos provenientes da promoção da saúde, que apresenta “Henry Sigerist como importante precursor, e que em sua acepção atual, inclusive por sua indicação sobre a importância da intersetorialidade para a saúde” (FERREIRA *apud* RABELLO, 2010, p. 22).

³² Não temos a pretensão de destacar todas as Conferências que deram subsídio para o “movimento da promoção da saúde”, pois já tem sido foco de discussão em outras pesquisas. Destacamos, por exemplo Palma et.al (2003) e Buss (2003)

social e equidade. Está fundamentada em conceitos, como qualidade de vida, saúde, solidariedade, desenvolvimento, cidadania, participação e autonomia. A carta de Ottawa também integra temas relacionados ao papel do Estado e da sociedade civil (RABELLO, 2010).

Essa proposta definida em Ottawa (1986) tem suas raízes no *Relatório Lalonde*, como também na I Conferência Internacional sobre Atenção Primária à Saúde, realizada em Alma-Ata (1978), que se torna um marco, pois estabelece a proposta da 'Atenção Primária à Saúde' e amplia a visão do cuidado à saúde: sai da visão hierárquica do conhecimento especializado (do médico, principalmente, e de todos os outros profissionais da equipe de saúde) e incentiva o envolvimento da população (como paciente, individualizado e como população). Supera o campo da atenção convencional dos serviços de saúde, valorizando a atenção primária como componente central do desenvolvimento humano. Dessa forma, ressalta os fatores necessários para propiciar a qualidade de vida, o direito ao bem-estar social e firma o compromisso de 'Saúde para todos no ano 2000' (RABELLO, 2010).

Apesar disso, destacamos que o movimento pela promoção da saúde, fundamentado essencialmente, na referência da Carta de Ottawa, coincidiu com o desmantelamento das políticas de saúde e bem-estar e acabou por restringir o potencial de expansão do movimento nos países desenvolvidos (PALMA et.al, 2003). Desse modo, "[...] maior atenção foi e é dada às intervenções para mudanças de comportamento individual e pouco à estratégia política populacional, indicando a opção de modificação dos hábitos considerados de risco, tais como fumar, sedentarismo, dieta [...]" (PALMA et.al, 2003, p. 27).

O debate sobre a promoção da saúde³³, nesse aspecto, tem contribuído para o questionamento do pensamento contemporâneo buscando contrapor ao modelo biomédico e resgatando, de alguma maneira, o papel dos determinantes sociais no processo saúde-doença-cuidado. Entretanto, os avanços não nos permitem salientar que seja um projeto voltado para a justiça social, pois ao analisarmos a utilização do conceito de risco e de *empowerment* junto dessa proposta, apontamos a "[...]

³³ Aqui, cabe destacar que existem intervenções baseadas em diferentes pressupostos vinculados a Promoção da Saúde. As concepções abrangem desde posturas mais conservadoras até perspectivas mais críticas. Dina Czeresnia (2009) aponta que a perspectiva conservadora está baseada numa visão comportamentalista e reforça a tendência de diminuição das responsabilidades do Estado, delegando, progressivamente aos sujeitos a tarefa de tomarem conta de si mesmos. A autora aponta, também, que uma outra estratégia da promoção da saúde que ressalta a elaboração de políticas públicas intersetoriais, voltadas à melhoria da qualidade de vida das populações.

possibilidade de que suas intervenções e conceitos venham reforçar estratégias voltadas para a regulação e a vigilância sobre os corpos sociais e individuais com profundas implicações políticas, morais e sociais de algumas de suas estratégias” (SEEDHOUSE *apud* RABELLO, 2010, p. 80). Em outras palavras, enfatizamos a forte denotação comportamental vinculada a essa proposta, onde, mascarada por discursos de autonomia individual, lança atribuições aos indivíduos sobre questões relacionadas ao ambiente.

É necessário sublinhar ainda que a promoção da saúde não surge num vácuo político-econômico. Ela irrompe numa época³⁴ em que a política econômica neoliberal tomava impulso em importantes centros capitalistas, como Inglaterra e EUA (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2010). Recorrendo aos argumentos de Lupton, os autores ainda afirmam,

Essa política, que ganha força com a instabilidade econômica oriunda da década 1970, reflete-se negativamente na capacidade de financiamento do estado de Bem-Estar Social adotado pelos países capitalistas desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial. Daí que surge o movimento de redução dos custos com a área social, sobretudo, com os campos de educação em saúde. Uma das saídas encontradas foi a convocação da população a fazer sua parte, não na definição das verbas e políticas públicas, mas no cuidado de si, por meio da adoção de comportamentos considerados saudáveis epidemiologicamente. É nessa mesma época que se expandem pelo mundo os movimentos de auto-ajuda e de autocuidado. De fato, sob a égide do neoliberalismo - que se funda na ideia de que os cidadãos são atores sociais, autônomos e que o Estado deve intervir o mínimo possível nos assuntos privados e no seu bem estar em nome da felicidade individual, todos são encorajados a se tornarem sujeitos de si próprios (2010, p. 35).

Apreendemos, nesse sentido, que o discurso de conceder autonomia ao sujeito dissimula o destaque dado aos ‘comportamentos ligados ao estilo de vida’ eventualmente conducente a ‘comportamentos de risco’ – que devem ser evitados (CASTIEL, 2003). Embora haja um movimento que amplia a compreensão de saúde e o sentido atribuído ao termo, os discursos convergem em direção à noção de estilo de vida³⁵, sendo, portanto, conceito que busca relacionar hábitos de vida a escolhas. Indubitavelmente, quando se trata de estilo de vida, o foco é eminentemente individualista, pois compreende o sujeito como responsável pelos seus comportamentos, atitudes, ações e se entende que o indivíduo adota determinado

³⁴ Vale salientar que o debate sobre a Promoção da saúde não se deu do mesmo modo em todos os países, visto que possuem diferenças ideológicas, políticas e econômicas.

³⁵ Aspectos relacionados ao estilo de vida serão explorados no próximo tópico.

comportamento baseado em escolhas, sem considerar os condicionantes socioeconômicos, culturais e políticos que envolvem os sujeitos em sua existência.

As estratégias inerentes ao “combate” ao excesso de peso estão diretamente relacionadas a mudança de hábitos alimentares e a prática de atividade física. Estamos, portanto, diante de um pensamento que reduz a compreensão da vida do sujeito a ações meramente mecânicas, punitivas (caso eles não consigam atingir a meta de perda de peso) e de restrição a alimentos que lhes conferem prazer. Assim, o “Além do Peso” enfatiza questões de cunho comportamental e apresentam uma estrutura viável para que os participantes tenham um estilo de vida saudável. Contudo, é preciso destacar que,

[...] uma crítica comum ao conceito estilo de vida (e também à noção de ‘autonomia’) é referente a seu emprego em contextos de miséria e aplicado a grupos sociais em que as margens de escolha praticamente inexistem. Muitas pessoas não escolhem o estilo de vida que levam. Na verdade, não há opções disponíveis, apenas estratégias possíveis de sobrevivência (CASTIEL; DIAZ, 2007, p. 87).

Reforçamos a crítica dos autores ao destacar que a ‘autonomia’ se vincula, nesse caso, a capacidade do indivíduo em ter que optar. A ideia apresentada destaca, ainda, a privacidade, a vontade, o autocontrole, a liberdade e a responsabilidade pela escolha realizada. Cabe destacar que os estilos de vida são fortemente embasados pelo contexto social no qual estão inseridos, pois as relações que estabelecem com elementos do local, situações econômicas, de trabalho, moradia e habitação influenciam decisivamente no estilo de vida adotado. Assim para algumas pessoas cujo as condições não são favoráveis “[...] a ideia de ‘escolher’ estilo de vida dentro do ‘menu’ sociocultural dominante se constitui um convite arrebatador [...]” (CASTIEL; DIAZ, 2007, p. 91).

A crítica é incisiva e prudente: se pensarmos na proliferação de informações que são fornecidas pelos meios de comunicação e de modo mais específico, pelo *reality* “Além do Peso”, fica a impressão que o estilo de vida proposto pelo programa não condiz com a maioria da população que assiste ao programa³⁶. Aliás, podemos exemplificar essa situação através de um diálogo entre Gominho (ex-participante do *reality* “A Fazenda”) e os participantes, um deles relatava, basicamente, que não poderia continuar na mesma rotina estabelecida pelo programa, pois ao retornar

³⁶O nosso foco não está endereçado ao modo como os telespectadores recebem os conselhos de como bem gerir suas vidas. Contudo, sabemos que grande parte da população brasileira não apresenta condições financeiras de seguir o modo de vida disseminado pelo programa.

para casa precisaria voltar a sua rotina de trabalho, e ainda, relatou a dificuldade de continuar fazendo as atividades de acordo com o estabelecido pelo programa³⁷.

Nesse sentido, o excesso de peso confere ausência de saúde aos indivíduos e o estilo de vida ativo/saudável, considerado como modelo ideal contemporâneo e fortemente disseminado pela mídia, se apresenta como forma de superar a condição corpórea do sujeito obeso. Nesse caso, a saúde é balizada pela ação restrita de manter um estilo de vida ativo. Para tanto, pontuamos: Que tipo de subjetividade está sendo disseminada pelo “Além do Peso”?

2.2 ESCOLHAS SAUDÁVEIS X RISCO: INDIVIDUALIZAÇÃO DOS RISCOS SOCIAIS

A relação entre os comportamentos de risco e o estilo de vida ativo/saudável, está pautada, de modo enfático, na necessidade de manter um estilo de vida ativo como forma de induzir efeitos benéficos a saúde e/ou reduzir a ocorrência de determinadas patologias. De modo especial, é necessário problematizar o discurso que enfoca a obesidade como um fator de risco e que a saída para superá-la estaria na adoção de um estilo de vida ativo/saudável. Assim, “[...] os indivíduos passam a ser, cada vez mais, responsabilizados pelas conquistas e derrotas da sua nova fortaleza a ser defendida: o corpo” (GOMES, 2009, p. 20).

Desse modo, “estilo de vida pode ser compreendido como um conjunto relativamente integrado de práticas individuais voltadas para necessidades utilitárias e que conformam narrativas identitárias próprias” (CASTIEL; DIAZ, 2007, p. 84), pois além do ‘como agir’, refere-se a ‘quem ser’. Tais práticas consistem em ações aparentemente automáticas relativas a hábitos de comer e de vestir-se, formas de morar, a modos de deslocar-se espacialmente, a lugares a frequentar, dentre outros (GIDDENS *apud* CASTIEL; DIAZ, 2007).

Desta forma, a ênfase recai nos comportamentos individuais como maneira de manter-se ativo. Basta que o indivíduo³⁸ tenha força de vontade e decida adotar

³⁷ Utilizamos, nesse momento, a situação apresentada apenas para ilustrar a discussão. Retomaremos essa questão com mais atenção no capítulo de análise.

³⁸ Destacamos que esse processo é característico da modernidade e assim como discorre Bauman (2009, p. 30) “[...] ‘individualidade’ significa em primeiro lugar a *autonomia* da pessoa, a qual, por sua vez, é percebida simultaneamente como direito e dever. Antes de mais nada, a afirmação ‘Eu sou um

os comportamentos que são ditos saudáveis. Ressalta-se ainda, que o discurso do estilo de vida está fortemente amparado pelos estudos epidemiológicos, que se apoiam no pressuposto de que as doenças não ocorrem por acaso e que estão diretamente vinculadas a fatores causais que seriam fruto de comportamentos impróprios.

A noção de estilo de vida assinala que a ocorrência de determinadas patologias, está, de forma prioritária, alicerçada nos comportamentos inadequados. Em nosso *locus* de observação, por exemplo, os participantes obesos podem adquirir doenças provenientes dessa condição, a obesidade (considerada pelo *reality* como uma patologia), que nesse caso, seria a mola propulsora para o início das enfermidades, já que o indivíduo não tomou as devidas providências para se livrar dessa condição. Assim, a partir dos argumentos de viés epidemiológico o estilo de vida baseado em ações comportamentais seria suficiente reduzir e/ou aplacar possíveis patologias. Nessa perspectiva,

[...] são cada vez mais numerosas as iniciativas de medição, avaliação e controle dos riscos. No entanto, é ingênua e ilusória a pretensão de total controle dos riscos potenciais à saúde. Primeiro, porque as decisões humanas não são pautadas em critérios exclusivamente racionais. Segundo, porque, como o risco é socialmente construído, seu significado sempre variará no tempo e no espaço (CASTIEL, GUILAM e FERREIRA, 2010, p. 70).

Concordamos com Castiel (2003a) ao destacar que a noção de ‘risco’ é proteiforme, ou seja, pode envolver aspectos econômicos, ambientais, relativos a condutas pessoais e dimensões interpessoais. Assim, o risco é inseparável do nosso modo de vida, pois estão vinculados, também, a questões que fogem ao nosso controle e se extravasam para o âmbito sociocultural.

Nesse aspecto, convém destacar os riscos que se configuram como matrizes identitárias e de formação de subjetividades de determinado grupo, seja sob a forma de atividades de elevado risco nos esportes radicais, seja por meio de condutas transgressoras/ilícitas e ainda, situações em que pessoas adotam práticas sexuais arriscadas para a saúde (CASTIEL, 2003a). Correr risco, nesse sentido, está vinculado a determinações subjetivas de prazer. Contudo, quando utilizado no contexto da epidemiologia “[...] pouco importa por que as pessoas optam por correr

indivíduo’ significa que sou responsável por meus méritos e meus fracassos, e que é *minha* tarefa cultivar os méritos e reparar os fracassos”.

riscos; o que está em pauta é definir quem está em risco e quais os fatores associados ao risco” (AYRES *apud* SPINK, 2007, p. 266).

Desse modo, o risco é utilizado como adjetivo, qualificando comportamentos. Contudo, no uso da sua linguagem prevalece o apelo à responsabilidade de precaução diante de possíveis agravos (SPINK, 2007). De tal forma, é em nome dos riscos assumidos por tais práticas que “[...] os árbitros da vida social podem justificar intervenções dirigidas a vigiar, orientar, controlar, julgar e, ainda, punir os indivíduos e os setores de população que não conseguem construir – ou que opõem resistência à construção de – ‘estilos de vida saudáveis ou corretos’” (MITJAVILA, 2002, p. 139).

Entretanto, ao relatar sobre os fatores de risco no contexto contemporâneo, Beck (2010, p. 25) afirma “[...] que os riscos não são uma invenção moderna [...]”. Para deixar mais clara sua colocação, o autor utiliza aspectos históricos para traçar algumas características do risco. Assim descreve:

[...] Quem - como Colombo -saiu em busca de novas terras e continentes por descobrir assumiu riscos. Estes eram, porém, riscos pessoais, e não situações de ameaça global, como as que surgem para toda humanidade com a fissão nuclear ou com o acúmulo de lixo nuclear. A palavra risco tinha, no contexto daquela época, um tom de ousadia e aventura, e não o da possível autodestruição da vida na Terra (2010, p. 25).

A diferença fundamental entre os riscos e ameaças atuais e os riscos medievais refere-se à globalidade de seu alcance. Assim o descreve: “[...] São os riscos da modernização. São um *produto de série* do maquinário industrial do progresso, sendo sistematicamente agravados com seu desenvolvimento ulterior” (BECK, 2010, p. 26). Mesmo com essa roupagem universal, o risco deve ser caracterizado como uma probabilidade futura, sendo entendido como associações estatísticas que buscam prever o aparecimento de determinado fenômeno, o que nesse caso, não garante sua ocorrência. Contudo, sabemos que eliminar comportamentos considerados de risco pode poupar o aparecimento de determinadas patologias, porém essa decisão não garante que sua manifestação ocorra. Nesse sentido, Castiel e Diaz (2007, p. 59) analisam que,

[...] pelas próprias características virtuais da categoria risco, não temos a clareza absoluta que ele venha se tornar fato. Indivíduos estão sob risco, mesmo que não apresentem sinais evidentes de adoecimento, mas por indícios propiciados pelos muitos dispositivos médicos de prospecção e vigilância disponíveis. As ameaças nos rondam e devemos estar atentos a isto.

Nesse caso, se tomarmos como exemplo as pessoas consideradas obesas, ponderamos que “a própria classificação do que é estar com sobrepeso ou ser um obeso pode sofrer alterações em virtude de pesquisas científicas, como também, das mutações estéticas associadas a contextos sociais e interesses de mercado” (GOMES, 2009, p. 253). Podendo estar relacionados a interesses financeiros e trajados de preocupação social.

Com efeito, pelo fato de o risco ser uma construção que surge do campo da probabilidade, está revestido, em certos momentos, por uma invisibilidade de sentidos. Deste modo, possui um caráter contrafactual (GIDDENS, 1991), orientado para o futuro e baseado em interpretações causais que podem estar vinculadas a interesses e padrões que organizam respostas sociais perante os perigos. Isso significa que, inicialmente, os riscos adquirem existência no contexto, em princípio, científico, a partir do qual podem ser transformados, magnificados, dramatizados ou minimizados (MITJAVILA, 2002). De forma que, essa dependência do saber científico, faz com que os discursos ganhem credibilidade, porém acrescentamos que a “[...] existência e distribuição social dos riscos estão mediatizadas por princípios inteiramente argumentativos que não fazem parte da experiência cotidiana do saber profano” (BECK *apud* MITJAVILA, 2002, p. 133).

Ainda nesse aspecto, parafraseando Castiel e Diaz (2007) lidamos com dimensões subjetivas construídas a partir de um discurso racional, mas que, por não se caracterizarem pela certeza e consistência, não proporcionam segurança e, muito menos, tranquilidade. Nos vemos então, na obrigatoriedade de lidarmos constantemente com uma atmosfera conspiratória, um terreno fértil ao desenvolvimento de pensamentos persecutórios³⁹, em que a suspeita de ameaças a nós pode ser renovada a qualquer momento.

Desse modo, as incertezas inerentes à vida estão submersas no contexto da modernidade líquida⁴⁰ e transcendem ao contexto sanitário, dada a instabilidade e

³⁹ Os autores chamam atenção para algo de persecutório na ideia complexa de avaliar a real efetividade das tarefas individualistas e hegemônicas em saúde centradas em evidências científicas e na insegurança que gera a eterna busca da previsibilidade e que não nos livra suficientemente das nossas incertezas.

⁴⁰ Trataremos de explanar de maneira apropriada a colocação de Bauman (2001) no próximo tópico. Mas, por hora, provocamos com o argumento do autor que, no mundo da “modernidade líquida”, “na falta de uma Suprema Repartição (ou melhor, na presença de muitas repartições competindo pela supremacia, nenhuma delas com grandes chances de vencer), a questão dos objetivos está novamente posta e destinada a tornar-se causa de muita hesitação e de agonia sem fim, a solapar a confiança e a gerar a sensação enervante de incerteza e, portanto, também um Estado de ansiedade

transitoriedade dos discursos científicos e dos especialistas que povoam o contexto midiático. Concordamos com Bauman (2001, p. 93) ao destacar que

[...] o status de todas as normas, inclusive a norma da saúde, foi severamente abalado e se tornou frágil, numa sociedade de infinitas e indefinidas possibilidades. O que ontem era considerado normal e, portanto, satisfatório, pode hoje ser considerado preocupante, ou mesmo patológico, requerendo um remédio. [...] a ideia de 'doença' outrora claramente circunscrita, torna-se cada vez mais confusa e nebulosa. Em vez de ser percebida como um evento excepcional com um começo e um fim, tende a ser vista como permanente companhia da saúde, seu 'outro lado' e ameaça sempre presente: clama por vigilância incessante e precisa ser combatida e repelida dia e noite, sete dias por semana. O cuidado com a saúde torna-se uma guerra permanente contra a doença. E, finalmente, o significado de um 'regime saudável de vida' não fica parado. Os conceitos de 'dieta saudável' mudam em menos tempo do que duram as dietas recomendadas simultânea ou sucessivamente. O alimento que se pensava benéfico para a saúde ou inócuo é denunciado por seus efeitos prejudiciais a longo prazo antes que sua influência benigna tenha sido devidamente saboreada. Terapias e regimes preventivos voltados para algum tipo de enfermidade aparecem como patogênicos em outros aspectos; a intervenção médica é cada vez mais requerida pelas doenças 'iatrogênicas' - enfermidades causadas por terapias passadas. Quase qualquer cura apresenta grandes riscos, e mais curas são necessárias para enfrentar as consequências de riscos assumidos no passado.

Mesmo sendo povoado pelas incertezas, o risco ainda se apresenta como forma de comportamento a ser combatido pelo próprio sujeito. Assim, “[...] o conceito de risco contribuiu para a produção de determinadas racionalidades, estratégias e subjetividades, sendo central na regulação e monitoração de indivíduos, grupos sociais e instituições” (LUPTON *apud* CZERESNIA, 2009, p. 54). E por consequência, “a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente” (BAUMAN, 2001, p. 45).

Enfatizamos que os discursos produzidos no contexto da sociedade contemporânea ressoam que as ações precisam ser realizadas pelos próprios indivíduos. Como sustenta Bauman (2001), citando Beck, se espera dos indivíduos que procurem soluções biográficas para contradições sistêmicas. Em especial, quem desejar uma vida longe dos efeitos maléficos da obesidade terá que buscar soluções biográficas. Em outras palavras, os indivíduos são convocados a procurar soluções que os livrem dos riscos que são socialmente produzidos, pois como reforça

perpétua. Nas palavras de Gerhard Schulze, este é um novo tipo de incerteza: 'não saber os fins, em lugar da incerteza tradicional de não saber os meios'. Não é mais o caso de tentar, sem ter o conhecimento completo, calcular os meios (os já disponíveis e os tidos como necessários e zelosamente buscados) em relação a determinado fim” (BAUMAN, 2001, p. 72-73).

Bauman (2001, p. 43), “são apenas o dever e a necessidade de enfrentá-los que estão sendo individualizados”. Nesse discurso, “[...] ser ativo é estar sempre atento às possibilidades de riscos envolvidos no trato com o corpo e a saúde a partir de manuais que explicitam o que é ‘agir corretamente’” (GOMES, 2009, p. 82).

A era moderna é fundada nesse processo de individualização e o cenário produzido transmite, ao indivíduo, a responsabilidade por suas ações. Assim os problemas individuais são colocados à frente das aflições coletivas. Sabemos da impossibilidade das ações individuais resolverem os problemas de ordem coletiva, isso porque os esforços individuais são inócuos para a solução dos problemas contemporâneos que atingem a vida de grande parte da população.

Reforçamos o argumento de Mitjavila (2002) ao estabelecer um paradoxo sobre o risco, que insiste em atribuir aos indivíduos a responsabilidade pelas condutas de risco e ao mesmo tempo tem diminuído o controle dos indivíduos sobre os riscos que provém do ambiente. Isto posto, percebemos que fatores que incidem diretamente sobre o modo de sobrevivência da população ficam à margem dos discursos, que estão, em primeiro plano, impregnados de modelos de comportamentos considerados corretos, impossibilitando, nesse caso, a incorporação de Políticas Públicas capazes de solucionar os problemas de ordem social e coletiva.

Específico em suas afirmações, Beck (2010, p. 56) argumenta e descreve a ambivalência presente na “sociedade do risco” marcada pelo consumo e com forte ênfase no mercado. Segundo o autor,

[...] os riscos não são nesse caso apenas riscos, são também oportunidade de mercado. É precisamente com o avanço da sociedade de risco que se desenvolve com decorrência as oposições entre aqueles que são afetados pelos riscos e aqueles que lucram com eles [...] A sociedade do risco é, nesse sentido, também a sociedade da ciência, da mídia e da informação. Nela, escancaram-se assim novas oposições entre aqueles que produzem definições de riscos e aqueles que a consomem.

Indubitavelmente, assinalamos a existência de um mercado cuja importância está estritamente relacionada a circulação de informações dos benefícios da vida ativa (FRAGA, 2006). Assim, apregoar a existência de riscos na sociedade de consumo significa vender produtos, serviços e fundamentalmente, o estilo de vida ativo como forma de combater, nesse caso, o corpo obeso. Desse modo, assinalamos que o nosso *lócus* cria uma atmosfera e aloca um grupo de obesos para fornecer um modelo, com base nas prescrições fornecidas pelos especialistas,

para constituição do corpo ativo/saudável. A venda do estilo de vida pela mídia, nesse caso, insere-se com o objetivo de entreter e promover índices de audiência. Corroboramos Castiel (2003, p. 83), que na sua forma de abordar as estimativas de risco, afirma ser de suma importância considerar,

[...] aspectos morais, políticos e culturais. Em especial, cabe destacar a interface com a mídia e a 'indústria da ansiedade' (Forde, 1998) – múltiplos riscos recebem atenção de programas de TV, de materiais de periódicos leigos e a consequente oferta de bens, produtos, serviços direcionados ao suposto controle/minimização de tais riscos.

Nesse caso, “a regulação da obesidade ao ser entendida como fator de risco imprime uma série de previsões futuras e alertas cotidianos” (GOMES, 2009, p. 253). Nas propagandas, por exemplo, “cada produto é associado a um estilo de vida, um *status* social, a um ideal subjetivo, a uma ‘tribo’” (NOVAES, 2006, p. 80). Em consonância com esse discurso, a expectativa do consumidor é de que, com aquisição daquele produto, adquira também aquele padrão corporal, o que frequentemente, não acontece.

O indivíduo se vê impelido em várias direções por diferentes profissionais que lhe dizem o que deve fazer e que definem o que beneficia e/ou prejudica sua saúde. Já se tornou comum ligarmos a televisão e nela nos depararmos com especialistas assegurando o que é bom ou o que é ruim para saúde, da mesma forma, há profissionais de educação física ensinando os melhores exercícios para manter uma vida saudável. Nesse sentido, temos como exemplo a atuação dos especialistas no “Além do Peso”, que se concentram em informar, aos participantes e aos telespectadores, o modo adequado de eliminar o corpo obeso e bem gerir suas vidas. Assim, “[...] libera-se o acesso às informações em saúde, estimula-se o ‘contágio’ e o avanço de um movimento persuasivo de multiplicação de sujeitos portadores de estilo de vida saudável” (FRAGA, 2006, p. 65).

Mascarado por boas intenções, o enfoque centrado num estilo de vida dito correto é restrito a ações individuais, onde

[...] as pessoas, independentemente de seus contextos socioeconômicos e culturais e, portanto, das margens de escolhas em seus modos de vida, teriam a responsabilidade de se adequarem aos discursos para viverem mais tempo e com melhor qualidade de vida, de maneira como puderem, não obstante as injunções sociopolíticas econômicas que determinam a forma como nosso cotidiano se organiza em termos de trabalho, lazer, segurança, etc (CASTIEL; VASCONCELLOS-SILVA, 2006, p.80-81).

Entendemos que determinados ‘estilos’ são perigosos e demandam intervenções apropriadas. Mas, “é essencial não perder de vista a perspectiva

descrita, sob o risco de serem adotadas premissas que conduzam a ações insensíveis, culpabilizantes, limitadas e, conforme o caso, de efetividade restrita” (CASTIEL; DIAZ, 2007, p. 84). E ainda, cabe enfatizar que nossa intenção não está alicerçada em menosprezar o conhecimento disponível sobre o risco, importante para prevenção de doenças em nível populacional. Trata-se de sinalizar sobre possíveis efeitos de exageros em sua utilização. “O cálculo do risco tem um papel importante, já que nos permite delinear regularidades e padrões utilizados na prevenção e no controle de situações potencialmente perigosas” (CASTIEL; DIAZ, 2007, p. 56). Entretanto, os riscos podem se apresentar de várias formas e facetas refletindo, por consequência, uma insegurança, ao mesmo tempo que é vinculado a certezas pelos discursos da ciência moderna.

Esse caráter prescrito do risco, no caso da obesidade, formula relações que a determinam como uma patologia revestida de discursos moralizantes, e articulam parâmetros como estatura e peso para determinar tal característica, baseando-se, portanto, em padrões estabelecidos cientificamente. Os discursos do “Além do Peso”, nesse sentido, usam determinações biológicas para destacar a obesidade como patologia e vendem um estilo de vida baseado nos comportamentos dos participantes selecionados.

O que está em confronto, segundo Bauman (2001, p. 73) é,

[...] a questão de considerar e decidir, em face de todos os riscos conhecidos ou meramente adivinhados, quais dos muitos flutuantes e sedutores fins ‘ao alcance’ (isto é, que podem ser razoavelmente perseguidos) devem ter prioridade – dada a quantidade de meios disponíveis e levando em consideração as ínfimas chances de sua utilidade duradoura.

Na tentativa de estabelecer soluções, quase nunca acertadas, para ações “seguras”, os indivíduos recorrem aos conselheiros, na tentativa de assegurar suas escolhas. Dada a instabilidade dos discursos, os conselhos nem sempre são consensuais. Por isso, cabe destacar: quais os principais argumentos utilizados pelos conselheiros do *reality* para estabelecer o estilo de vida ativo/saudável como proteção ao risco caracterizado pelo corpo obeso?

2.3 O CORPO NA MODERNIDADE LÍQUIDA: O INDIVÍDUO COMO FOCO DE AÇÃO

Vivemos o momento em que o corpo tem sido objeto de inúmeras interferências discursivas que visam torná-lo público e alvo de intervenções de consumo. A mídia, especificamente, o espaço que buscamos caracterizar, torna pública a imagem corporal de um grupo de pessoas obesas para anunciar “verdades” que combatam esse “mal” no contexto contemporâneo. Assim, o risco da obesidade torna-se o principal argumento para convocar o grupo a um estilo de vida ativo/saudável.

Entretanto, a modernidade hodierna pode ser caracterizada pela ausência de uma estrutura que solucione, com garantia, as aflições individuais e as inseguranças postas pela instabilidade dos discursos. De acordo com Bauman (2001, p. 59) “como o Estado não mais promete ou deseja agir como plenipotenciário da razão e mestrede-obras da sociedade [...] as pranchetas nos escritórios da boa sociedade estão em processo de ser eliminadas [...]”. Na era pesada e sólida da modernidade os cidadãos tinham a figura do Estado como entidade suprema e toda sua atenção estava em seguir as regras a eles destinadas e exibidas ostensivamente. Se “[...] reclamavam (ou às vezes se amotinavam), era contra o capitão, que não levava o navio a porto com a suficiente rapidez, ou por negligenciar excepcionalmente o conforto dos passageiros” (BAUMAN, 2001, p. 70). Agora, em sua fase líquida, os indivíduos “[...] descobrem horrorizados que a cabine do piloto está vazia e que não é possível extrair [...] qualquer informação sobre para onde vai o avião, onde aterrizará, quem escolherá o aeroporto e sobre as regras que permitam que os passageiros contribuam para a segurança da chegada” (BAUMAN, 2001, p. 71-72).

Como as Supremas Repartições que cuidavam da regularidade do mundo e concediam-nos segurança dos limites entre o certo e o errado não estão mais à vista, “[...] o mundo se torna uma coleção infinita de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas” (BAUMAN, 2001, p. 73). E a infinidade das oportunidades que preenche o espaço deixado vazio pelo desaparecimento da Suprema Repartição está estritamente vinculada ao contexto privado e permeado pelo discurso neoliberal.

Salientamos, nesse sentido, o argumento de Bauman (2005, p. 67) no qual enfatiza que “o Estado lava as mãos à vulnerabilidade e à incerteza proveniente da lógica do mercado livre, agora redefinida como assunto privado, questão que os indivíduos devem tratar e enfrentar com os recursos de suas posses particulares”.

Em outras palavras, apontamos o desaparecimento do “Estado de bem-estar social⁴¹” como responsável por pensar e gerir ações de cunho coletivo. Assim, “[...] as instituições do ‘Estado de bem-estar’ são desmanteladas aos poucos e ficam defasadas” (BAUMAN, 2005, p. 67).

Nesse contexto, também relatamos o desaparecimento da política com “P” maiúsculo, dos espaços de discussões sobre as questões coletivas e sobre as políticas públicas pensadas para a comunidade. Ou seja, houve um enfraquecimento da atividade que se encarregava de pensar e gerir os problemas da população em preocupações e ações públicas e, como consequência, trouxe a exposição de problemas privados ao domínio público⁴². Portanto, o espaço público deixou “[...] de desempenhar sua antiga função de lugar de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas” (BAUMAN, 2001, p. 50). Nesse caso, o que cada vez mais é percebido como “questões públicas” são os problemas privados de figuras públicas (BAUMAN, 2001). Dessa vez, “[...] é o privado que coloniza o espaço público⁴³, espremendo e expulsando o que quer que não possa ser expresso inteiramente, sem deixar resíduos, no vernáculo dos cuidados, angústias e iniciativas privadas” (BAUMAN, 2001, p. 49). Desse modo, “[...] a política se reduziu a colunas de mexericos” (BAUMAN, 2001, p. 83).

⁴¹ Salientamos que no final do século XIX surgiu a “ideia de ‘Estado de bem-estar’ ou como propõe Robert Castel, ‘Estado social’ – inclinado a combater e neutralizar os perigos socialmente produzidos à existência individual e coletiva – proclamou a intenção de ‘socializar’ os riscos individuais e fazer de sua redução uma tarefa e responsabilidade do Estado. A submissão ao poder do Estado deveria ser legitimada por seu endosso a uma política de proteção contra a desgraça e a calamidade individuais” (BAUMAN, 2005, p. 67).

⁴² Consideramos, nesse aspecto, que o contexto moderno é sobrecarregado com a exposição da vida pública em diferentes veículos. Contudo, nesse caso, pontuamos que a mídia se encarrega de tornar público as questões privadas e que mesmo sob o olhar público não deixam de ser privadas e o que parece resultar de sua transferência para a cena pública é a expulsão de todos os outros problemas “não-privados” da agenda pública (BAUMAN, 2001).

⁴³ Cabe contextualizar, nesse momento, que na era sólida da modernidade o principal objetivo da teoria crítica era a defesa da autonomia, da liberdade de escolha e do direito de ser e permanecer diferente contra as ações de um Estado autoritário. “[...] a teoria crítica, no início, via a libertação do indivíduo da garra de ferro da rotina ou sua fuga da caixa de aço da sociedade afligida por um insaciável apetite totalitário, homogeneizante e uniformizante como o último ponto da emancipação e o fim do sofrimento humano - o momento da ‘missão cumprida’” (BAUMAN, 2001, p. 34). Contudo, “[...] a tarefa da teoria crítica foi invertida. Essa tarefa costumava ser a defesa da autonomia privada contra as tropas avançadas da ‘esfera pública’, soçobrando sob o domínio opressivo do Estado onipotente e impessoal e de seus muitos tentáculos burocráticos ou réplicas em escala menor. Hoje a tarefa é defender o evanescente domínio público, ou, antes, reequipar e repovoar o espaço público que se esvazia rapidamente devido à deserção de ambos os lados: a retirada do ‘cidadão interessado’ e a fuga do poder real para um território que, por tudo que as instituições democráticas existentes são capazes de realizar, só pode ser descrito como um ‘espaço cósmico’” (BAUMAN, 2001, p. 49).

Arelado a essa questão e voltando suas formulações ao corpo, Ortega (2010) reforça e destaca que as asceses clássicas visavam à transcendência do corpo ao bem comum, à auto-superação, ou contato com a divindade. Já as modernas bioasceses, em contrapartida, são práticas apolíticas e individualistas - que ocorrem segundo critérios de agrupamento por características privadas - faltando nelas a preocupação com o outro e com o bem comum. Perdemos o mundo e ganhamos o corpo. “[...] Não podemos mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação” (ORTEGA, 2010, p. 48).

Assim, a ênfase na política-vida, atrelada ao declínio das preocupações do Estado para com a população traz como consequência a privatização da vida, ou seja, uma perspectiva individualizada da organização dos modos de viver, que tem no corpo sua última instância de regulação. Contudo, isso não significa que o contexto esteja isento de estratégias de ação, pelo contrário, trata-se de estimular “[...] a formação de um sujeito que se auto-controla, auto-vigia, e auto-governa. Uma característica fundamental dessa atividade é a auto-peritagem. O eu que “se pericia” tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade” (ORTEGA, 2010, 32-33). Assim, [...] as modernas asceses corporais, as bioasceses, reduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das bioidentidades (ORTEGA, 2010, p. 32).

Ao apresentar a auto-peritagem como fonte básica das bioidentidades Ortega (2010) reforça que “[...] o corpo e o *self* são modelados pelo olhar censurados do outro que leva a introjeção da retórica do risco, resultando na constituição de um indivíduo responsável, que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos[...]” (ORTEGA, 2010, p. 33). Desse modo, a “vida equilibrada”⁴⁴ e a formação de bioidentidades para Ortega (2010) se dão através de práticas de bioascese (manuais de auto-ajuda, terapias, fitness).

Bauman (2001) nos auxilia nesse processo e pontua que na falta de uma suprema repartição as opções elencadas como prioritárias se dão pelas pessoas que, nesse processo, se consideram intrínsecas ao debate, possibilitando que outras se apropriem de tais conhecimentos. Estes, segundo Bauman (2001), são os ditos

⁴⁴ Tratamos de demonstrar como isso acontece no “Além do Peso” a partir de Gomes (2009). Contudo, ele será devidamente explorado no terceiro capítulo.

conselheiros, que cuidam de nunca se deslocar do contexto privado, designando os problemas como individuais. Trata-se de,

[...] Qualquer que fosse o conteúdo do aconselhamento, este se referia a coisa que a pessoa aconselhada deveria fazer por si mesma, aceitando inteira responsabilidade por fazê-las de maneira apropriada, e não culpando a ninguém pelas consequências desagradáveis que só poderiam ser atribuídas a seu próprio erro ou negligência. (BAUMAN, 2001, p.78).

Concordamos com Beck (2010, p. 64), ao descrever sobre a consciência que o indivíduo precisa ter na “sociedade de risco” nos alerta que,

[...] o nocivo, ameaçador e hostil espreita por toda parte e, seja maléfico ou benigno, escapa à faculdade de juízo do indivíduo, continua abandonado às suposições, métodos e controvérsias de terceiros produtores de conhecimentos. Em situação de ameaças, conseqüentemente, as coisas da vida cotidiana convertem-se, praticamente da noite pro dia, em ‘cavalo de troia’, do qual se precipitam os perigos, e com eles os especialistas do risco, para anunciar, em meio a pelejas mútuas, do que é que se deve ter medo e do que não.

A impossibilidade do Estado legislar com segurança frente aos fluxos globais contribuiu para uma mudança do cenário, no qual o indivíduo precisa assumir responsabilidades amparadas, nesse caso, nos conhecimentos produzidos pelos conselheiros do contexto moderno. Em outras palavras, além de restringir os conselhos a questões privadas, a modernidade líquida permite a coexistência de “[...] autoridades em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade” (BAUMAN, 2001, p. 76). Quando as autoridades são muitas, tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que pode escolher entre elas. Assim, é por cortesia de quem escolhe que a autoridade se torna uma autoridade (BAUMAN, 2001).

Dessa forma, a confiança nos conselheiros não está vinculada por questões de parentesco, vínculos sociais ou por conexões personalizadas no interior de sua comunidade, mas sim, por uma legitimidade que lhe é conferida de autoridade, especialista, celebridade, não-celebridade, dentre outros, que se encarregam de anunciar discursos permeados de “verdades” e exemplos para os indivíduos ávidos por aconselhamentos. De forma direta, os participantes do *reality* recebem orientação dos especialistas que participam do conjunto de conselheiros presentes no cenário do programa. E de forma indireta, os telespectadores, obesos ou não, são lembrados a todo o momento das atividades que devem realizar para sair da condição de obeso ou ainda, para manterem um estilo de vida ativo/saudável.

Contudo, os conselheiros são uma versão atualizada dos líderes e em comparação, caracterizamos como Bauman (2001, p. 77),

[...] uma diferença crucial entre líderes e conselheiros é que os primeiros devem ser seguidos e os segundos precisam ser contratados e podem ser demitidos. Os líderes demandam e esperam disciplina; os conselheiros podem, na melhor das hipóteses, contar com a boa vontade do outro de ouvir e prestar atenção. E devem primeiro conquistar essa vontade bajulando os possíveis ouvintes. Outra diferença crucial entre líderes e conselheiros é que os primeiros agem como intermediários entre o bem individual e o 'bem de todos'; ou, (como diria C. Wright Mills) entre as preocupações privadas e as questões públicas. Os conselheiros, ao contrário, cuidam de nunca pisar fora da área fechada do privado. Doenças são individuais, assim como a terapia; as preocupações são privadas, assim como os meios de lutar para resolvê-las.

Diante disso, percebemos que os discursos publicizados pelos conselheiros são mascarados com ações que incentivam os indivíduos a exercerem sua liberdade. Contudo, isso não quer dizer que sejam guiados por sua própria imaginação e resolução e estejam livres para construir seu modo de vida segundo sua vontade (BAUMAN, 2001). De modo mais claro, a liberdade concedida aos indivíduos está estritamente relacionada à escolha, que nesse caso, é determinada pelos conselheiros do nosso contexto. Em outras palavras, podemos considerá-la como uma liberdade limitada, ou seja, se faz a partir das informações concedidas por pessoas que se consideram “por dentro” do debate. Assim, “[...] há um desagradável ar de impotência no temperado caldo da liberdade preparado no caldeirão da individualização” (BAUMAN, 2001, p. 44). De modo mais apropriado, a individualização traz para os indivíduos liberdade sem precedentes, mas traz junto a tarefa, também sem precedentes, de enfrentar as consequências (BAUMAN, 2001).

Temos então que, se por um lado os indivíduos possuem maior liberdade de escolha, de outro se aumenta a responsabilidade, pois se tem forte argumento na construção de um estilo de vida que instaure um indivíduo saudável e fisicamente ativo. Com isso, lembramos que,

[...] existem casos em que, por motivos de privação econômica e exclusão social, não há possibilidade de escolha. Nestas situações, não faz sentido considerar pessoas responsáveis por seus estilos de vida. Mesmo assim, há perceptíveis conotações moralistas neste enfoque. Se não há carências em termos extremos de autonomia, pairam juízos de valor em que o padrão mais aceitável é o do agente racional que avalia, pesa e decide suas ações em termos teoricamente objetiváveis sob a égide de cálculos de custo benefício (CASTIEL; DIAZ, 2007, p. 85).

Assim, a liberdade dos indivíduos apresenta um respaldo científico, ou seja, as ações individuais são efetivadas a partir do discurso dos especialistas que

povoam todo cenário social, em especial, o contexto midiático. Mas e os que não possuem condições de seguir as indicações? Realmente, o que não falta são discursos moralizantes sob os que violam as regras estabelecidas e são responsabilizados, já que os conselhos representam formas de eliminar o que não os agrada. Assim, os especialistas do “Além do Peso” garantem que a defesa do corpo em prol da saúde consiste em manter os participantes com alimentação saudável e com a atividade física em dia. E os telespectadores, por consequência, também são convocados a seguir o exemplo informado por essas ações.

Esses discursos reforçam as recomendações vinculadas a um viés estritamente biomédico e associam o corpo obeso a um estado patológico. Os especialistas, por sua vez, atuam como “promotores do autocontrole” “[...] baseado em uma fórmula que alia evidências de estudos científicos e juízos morais implícitos sobre o que é correto na gestão baseada no autocontrole da existência de cada um (CASTIEL et.al, 2014, p. 1529). Em outras palavras, desconsideram fatores atrelados ao contexto social dos sujeitos, que corroboram para manifestações de agravos à saúde. Além disso, criam associações especulativas e moralizantes que aliam, nesse caso, a condição corporal a falta de cuidado e desleixo com o corpo. Do mesmo modo, muitas vezes,

[...] os espaços citadinos e seus equipamentos são os primeiros a excluir a presença dos seres pesados e grandes: em escolas, cinemas, teatros e aviões as cadeiras e poltronas costumam ser mais confortáveis aos magros e pequenos. Há maçanetas que não acolhem as mãos cheias, assim como há portas que muitos gordos não conseguem ultrapassar. Quando além de gordo se é pobre, a dificuldade ganha peso (SANT’ANNA, 2001, p. 21).

Discorrendo sobre essa discriminação que obeso sofre na sociedade contemporânea, Poulain (2004, p. 123) acrescenta que os problemas sofridos pelos indivíduos obesos vão “[...] desde a simples compra de um lugar num avião ou num cinema até o peso do olhar estético que recai sobre ele, o obeso é desvalorizado, marginalizado e repellido da sociedade”.

Isto posto, recorremos a Bauman (2001) para enfatizar que a individualização traz para o indivíduo, concomitantemente, a liberdade da experimentação e o enfrentamento das consequências. “Não dar conta de si mesmo, em sociedades nas quais o ‘si mesmo’ tornou um negócio de total responsabilidade de cada um, torna-se um novo fantasma, tão terrível quanto o antigo fantasma das culpabilidades escondidas a sete chaves” (SANT’ANNA, 2001, p. 25).

Desse modo, hodiernamente, corroboramos Costa (2005, p. 78-79) ao enfatizar que é

[...] na “exterioridade” do corpo, no semblante da esfera corporal egóica, que o abjeto e o refratário ameaçam irromper. É nesse novo lugar, o lugar das rugas; manchas; estrias; flacidez; barriga; obesidade; textura indesejável da pele, tensão muscular; conformação óssea viciosa; “pneus”; pelos e cabelos a mais ou a menos etc., que o abjeto e o recalcitrante são exaustiva e implacavelmente vigiados, esquadrihados e temidos de maneira fóbica, obsessiva, histérica ou persecutória.

Costa (2005, p. 79) ainda afirma que “o ego narcísico, sem poder ocultar a aparência do corpo, vê-se, como nunca, acuado pela dor, humilhação e medo de não ser causa do interesse do outro [...]”. Podemos considerar que há, nesse sentido, uma gestão da aparência nos processos de individualização do sujeito, visto que ele eleger seu corpo, isto é, sua aparência como um valor moral. As construções pessoais e coletivas inserem-se, portanto, nas representações contemporâneas das normas de beleza que excluem o corpo obeso, tornando-o marginalizado e estigmatizado (MATTOS, 2012). Enfatizamos o argumento a partir das considerações de Novaes (2006, p. 98),

Problemas com a má aparência e, certamente, com a gordura figuram entre um dos piores tipos de desleixo com o corpo. São, por conseguinte, concebidos como uma transgressão moral, traduzindo um modo inadequado de relacionamento com o corpo, no qual estão excluídos: exercícios físicos reguladores, esforço, disciplina, persistência, obstinação e auto-estima.

Portanto, a importância atribuída socialmente à aparência recai, cada vez mais, sobre um esforço individual. Verifica-se, igualmente, que os qualificativos estéticos estão associados a uma determinada forma de conduta pessoal (NOVAES, 2006). Nas palavras de Christopher Lasch *apud* Giddens (1991, p. 125),

Conforme o mundo vai assumindo um aspecto cada vez mais ameaçador, a vida torna-se uma interminável busca de saúde e bem-estar através de exercícios, dietas, drogas, regimes espirituais de vários tipos, auto-ajuda psíquica e psiquiatria.

E no caso do sujeito obeso, que não segue a cartilha de informações, “é interpretado como sendo responsável por sua condição, faltando-lhe a força de vontade e o investimento necessário para reverter essa situação” (NOVAES, 2006, p. 193). Assim, os programas midiáticos insistem em fazer circular discursos que viabilizam informar as ações aos indivíduos. Para legitimar esses discursos, a intervenção dos especialistas se faz presente nesta reconstrução do corpo, oferecendo uma rede interminável de serviços e de aconselhamentos. Para cada problema apresentado surge um especialista pronto a enunciar seu

aconselhamento. Em geral, sua função consiste em recomendar formas de agir frente a determinada situação, tornando os indivíduos, quase sempre, dependentes destes serviços. Ao descrever sobre esta dependência, ou melhor, compulsão por aconselhamentos, Bauman (2001, p. 85) comenta que “[...] procurar exemplos, conselho e orientação é um vício: quanto mais se procura, mais se precisa e mais se sofre quando privado de novas doses da droga procurada”. O autor ainda acrescenta,

[...] Olhando para a experiência de outras pessoas, tendo uma idéia de suas dificuldades e atribuições, esperamos descobrir e localizar os problemas que causaram nossa própria infelicidade, dar-lhes um nome e, portanto, saber para onde olhar para encontrar meios de resistir a eles ou resolvê-los (BAUMAN, 2001, p. 78).

O olhar atento ao que acontece no mundo das “celebridades por um dia”, ou seja, pessoas comuns que povoam o contexto midiático e que aparecem como exemplos são formas de construir estilos de vida idealizados a partir de roteiros descritos. Para tal, é necessário enfatizar que se utilizam os exemplos de pessoas comuns para ressoar que, no caso do “Além do Peso”, qualquer telespectador pode passar da condição de obeso a indivíduo saudável. Nesse sentido, cabe enfatizar que “[...] estar na mídia é de certa forma estar em ‘todos’ os lugares uma só vez, poder permear todos os cantos e ser alcançado de qualquer ponto” (FRAGA, 2006, p. 29). “É interessante notar como, de forma análoga, os discursos que normatizam o corpo – científico, tecnológico, publicitário, médico, etc. – vão, pouco a pouco, tomando conta da vida simbólica/subjetiva do sujeito” (NOVAES, 2006, p. 99).

Compreendemos, nesse sentido, o “Além do Peso” como uma estratégia midiática que opera na perspectiva de fazer a informação circular (FRAGA, 2006), para que o indivíduo, de posse das informações divulgadas pelos especialistas, nesse caso, as informações “verdadeiras”, tomem as decisões acertadas sobre os preceitos da vida saudável. Desse modo, a informação está muito mais baseada no “[...] controle remoto’ do que na ‘voz de comando” (FRAGA, 2006, p. 29). Assim, “[...] ocupar a mídia com o palavreado da vida ativa é a forma, econômica e politicamente, mais eficiente de penetrar de uma só vez no terreno discursivo da promoção da saúde e nos diferentes espaços ‘analógicos’ destinados à prática física” (idem).

Desse modo, destacamos que esses discursos são permeados por intenções mercadológicas, que vendem um estilo de vida ativo/saudável como forma de

prestar um “serviço para a população”, quando, na verdade, utilizam os participantes como estratégias que visam a audiência, numa competição carregada de prescrições físicas e morais que tem por objetivo a criação novos produtos (corpos) valorizados socialmente.

3. EM BUSCA DO CORPO SAUDÁVEL: DO QUE PRECISAM OS PARTICIPANTES DO *REALITY* “ALÉM DO PESO”?

Neste capítulo, destacamos as práticas discursivas relacionados ao corpo obeso publicizadas pelo “Além do Peso” em sua primeira temporada. Nossa discussão está baseada nas particularidades inseridas no contexto do *reality*, que convocou um grupo de obesos ao combate dos excessos corporais em prol de uma vida saudável. Apontamos, desse modo, as relações, os diálogos e estratégias utilizadas pelo programa para controlar as medidas corporais de cada participante, cujo corpo foi o personagem principal.

Destacamos, nesse caso, a educação do corpo obeso como principal elemento para tornar homogêneo o discurso que enfatiza a necessidade de readequá-lo aos parâmetros da sociedade contemporânea. Identificamos, nessa reconfiguração da imagem corporal, a prática de exercícios físicos e a alimentação saudável como principais estratégias utilizadas no aperfeiçoamento fisiológico, na obtenção da saúde e uma nova identidade baseada na imagem corporal.

No segundo tópico, propomos destacar a privatização do sofrimento vivenciado pelos participantes dentro e fora do contexto do *reality*. Apontamos, num primeiro momento, os discursos e falas proferidos nos vídeos exibidos na estreia do programa, onde foi possível conhecer, de maneira superficial, a história de vida e os problemas decorrentes da obesidade em contextos externos. Na sequência, problematizamos os conflitos entre os participantes, dores físicas e os desprazeres que se estabelecem no contexto do *reality*. Enfatizamos que nos discursos proferidos por eles percebemos um sofrimento da luta diária para conseguir atingir o nível e intensidade das atividades estabelecidas pelo preparador físico. Destacamos, nesse mesmo sentido, os argumentos publicizados em prol da aquisição de hábitos alimentares que não condizem com o gosto deles. Num terceiro momento argumentamos que o discurso produzido durante a eliminação dos participantes revela, de forma mais intensa, uma privatização do sofrimento, pois são intitulados como desviantes das regras e como aqueles que não souberam aproveitar a “oportunidade” cedida e são afastados das atividades do programa.

Desse modo, estabelecemos uma articulação do sofrimento a um discurso de insensibilidade moderna que exalta a cultura corporal como forma de sucesso pessoal, mitigando outros 'componentes' (as subjetividades) que conferem bem-

estar e saúde aos sujeitos. Apontamos, também, que o discurso apresentado está baseado numa cultura imagética de corpo ideal, que estabelece o sujeito como principal responsável por essa conquista, já que possui as 'ferramentas' concedidas pelo programa para alcançar tal êxito.

3.1 ATIVIDADE FÍSICA, ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E A EDUCAÇÃO DO CORPO OBESO: OS DISCURSOS QUE PERMEIAM O “ALÉM DO PESO”

A atividade física e a alimentação saudável estão no centro dos discursos que favorecem a obtenção do corpo ideal. Contudo, a atividade física assume um papel central nesse processo, visto que compõe grande parte da rotina dos participantes do programa. Pelas características apresentadas no *reality*, o principal objetivo das atividades exercidas pelos competidores está embasado no gasto energético, englobando qualquer movimento que promova esforço e perda de peso.

[...] infelizmente o tempo não ajudou que a rotina fosse feita integralmente, e como a gente não pode ficar sem perder calorias, porque o nosso objetivo aqui é perder uma grande quantidade de calorias ... então, a gente vai fazer um trabalho, uma rotina aeróbica entre esteira e bicicleta e só saímos daqui quando a gente gastar essas 700 calorias aí. Ta bom? Bora lá (ALEXANDRE BRÓ, VÍDEO 13).

O trecho destacado aborda uma mudança repentina do exercício que seria realizado pelos participantes, mas em função das condições climáticas, foi alterado. Contudo, a essência do extrato favorece a percepção do real objetivo da atividade: gastar calorias. Essa fala não é isolada, pelo contrário, está alocada no rol de discursos proferidos pelo preparador físico, como a que se sucede: “[...] então se preparem que atividade hoje é intensa, nossa atividade vai gastar 1000 calorias e a sala está em 40 graus” (ALEXANDRE BRÓ, VÍDEO 13). Outro diálogo entre o apresentador Brito Jr. e o preparador físico também nos mostram evidências da real preocupação do programa: “[...] dançar, realmente faz com que a pessoa perca calorias? Se eu ficar 1 hora dançando Dr. Alexandre ... doutor não, preparador físico Alexandre Bró, da pra perder quantas calorias dançando uma noite inteira na balada?” (BRITO JR., VÍDEO 14). O apresentador obteve a seguinte resposta do preparador: “uma noite inteira não tem limite, mas por hora 600 calorias dá tranquilo” (VÍDEO 14).

Destacamos, nesse sentido, que o gasto energético é alocado como meio de avaliar numericamente a atividade física. Assim, é possível incluir, em qualquer atividade organizada pelo preparador, a relação atividade x energia despendida, onde um conjunto diário de exercícios representa a meta a ser seguida pelos participantes, no que se refere ao gasto energético.

Desse modo, toda atividade, desde caminhar na esteira, dançar e fazer yoga em sala aquecida equiparam-se a um objetivo único: aumentar o gasto calórico e diminuir o peso na balança. Assim, são convertidas em gasto energético e a quantidade eliminada depende do esforço exercido pelo indivíduo. Por contraste, não empregar o empenho máximo, não seguir as instruções dadas pelo preparador físico e não realizar as atividades faz do indivíduo passível de julgamentos morais e põe em evidência o real comprometimento do participante com a sua saúde. De maneira ilustrativa, apontamos uma atividade realizada no entorno do estádio do Pacaembu, nela os participantes foram orientados a utilizar espaços que podem contribuir para perda de peso, sem nenhum tipo de custo. Alexandre Bró, após as atividades iniciais de alongamento e corrida realizada em torno do estádio, apresenta como atividade principal:

[...] trabalhar na escadaria por 30 minutos, sem parar. O que eu posso dizer pras pessoas que estão com dor aqui? Sempre a escolha de participar das atividades e se empenhar é de vocês, ninguém é obrigado a fazer. Que eu posso orientar pra vocês é que essa atividade é importante para que vocês batam meta. A Camila tem alta pra caminhar, então ela tem alta pra subir escada. Todo mundo sabe que tem uma meta de 1% do peso corporal pra perder, então vocês vão levar essa meta com vocês (VÍDEO 15).

Camila está lesionada, pois machucou o pé durante outra atividade realizada pelo grupo. Entretanto, mesmo com limitações é orientada a fazer a atividade, ainda que não seja com a intensidade programada. De maneira implícita, o discurso salienta que não importa como seja feita, mas é preciso praticar a atividade física para alcançar a meta e conseguir continuar eliminando o peso. Assim, “aqui, a quantidade de atividade física diária é mais importante do que a maneira como ela é realizada [...]” (FRAGA, 2006, p. 31).

A atividade física se apresenta, nesse aspecto, de modo curativo, capaz de transformar os obesos em pessoas saudáveis. Assim, de maneira coercitiva, os sujeitos são obrigados a se enquadrar nas atividades determinadas pelo *reality*, que exigem disciplina e persistência para conseguir obter uma melhor imagem do corpo. Essa referência de corpo é o objetivo a ser alcançado não somente em benefício da

aparência, mas em nome da saúde. Nessa mesma linha, a preocupação dos apresentadores consiste em favorecer a participação dos especialistas, de modo a deixar claro a todos: “[...] você tem alguma dica Dr., pra dar pra eles? O que eles podem fazer para melhorar, até no aspecto físico, pra ter essa vontade de treinar ou pra ter essa determinação de comer pouco. Qual dica que você daria?” (TICIANE PINHEIRO, VÍDEO 14).

A resposta se segue:

eu acho que eles tem que transformar isso num jogo ... eles tem que antes da atividade física, antes de se alimentar ... colocar metas próprias ... antes da atividade física ele vai pensar: olha, ontem eu consegui andar 100 metros, correr 100 metros, hoje eu vou tentar correr 110, 120. Ele tem sempre que colocar metas e se colocar desafios realistas que cada vez vão melhorando um pouquinho mais. É assim que ele vai ter motivação, por aí cada dia ele vai ter uma vitória, uma motivação pra a vitória que vai vir lá na frente (THIAGO VOLPI, VÍDEO 14).

Inicialmente, a proposta do médico é aumentar gradualmente a intensidade na realização da atividade escolhida. De tal modo, é solicitado um grau de assimilação do discurso do estilo de vida ativo proferido pelo especialista, possibilitando uma mudança de comportamento do grupo selecionado. O próprio “Além do Peso” os auxilia nesse processo, na medida em que direciona as atividades e metas diárias dos participantes. As ferramentas são fornecidas, as atividades criadas, mas o participante, cada um de sua forma, é o responsável por obter êxito em todas as atividades exercidas. Conforme Bauman (2001) não há mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos. Ou seja, embora possa recorrer aos conselheiros, em última instância, os desdobramentos dessas escolhas são de sua responsabilidade. Desse modo, “[...] no mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos cujo exemplo seguir na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas consequências de ter investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo” (BAUMAN, 2001, p. 39).

De modo similar, é pertinente destacar que as informações transcendem ao contexto do programa, pois é possível estabelecer um diálogo com os telespectadores que também carecem da cura do corpo obeso. Assim, aumentar as informações publicizadas sobre a obesidade e gerar mudanças em relação à vida sedentária, é mais um dos focos de atuação dos discursos produzidos no “Além do Peso”.

[...] vamos perguntar para o nosso preparador Alexandre Bró a respeito dos tipos de exercícios que são ideais ou que são proibidos pra quem tá querendo emagrecer, pra quem tá com uma obesidade assim ... com um sobrepeso considerável ... que tá nos assistindo agora aqui, que não está tendo uma orientação de um especialista ... O que as pessoas que estão acima do peso tem que evitar e o que elas devem fazer? (BRITO JR., VÍDEO 12).

Além de não considerar a particularidade de cada indivíduo, a questão simula que os telespectadores também anseiam uma indicação do preparador físico e ainda, está baseada no dever e na obrigação que determina uma ação, nesse caso, do obeso que deve, querendo ou não, fazer atividade física para queimar calorias e manter-se saudável. Esta ação, desconsidera a subjetividade e os prazeres dos sujeitos, os tornando meros receptores⁴⁵ e repetidores da ação estabelecida a partir do discurso que diariamente é proferido pelo preparador.

Assim, a ideia do programa consiste em fornecer um “modus operandi” de se livrar do mal que assombra o contexto moderno: a obesidade. Ou seja, as informações circulam através do discurso diário dos especialistas e apresentadores e está disponível *ao vivo* ou no *site* do programa, onde o indivíduo pode se nutrir de informações e do receituário da vida ativa. Igualmente, é possível falar sobre um mercado da vida ativa balizado, essencialmente, pelas vozes de comando que ordenam as informações (FRAGA, 2006), nesse caso, os especialistas. De tal modo, a força do discurso produzido reside na sutileza das orientações, na reiteração de uma conduta de vida e na naturalidade com que as explicações são proferidas. Dito de outro modo, “[...] Assistimos à chegada de uma TV de orientação e treinamento, uma TV transformadora e reparadora (LIPOVETSKY; SERRAY, 2009, p. 223). Desse modo, corroboramos com Costa (2005, p. 228) ao enfatizar que a mídia destaca e determina o que merece ou não a atenção do público.

[...] Como viver sexualmente; como amar romanticamente; como educar os filhos; como ter saúde física e mental; como conquistar amigos e fazer

⁴⁵ Os estudos de recepção trazem elementos importantes neste debate. Corroboramos com Dantas (2009, p. 91) ao citar Martín-Barbero e destacar que o autor “[...] estabelece a recepção midiática como um processo de interação, em que entre o emissor e o receptor há um espaço de natureza representativa ou simbólica que é preenchido pela mensagem, a qual é configurada com múltiplas variáveis. Essa complexidade de fatores que envolve a mensagem faz com que a intenção inicial emitida pelo emissor possa não vir ser a mesma captada e recebida pelo receptor”. Desse modo, mesmo que o discurso do “Além do Peso” esteja diretamente vinculado a estabelecer um estilo de vida ativo/saudável ideal para que o indivíduo seja capaz de superar os males causados pela obesidade, sabemos que estudos baseados na compreensão da “Teoria das Mediações Culturais” de Martín-Barbero apontam que o contexto, a formação cultural e as relações familiares influem diretamente no modo como as informações são apreendidas e transpostas à ação, sendo, portanto, diferente para cada contexto.

amizades; como vencer no mundo dos negócios; como aproveitar melhor o tempo de lazer; como distinguir violência e intermédio da mídia; nada disto convida o sujeito a pensar porque o significado do real se exaure em sua versão virtual.

As infinidades de discursos atreladas aos meios de comunicação reforçam o “bom funcionamento” das práticas cotidianas. Contudo, afastam-se dos verdadeiros problemas inerentes à saúde da população, pois evocam assuntos que ficam reduzidos a uma linguagem simplória e corriqueira, voltadas, essencialmente, para a política-vida (BAUMAN, 2001). De modo similar, o “Além do Peso” não se contenta em apenas apresentar as informações, mas busca decisivamente transformar o estilo de vida e os corpos dos sujeitos. Assim, o diálogo a seguir apresenta, de maneira enfática, a preocupação do apresentador em deixar claro como vai ser feita a reorganização dos hábitos dos participantes.

Lembrando amanhã, Aninha, a gente vai ver como é que tá começando a rotina de exercícios dos 8 candidatos. Então, eu vou aproveitar pra perguntar pro preparador físico Alexandre Bró como é que se faz? Como é que vai começar isso? Pra quem é sedentário, não tá acostumado, tá pesando muito e tá precisando perder o peso. Como é que vai fazer? Como é o começo deles? (BRITO JR., VÍDEO 16).

Em questão de segundos, já se obtém a resposta:

o importante é começar a se movimentar. Já introduzir um exercício muito tranquilo. É isso que a pessoa tem que entender, que ela tem que começar de forma gradativa. Não precisa se desesperar. Começar tranquilo, não é o nosso caso, porque a gente tá aqui num programa com um objetivo e um prazo mais apertado, mas todo mundo que está nessa vontade de emagrecer, ela tem que pensar que ela tem que estar mais ativa no dia a dia dela. Antes de entrar na academia, de se dispor a uma nova vida que não faz parte da vida dela, ela tem que ser mais ativa no dia a dia dela. Passear mais com cachorro, andar mais de bicicleta, brincar com os filhos e, essa é minha dica (ALEXANDRE BRÓ, VÍDEO 16).

Nesse tipo de discurso, fica claro que a operacionalização estabelecida pelo programa consiste em levar os participantes e os que acompanham em casa e estão em busca de conselhos, a um estilo de vida mais ativo e saudável. Propõe-se, de fato, que os obesos adquiram uma nova vida, onde é necessário “colocar em movimento os sujeitos que não fazem atividade física, mas põe em movimento uma palavra de ordem que procura pautar vontades e influenciar condutas de diferentes situações” (FRAGA, 2006, p. 128). Desse modo, o diálogo acima não é isolado, mas enfatiza como os participantes e a população podem “exercer “sua cidadania ativa” em qualquer recanto do cotidiano urbano” (idem). Assim sendo, é requerido que a atividade física seja inserida nos ambientes e práticas cotidianas dos sujeitos, mas é destinado a um público específico: aqueles que são inativos, inertes e precisam

encarar a atividade física como remédio diário, ou seja, aos que possuem o corpo obeso.

A ordem discursiva não exime nenhum tipo de atividade de sua função principal: gastar calorias. Nesse sentido, destacamos uma que em comemoração ao dia das crianças, relembra atividades recreativas realizadas durante a infância. Para compor o cenário, ouvimos uma música animada que comanda o ritmo da entrada dos participantes numa quadra ao ar livre. Vemos, também, que o preparador físico os espera no centro da quadra e os recebe com um bom dia. Ele diz: "atividade recreativa, vamos gastar bastante calorias, vamos trabalhar bastante condicionamento físico e por hora um aquecimento" (VÍDEO 17). Em seguida, no centro da quadra, a câmera foca no preparador físico que dá as coordenadas da atividade que os participantes irão realizar. Ele apresenta a queimada como atividade do dia.

De forma semelhante, o programa insere num dia de sua programação, atividades que podem ser realizadas com materiais de fácil acesso e que podem proporcionar o benefício da atividade física. Ana, apresentadora do programa, faz a descrição do que será realizado “[...] o nosso sargento Bró vai ensinar os nossos participantes, a galera da plateia e vocês de casa a malhar, se exercitar, gastar calorias, limpar a sua casa e não gastar um centavo” (04/12/13, Aprenda a fazer exercícios com o que você tem em casa). Contudo, apesar de ter a capacidade de informar a funcionalidade das tarefas diárias, ainda é preciso ressaltar as considerações apontadas pelo preparador, que próximo a Filipe, que está sentada numa cadeira ao centro do palco do programa, diz:

Então vamos explicar o que o Filipe está fazendo aqui ... Uma coisa que é legal de contar pra todo o pessoal de casa, é que o exercício considerado o rei dos exercícios, no fitness, é o agachamento. É o melhor exercício que existe no mundo. Ele é um exercício global, ele trabalha abdômen, a musculatura estabilizadora das costas e ele promove muita saúde do retorno venoso do coração ... Engraçado é que todo mundo faz isso de forma natural, senta, levanta [...] se você fizer isso em série de 10, de 15 repetições, você tem uma série de academia é normal ... É o agachamento com a cadeira que dá uma referência boa da maneira como se levantar e do angulamento correto do joelho (ALEXANDRE BRÓ, VÍDEO 18).

As indicações do preparador físico atuam no sentido de enfatizar o grau e a intensidade da atividade, que deve ser realizada contendo informações técnicas, advindas de um especialista, sobre os benefícios e o modo de combater/erradicar a obesidade. Assim, demarcamos que o *reality* atua como um programa “provedor de informações” para aqueles que desconhecem a mensagem e, ao mesmo tempo,

como um “animador de auditório” para os sujeitos que já estão inseridos na organização do programa (FRAGA, 2006).

A forma mais concreta de demarcar o potencial de alcance do programa é mostrar como os telespectadores se utilizam das informações que recebem. Por isso, foi relatada a experiência de Cláudio, um telespectador do *reality* que conseguiu emagrecer 20 kg acompanhando os participantes na dieta e nas atividades físicas. Após relatar sua história de vida e como organizou sua rotina de exercícios e alimentação, Claudio foi levado ao palco do programa para trocar experiências com os participantes e Brito Jr. salientou a sua dedicação: “[...] emagreceu vários números, é incrível. Claudio é o exemplo de que você de casa, pode sim, acompanhando o “Além do Peso”, se inspirar e começar a sua dieta” (VÍDEO 19).

Ao discorrer sobre os relatos de vida nos programas de auditório, Bauman (2001, p. 80) aponta,

[...] A autoridade da pessoa que compartilha sua história de vida pode fazer com que os espectadores observem o exemplo com atenção e aumenta os índices de audiência. Mas a falta de autoridade de quem conta sua vida, o fato de ela não ser uma celebridade, sua anonimidade, pode fazer com que o exemplo seja mais fácil de seguir e assim ter um potencial adicional próprio.

Desse modo, é vital saber como agem as outras pessoas diante de desafios semelhantes. Podem ter descoberto estratégias que não percebemos, podem ter explorado partes da questão a que não demos atenção ou em que não nos aprofundamos o suficiente (BAUMAN, 2001). Assim, o foco na perda de peso e nos benefícios que a atividade física pode proporcionar biologicamente ao corpo, sem considerar se o sujeito se envolve e tem prazer ao realizar a atividade, é a função primordial da mensagem. Ou seja, o “corpo na modernidade é convocado pela mídia e pelas relações de consumo para vender estilos de vida saudáveis [...] que produzem a compulsão e a “escravidão” da atividade física” (COSTA; VENÂNCIO, 2004, p. 61).

É possível destacar, também, uma preocupação em informar aos participantes e aos telespectadores como ocorre, cientificamente, as reações anatomo-fisiológicas do corpo. Ana pergunta ao nutrólogo:

[...] tem uma coisa que me chama atenção e eu acho que o pessoal de casa também está com essa dúvida: a gente percebe que todos eles passam pelas mesmas atividades físicas, tem a mesma dieta balanceada, mas porque todos eles têm tempo diferente da perda de peso? Porque cada corpo é diferente? (VÍDEO 20).

Na bancada dos especialistas, Thiago responde à apresentadora,

[...] dois fatores têm que ser considerados: Primeiro, cada indivíduo tem o seu metabolismo e cada indivíduo vai responder ao mesmo exercício físico de maneira diferente, alguns gastam mais calorias, outros gastam menos. Existe também aquela questão de que cada indivíduo pode estar se dedicando mais ou menos ao exercício, então são os dois componentes: a individualidade de cada paciente e o quanto esse paciente se dedica a dieta (VÍDEO 20).

A análise feita pelo médico nos revela que não é possível obter uma mesma resposta, fisiologicamente, de indivíduos diferentes, mesmo aqueles que realizam as mesmas atividades e tenham a mesma alimentação. Contudo, a individualização apresentada pelo especialista não se restringe aos componentes intrínsecos do corpo, mas se expandem às ações de cunho comportamental e estabelece que o empenho é fundamental para a resposta do organismo frente ao estímulo de determinada atividade. Aliado a essa questão, a psicóloga enfatiza: “[...] o que eles têm que ter em mente é determinação, foco, disciplina e lembrar o quanto é importante emagrecer pra vocês. Cada um tem o objetivo do porque quer emagrecer. Qual é a vantagem de emagrecer? Então está sempre lembrando das coisas boas com isso” (VANESSA CARMINATI, VÍDEO 21).

O foco sobre o indivíduo e seu comportamento tem sua origem na tradição da intervenção clínica e no paradigma biomédico. Nesse caso, o *locus* de responsabilidade e a unidade de análise são o indivíduo, que é visto como o responsável último, senão único, pela manutenção de sua saúde e de seu corpo (BUSS, 2003). Ou seja, “[...] cabe ao sujeito a responsabilidade no agenciamento de si, determinando, vigiando, balizando e observando suas próprias ações e seu comportamento” (NOVAES; VILHENA, 2003, p. 14).

O olhar sobre o corpo obeso, ilustrado no *reality*, é pautado num discurso reducionista, onde a obesidade é tratada como um excesso de gordura, que positivamente se materializa no corpo humano (CARVALHO; MARTINS, 2004). Assim, o risco de ser eliminado é utilizado como parâmetro para legitimar as estratégias utilizadas pelos especialistas e reverter a situação do participante. Esse modelo está pautado numa educação verticalizada, onde se atribui ao sujeito que sabe, o especialista, a voz ativa que direciona aqueles que não sabem, os participantes. De maneira ilustrativa, segue o diálogo:

[...] eu quando chega toda quinta-feira eu fico aqui torcendo pra ninguém ter que vestir essa camiseta preta, porque é complicado o peso de risco, é ralação três vezes maior ... o Bró, o que você tem pra dizer, ou melhor, o

que você vai fazer com que eles façam até amanhã pra perder esse peso? (ANA HICKMANN, VÍDEO 22).

A apresentadora lança a questão após Leandro e Mila realizarem a pesagem extra e descobrirem que estavam no peso de risco, ou seja, faltando um dia para a pesagem oficial, os participantes estavam distantes da meta semanal. O preparador, Alexandre Bró, esclarece a apresentadora:

Quando eles comem demais o corpo paga a culpa, não vai ter jeito, a gente vai ter que intensificar as atividades e isso gera um desconforto, a gente já viu isso com outros participantes ... e não tem outra saída, daqui pra amanhã, pra reverter o quadro ... É um sofrimento muito maior, e o risco é sempre grande, porque a gente não tem autonomia sobre o nosso corpo e o que a gente faz é tirar o máximo que a gente consegue (VÍDEO 22).

Esse discurso estabelece uma relação entre o organismo e a máquina, atribuindo-se ao corpo uma dimensão de transformação constituída de aspectos biológicos e artificiais, inatos e adaptada pela técnica (COSTA; VENÂNCIO, 2004). Ou seja, quanto mais intensa a atividade, quanto mais trabalha a máquina corporal, mais gasto energético ela pode alcançar. A consequência, de se exercitar numa intensidade maior é poder ter o “privilégio” de desfrutar da estrutura concedida pelo “Além do Peso”, manter o corpo saudável e viver longe dos perigos causados pela obesidade.

Assim, os participantes que estão no peso de risco, estabelecido pelo programa, são alocados no grupo dos novos desviantes e inábeis de cuidar de si, pois não se vigiam nem se controlam da forma requerida. Constroem-se, desse modo, as bioidentidades dos indivíduos responsáveis e, ao mesmo tempo, dos desviantes, por oposição e reprovação. Quem não procura uma existência livre de risco torna-se um novo desviante, irresponsável, inapto para cuidar de si, que fornece maus exemplos (ORTEGA, 2010). Ou seja, os participantes que conseguem seguir a dieta e fazer as atividades direcionadas não sofrem com o risco da eliminação, mas aqueles que não conseguem se controlar, principalmente no “jantar de gala”, colocam em risco o comprometimento com a sua saúde.

Os conselhos que se relacionam com atividade física e com a saúde dos participantes não estão desvinculados de outras indicações, mas se articulam a determinados modos de conduzir a vida. A ênfase dada aos alimentos como componente associado à atividade física, atua no sentido de disciplinar o corpo, a princípio no programa, mas que se estende nos diferentes contextos sociais do grupo escolhido. A nutricionista, no *reality*, é a profissional responsável por organizar

os pratos e direcionar as informações: “o cardápio dos participantes, ele está entre 300 e 400 kcal. O primeiro prato que foi servido foi uma salada de folhas, que é um prato rico em fibras, vai ajudar no processo de saciedade, então consequentemente eles vão reduzir a ingesta nas próximas refeições” (CAMILA DEL PAPA, VÍDEO 16).

Essa fala acontece num restaurante onde os participantes são submetidos a uma nova organização alimentar para dar início a competição. A nutricionista continua a dizer: “o segundo prato nós servimos uma sopa. Uma sopa de legumes, sendo ela de abóbora, que também vai contribuir nessa questão do processo de saciedade” (CAMILA DEL PAPA, VÍDEO 16). Ao expor as duas indicações, a especialista não leva em consideração a individualidade do paladar, pois o alimento, assim como a atividade física é o mesmo pra todos submetidos ao emagrecimento. Nesse aspecto, destacamos um momento onde a participante Sabó, num espaço do restaurante, diz: “pra mim a sopa foi bem difícil, eu não consegui comer, eu não gosto de abóbora. Foi difícil, o gosto me dá enjôo” (VÍDEO 16). A câmera faz um recorte de Sabó na mesa e a vemos dizer à Leandro: “não, não como abóbora. Não como abóbora, nunca comi abóbora, eu odeio abóbora” (VÍDEO 16). Suas escolhas, nesse sentido, são impostas por estratégias previamente determinadas pela equipe de especialistas.

Percebemos, nesse ponto, que o gosto dos participantes não é levado em conta. O que importa é a função exercida pelo alimento no organismo dos participantes, ou seja, a abóbora é benéfica para saciar os competidores, para que assim, eles deixem de comer o tempo todo. De modo que reduz o alimento aos nutrientes e a “[...] sua composição transforma-se, assim, no equivalente a uma bula (“indicações de uso e contra-indicações”) e o alimento, desagregado em componentes funções, em medicamento” (VILLAGELIM, et.al, 2012, p. 683). Precisamos relatar, também, que ouvimos algumas vozes, enquanto a câmera filma Sabó falando do seu desprazer com a abóbora. Elas diziam: “foca no tempero, no gostinho do tempero, no alho, na ervinha” ... “mas vai vir outro prato ainda” (VÍDEO 16). Ainda nesse diálogo durante a refeição, a câmera está filmando o grupo na mesa, mas deslocando constantemente a angulação, e vemos Caroline dizer: “amanhã você tem uma série de exercícios novos, um cardápio já montado pra tudo que você precisa, pensa nisso, no que o seu corpo vai precisar, não sua cabeça” (VÍDEO 16). Em outras palavras, os participantes já internalizaram que o gosto e/ou prazer ao ingerir o alimento não deve sobressair às indicações dos especialistas.

Aliado as prescrições, os participantes são levados a ouvir diariamente que estão nessa condição por escolhas e decisões erradas, de um passado que, por vezes, não é tão distante. Como forma de ilustrar, apontamos uma atividade que foi realizada num café da manhã dos participantes com o especialista Thiago Volpi, onde foi pedido que eles levassem uma peça de roupa que gostariam de voltar a usar. Nessa atividade, todos tiveram a oportunidade de relatar como foi sua experiência com a roupa, por quanto tempo usou e a quanto tempo está guardada esperando o retorno à antiga forma física. Destacamos o participante Leandro que está sentado ao lado esquerdo de Thiago e diz: "eu trouxe essa bermuda ... Minha mãe comprou ela no Natal passado ... Ela entrava em mim, mas depois de um mês que passou o Natal ela não deu mais, no máximo que ela chega na minha perna" (VÍDEO 23).

Leandro foi o primeiro participante a destacar a sua experiência e após todos conseguirem expressar suas frustrações, ouvimos Thiago olhando para Leandro e dizer:

Vamos tentar imaginar você com essa bermuda ... Eu quero que você pense da seguinte maneira: 'a gente vai ter que tirar uma foto mental de você com essa bermuda. Eu quero que você coloque essa foto na sua cabeça porque toda vez que você tenha uma tentação, toda vez que você achar que você não for capaz, você tem que lembrar dessa foto ... É como se você tivesse com essa foto na carteira, como aqueles motivos pelos quais você quer emagrecer, põe os motivos que a foto imaginária de você com essa roupa (VÍDEO 23).

Em outro espaço, que pelo recorte de entrevista não conseguimos identificar, o nutrólogo completa: "nós queremos um elemento que pode sempre competir com eles se comerem um pouco a mais ... É importante nós criarmos diversos elementos como esse" (VÍDEO 23). Aliado a esse discurso a "[...] questão é que se vincula demasiadamente obesidade com "vida equivocada", com "escolhas incorretas", com "falhas morais", com "necessidade de intervenção individual" [...]" (GOMES, 2009, p. 83) e se o participante for incapaz de se adequar para conseguir superar esse *status*, a equipe médica, nesse caso o nutrólogo, precisa propor alternativas que façam lembrá-lo quais as conquistas ele irá conseguir ao renegar os prazeres alimentares que conferem ao seu corpo opulência. Destacamos, nesse sentido, o papel do conselheiro como aquele apresenta além da opção correta e alternativa mais viável para superar as adversidades e os prazeres que o alimento confere.

Assim, de modo similar ao discurso apresentado na atividade física, a alimentação saudável está inserida na programação diária e as orientações possuem a intencionalidade de abarcar uma série de contextos sociais, conforme as indicações: “o terceiro prato servido foi um prato bem popular, então o que nós queremos mostrar é que os brasileiros que estão assistindo, eles podem comer o arroz e o feijão, desde que eles controlem as quantidades” (CAMILA DEL PAPA, VÍDEO 16). Assim, “[...] a televisão hipermoderna também procura remodelar tanto a aparência quanto a vida dos indivíduos ordinários” (LIPOVETSKY; SERRAY, 2009, p. 223-224).

O alerta relacionado aos exageros nutricionais está no rol de discursos apresentados pelo programa, onde o argumento é que a obesidade está diretamente associada a compulsão alimentar, à dependência e a vasta ingestão de alimentos altamente calóricos. A psicóloga relata,

[...] eles não estão preocupados na hora: a, isso vai fazer mal pra mim! E geralmente o magro pensa assim: Nossa vai fazer mal pra minha saúde, não vou comer tanto, e tal. Eles (os participantes) tem o pensamento gordo! Eles querem se auto punir mesmo, aquela coisa de comer, comer e comer o máximo que eles puderem. E aquela coisa de você ir numa churrascaria, já que é de graça mesmo, vou comer e aproveitar porque eu não to pagando. Então eles tem esse pensamento gordo (VANESSA CARMINATI, VÍDEO 24).

Apontamos, em particular, a afirmação de uma psicóloga especialista em Terapia Cognitivo Comportamental, detentora do saber e das explicações das questões relacionadas aos transtornos comportamentais que atingem os obesos. Consequentemente, as dificuldades com relação ao autocontrole são questões que acompanham os participantes, porém eles são convocados e incitados a seguirem “[...] protocolos comportamentais, visando uma vigilância constante [...] em busca da moderação de apetites e prazeres diante de fatores aparentemente triviais que conspiram a favor de adições/vícios que podem levar ao ganho de peso indesejável e nocivo” (CASTIEL et.al, 2014, p. 1529).

O discurso se desenvolve sobre a necessidade de restaurar os bons hábitos, considerando as indicações em quantidade de refeições. Controlar-se, nesse sentido, está diretamente relacionado ao que Gomes (2009) chamou de “vida equilibrada”, visto que o indivíduo é convocado a ter “bom senso” e controle sobre os excessos do contexto moderno, nesse caso, o controle da alimentação. Ou seja,

A ‘vida equilibrada’ é composta por conselhos e saberes que enfatizam a necessidade de se evitar os excessos presentes no cotidiano, sejam eles tecnológicos, eletrônicos, cosméticos, nutricionais, sonoros, corporais ou,

até mesmo em relação à luxúria. A vida equilibrada representa um antídoto frente aos “vícios capitais”. (GOMES, 2009, p.107).

A “vida equilibrada” no “Além do Peso” é publicizada através dos conselhos dos especialistas e dos apresentadores. Eles indicam, cada um na sua especificidade, as informações necessárias e as técnicas mais eficientes para realizar determinada atividade, seja ela enfrentar o alimento que lhe confere prazer e não extrapolar na quantidade ou a forma mais adequada de realizar uma atividade física, tal como pilates.

[...] mudar de vida, pensar magro ... É isso que vocês estão buscando ... Não só o peso melhor, não é só ficar mais leve [...] Para isso, é preciso se alimentar dentro das regras, é preciso esquecer as gorduras, é preciso esquecer os doces, por um tempo ou na medida em que vocês estão fazendo esse esforço aqui, esse sacrifício ... Deixar um pouquinho isso de lado. Quando for comer, tem que comer só um pedacinho, esse é o negócio, comer só um pedacinho [...] (BRITO JR., VÍDEO 25).

Corroboramos com Palma et.al (2012, p. 105) ao destacar que “a ideologia da saúde associa equivocadamente a ação de se cuidar com ‘ser magro’ ou ‘praticar atividade física’. Quem não se cuida ou não se vigia faz parte do novo grupo de desviantes, os “descuidados obesos”. Qualquer outro sentido para a palavra cuidado é silenciado”. Assim, os discursos proferidos, seja pelos apresentadores ou pelos especialistas, seguem uma linearidade e salientam as preocupações com uma alimentação saudável e com a manutenção diária da atividade física, pois as duas, em conjunto, atuam promovendo um equilíbrio capaz de fornecer subsídios para os indivíduos em busca de uma vida saudável e ficar distante dos males da obesidade.

Dentro das ações de combate a obesidade, as atividades físicas ganham destaque. Porém, é o controle do peso corporal que identifica o participante que permanece e aquele que pode ser eliminado do programa. Esse controle é decorrente das pesagens que são feitas duas vezes por semana. Nesse caso, os números são a forma de identificar quem seguiu as regras determinadas pelos especialistas, afinal, a balança não mente e é a única capaz de eliminar o competidor. Destacamos, nesse sentido, o diálogo entre os apresentadores e a participante Camila (VÍDEO 26).

O apresentador chama Camila, Vitor e Caroline para ficarem de pé. Camila é a primeira, dos três, a contar como foi seu final de semana.

Fábio pergunta: "dia das crianças é aquela festa, tem criança em casa e aí hein? resistiu?"

Camila responde:

tenho filho em casa ... Resisti bravamente. Foi aniversário do meu avô no final de semana ... Teve tudo de muito gostoso, mas eu não comi nada, eu fiquei lá tomando uma limonada com adoçante e gelo, conversando muito, curtindo bastante a família, cantando, água, limonada e mais nada.

Fábio: "eu acredito em você, mas quem vai falar a verdade...".

Ana completa: "é a balança". Na sequência, ela autoriza Camila a ir em direção a balança e diz: "agora a gente vai ver se você realmente ficou só na limonada ou se foi na onda do vovô com aniversário: 'só um pedacinho, filha '". A apresentadora continua seu discurso dizendo que Camila, na sexta-feira, pesou 112,2 kg e que a participante não pode ter engordado nada pra continuar no jogo. Ela recebe autorização para subir na balança e aguarda o resultado. Após alguns segundos, visualizamos que a participante atingiu o peso de 111,6 kg. Ela desce da balança, recebe os aplausos da plateia e comemora o resultado.

É certo que em diversos momentos, como o destacado acima, os participantes são interrogados sobre as condutas adotadas em períodos que passam fora do contexto do *reality*. Nesse trecho, em especial, é possível verificar uma conduta de controle através da pesagem, onde um deslize do competidor e um alimento ingerido que não esteja na dieta pode provocar a eliminação. O discurso é claro: um grama a mais e o participante está fora da competição. Para isso, eles não podem desequilibrar um dos fatores que influenciam na perda de peso, ou seja, a alimentação. De certa forma, pontuamos que as escolhas dos indivíduos, no contexto externo ao programa, são fortemente influenciadas pelo controle da balança. Dito de outra forma, "[...] eles consideram evidente o fato de que os 'comportamentos individuais são controláveis', que 'a condição do obeso é reversível', e que 'se um indivíduo obeso realmente quiser, poderá perder peso' (POULAIN, 2013, p. 117).

Hodiernamente, se tornou corriqueiro ouvirmos discursos que relacionam a imagem corporal a condutas individuais, principalmente no nosso *lócus* de observação, onde a responsabilidade por atingir a meta é inteiramente do indivíduo. Assim, as condutas impróprias adotadas por eles são sutilmente discriminadas pelas autoridades que compõem a programação do *reality*. De maneira ilustrativa, apresentamos um diálogo (VÍDEO 27) que ocorreu após a produção exibir o vídeo dos participantes no 'jantar da gala' que ocorreu numa churrascaria. Após visualizar o vídeo, a nutricionista enfatiza a necessidade dos participantes se controlarem nessa atividade, pois comer em excesso pode ocasionar eliminação. O

apresentador, que está ao centro do palco, aproveita a oportunidade para fazer a seguinte questão à Marina:

Fábio: "[...] Marina trocou uma das refeições por um pão com queijo e iogurte, verdade? porque você não contou pra nutricionista?".

Com a câmera focando em Marina, visualizamos que a participante solta uma gargalhada e pega o microfone para se explicar. Ela diz: "eu contei uma parte, ontem. É que na verdade, no final de semana veio purê de abóbora com siri e eu tentei comer e não desceu".

Ana: "você não gosta de abóbora?"

Marina: "até gosto, mas estava com gosto do siri, era moqueca de siri".

Fábio: "mas porque você não contou?"

Marina: "eu falei ontem pra nutri que eu substituí o siri por um 'activia' (marca de um iogurte), só que eu vi a cara dela assim: 'Marina, quando for assim você tem que avisar', aí eu deixei pra lá o pão, mas eu contei pro grupo e eles puxaram a minha orelha".

Ticiane: "não acredito! pão com queijo?"

Marina argumenta: "é que eu calculei as calorias, então o prato da moqueca tinha umas 200 calorias, o pão não tinha nem 60, o queijo era branco, o iogurte tinha dado menos de 150 calorias e eu achei que eu estava certa, mas eu vi que eu não posso, era carboidrato".

Ana: "a pergunta é: 'será que não é perigoso fazer essa substituição assim'? Porque sexta-feira é dia da balança né, doutora?"

A nutricionista sinaliza positivamente com a cabeça e diz:

Exatamente. A gente tem que tomar cuidado, principalmente, fazendo uma substituição pelo carboidrato. O carboidrato ele tem uma propriedade de puxar um pouquinho de líquido pra dentro do organismo, reter um pouquinho de líquido e isso vai influenciar um pouquinho na pesagem. Então, sempre que for fazer uma substituição, cuidado com o carboidrato.

Com isso, qualquer alimento que você consuma que não esteja no rol de prescrição da nutricionista pode interferir no regime que foi planejado para o seu corpo a fim de conduzi-lo a boa forma, podendo fazer com que muitas semanas, meses ou anos de trabalho rigoroso e sacrificante tenham sido em vão (BAUMAN, 2009). Isto posto, a responsabilidade de colocar em prática o conselho é do aconselhado, pois embora possa recorrer aos conselheiros, as consequências de suas escolhas são de sua responsabilidade (BAUMAN, 2001).

Desse modo, “o conhecimento, a produção e a difusão de informações sobre os benefícios alimentares contribuem para uma medicalização da alimentação cotidiana” (POULAIN, 2004, p. 133). Assim como o medicamento, para obter o resultado esperado é necessário ingerir o alimento determinado pela nutricionista. Essa alteração alimentar que o programa propõe atua no sentido de incorporar aparência física e racionalidade biomédica. Dentro desse rol, as ações cotidianas dos participantes, mesmo que não estejam na estrutura fornecida⁴⁶ pelo programa, são permeadas por orientações científicas.

Vale destacar, entretanto, que no contexto do programa os participantes estão submetidos a uma organização que os obriga a seguir determinados padrões, pois

[...] desempenham um papel, aquele prescrito pelas regras do jogo, pelo contexto midiático, pela personalidade em função da qual foram selecionados: os participantes devem ser desinibidos frente à câmera e são escolhidos para “representar” um tipo psicológico, social ou cultural determinado de antemão, como num filme. E isso a fim de ganhar a guerra das audiências. (LIPOVETSKY; SERRAY, 2009, p. 220-221).

E nesse contexto, a alimentação e leiam-se também a atividade física (destaque nosso), são os meios de transformar a aparência, de modelar o corpo, de fazê-lo engordar ou emagrecer, de expandi-lo, de estetizá-lo, mas também de controlá-lo, de submetê-lo (POULAIN, 2013) e estão no centro das regras descritas pelo jogo. O real comprometimento do participante, dessa maneira, pode ser equiparado a sua conduta, responsabilidade e modo de agir. A medida é circundar o indivíduo em sua materialidade e subjetividade. E as ações desencadeadas no programa como forma de educar o corpo fazem isso ao modificarem os alimentos ofertados e ao intervirem sobre a movimentação corporal.

Ao mesmo passo, os participantes internalizam o discurso em prol do corpo magro e acreditam ser de suma importância a dedicação deles nas atividades, como podemos observar nos comentários de Camila: “estou realmente muito cansada. Muito. Força do além, mesmo. Estou me superando a cada dia. Quero muito ser magra de novo, quero recuperar minha saúde ... Eu aguento a dor. Não é isso que vai me derrubar não” (VÍDEO 17). Saúde representa, nessa fala, o objetivo final da participante, e na ênfase dada por ela, deixa de ser um ponto de partida para tornar-

⁴⁶ Vale destacar que no período noturno e nos finais de semana os participantes voltam para suas residências. Contudo, eles recebem a alimentação em marmitas descartáveis, como forma de manter a dieta estabelecida pelo programa. Já para a atividade física não é feito um programa de treinamento, mas é pedido pelo preparador que eles continuem a se movimentar em outros contextos.

se um fim, em conjunto com a nova forma física. Assim, essa ideologia de saúde nos leva a crer que a obesidade é vista pelos participantes como uma doença que reconfigura o obeso com um fracasso pessoal. De forma a exemplificar, destacamos a fala de Caroline numa atividade, onde a participante se isola do grupo por estar sentindo dores no corpo. Ela afirma: “[...] eu estou morrendo de raiva, do meu corpo principalmente, e eu sei que essa dor é culpa minha, porque se eu fizesse tudo que eu tô fazendo hoje a um tempo atrás eu não teria essa dor” (VÍDEO 17). Assim, “a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre se deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (ORTEGA, 2010, p. 47).

Nesse passo, podemos considerar o emagrecimento ofertado pelo programa como uma prática bioascética para a constituição de bioidentidades. Os participantes são encorajados pelo discurso que promete uma vida longe dos riscos da obesidade e levados a cumprir as atividades propostas pelos especialistas, a fim de se constituir uma nova pessoa que carrega em seu corpo a saúde desejável. O resultado, desse processo, seria a construção da identidade almejada, que está, exclusivamente, baseada nas características corporais.

A formação de bioidentidades sociais construídas a partir de uma doença determinada, como a obesidade por exemplo, confirmam os novos critérios de agrupamentos biossociais e biomédicos que substituem, progressivamente, os padrões tradicionais, tais como: raça, classe, religiões e orientação política (ORTEGA, 2010). Desse modo, o argumento apresentado por Ortega (2010) faz alusão a uma nova forma de sociabilidade, uma biossociabilidade apolítica, que estabelece um eu extremamente individualizado levado pelos discursos da saúde e da perfeição corporal. Nesse caso, caracterizamos o espaço do programa como local destinado a agrupar pessoas que possuem o mesmo problema e anseiam uma mudança na imagem corporal. Para demarcar tais questões, separamos alguns extratos (VÍDEO 28) onde os participantes relatam e enfatizam a importância da mudança corporal adquirida através do programa:

No consultório, de frente para o espelho, ouvimos a participante Marina dizer à enfermeira: “eu me sinto melhor. Antigamente eu ficava só no rosto, agora eu já vejo com mais facilidade o corpo todo. Foi além do que eu desejava com o término do programa [...]”.

Tatiane é a próxima participante a entrar no consultório e se desloca para a frente do espelho, e a enfermeira pergunta: "o que você viu de melhoria?" (ALEXANDRA MAGALHÃES, VÍDEO 28). Tatiane responde: "minha barriga diminuiu bastante (enquanto a participante relata a mudança corporal, visualizamos imagens do abdômen de Tatiane antes de começar a competir no programa) os meus braços também, o meu bumbum tá menor ... melhorou tudo depois que eu perdi 7kg".

Vitor entra no consultório e a enfermeira que o acompanha o direciona para frente do espelho e diz que será avaliada a famosa imagem do antes e depois. Ela pergunta: "atualmente, o que você sente?". Vitor, sem camisa, alisa com as mãos a parte abdominal e diz: Orgulho, muito orgulho ... Melhorou bastante se comparado com o que era". Nesse momento, visualizamos a tela dividida com imagens do antes, no lado esquerdo e do depois, no lado direito. Com isso, é possível verificar a evolução da imagem corporal do participante. Ele continua a dizer: "o que mas me incomodava era o abdômen, era complicado ... Ainda incomoda um pouco, mas comparado ao que era ..., eu me sinto bem bonito, eu gosto de me olhar de frente agora. Eu olho de frente, de perfil. Ainda não está do jeito que eu quero, mas sei que estou no caminho".

Leandro, em resposta a pergunta feita aos outros participantes, de frente para o espelho, diz: "bem mais leve. Me sinto outra pessoa, uma pessoa feliz. Agora eu olho no espelho, me sinto uma pessoa feliz, uma pessoa bonita, não a pessoa que eu era três meses atrás".

Camila, de frente para o espelho, relata:

Quando me vi a primeira vez eu tava me sentindo um monstro. Meu rosto tava muito inchado, os braços ainda são grandinhos, mas estava muito maior do que tá agora, tava parecendo que ia ganhar neném, de tão grande ... Então hoje eu já consigo me ver e não achar eu estou uma figura assustadora, eu to uma gordinha bonita.

Já no palco do programa, Brito comenta que todos eles pontuaram questões referentes a não gostar de visualizar no espelho o corpo que tinham antes. Ele direciona uma pergunta para Eduardo, que comparou o corpo a um "lixo": "era realmente difícil, antes do *reality* começar, antes de você entrar aqui pra olhar pro corpo inteiro no espelho?" (VÍDEO 28).

Eduardo, sentado na poltrona destinada aos participantes, responde:

Muito. Eu trabalhava com beleza e eu não conseguia me olhar no espelho. Eu não gostava de ver a minha figura gorda, enorme. Hoje eu não posso ver um espelho. Eu já fico parado me olhando [risos], hoje eu to me amando. Eu não tinha auto-estima, confiança em mim, hoje eu to me sentindo lindo. Eu me amo, pra sempre agora (VÍDEO 28).

O discurso apresentado por Eduardo está relacionado ao que Bauman (2001) chamou de “amor de si”, e está atrelado à espetacularização do corpo, que pode ser visto por ele e por outros como um produto da responsabilidade que o participante teve durante o *reality*. A partir dessa transformação, ele estaria apto a conseguir se admirar no espelho, ter autoestima e estabelecer relações sociais no contexto do seu trabalho, pois agora o corpo está de acordo com os parâmetros exigidos atualmente.

No mesmo sentido apontado pelos outros participantes, após ser eliminada, a participante Mila também destaca a sua nova aparência como algo de positivo proporcionado pelo programa: “[...]foi uma experiência ótima tá aqui no programa, foi realmente um sonho que eu realizei de poder emagrecer, de poder ser uma nova pessoa, diferente do que a gente era antigamente, foi ótimo estar com vocês [...] (VÍDEO 21).

Corroboramos com Ortega (2010, p. 61) ao destacar que “[...] na cultura da biossociabilidade a aparência do corpo tornou-se central para a identidade pessoal, tornando os indivíduos “condenados da aparência”, a marca corporal representa a procura de autenticidade, de uma localização real da nossa essência na sociedade da aparência”. Portanto, destacamos que por meio de um programa, os indivíduos são elevados, por suas características semelhantes, e compartilhar um espaço que faz do seu ambiente social que não é apenas descontextualizado, mas também que interpelam as subjetividades. (RABINOW, 1999).

Os discursos publicizados no “Além do Peso”, em função de uma vida equilibrada e longe dos males causados pela obesidade, recebem subsídio do sofrimento que os participantes relatam ao destacar o preconceito e os apontamentos morais que perduram no contexto contemporâneo.

3.2 A PRIVATIZAÇÃO DO SOFRIMENTO NOS DISCURSOS DO “ALÉM DO PESO”

O *reality* mostrou, de maneira superficial, momentos onde os participantes relataram sofrimentos decorrentes do preconceito vinculados a imagem corporal. Assim, durante a apresentação dos participantes e em algumas atividades, eles tiveram espaço para expor como o discurso que margeia o contexto social influi diretamente sobre o indivíduo que carrega o peso corporal e moral da obesidade. De

maneira que, hodiernamente, o indivíduo obeso apresenta um corpo que demarca sua diferença, sendo esta sempre exposta de maneira negativa.

Nesse sentido, recordamos um momento onde Eduardo, ao fazer uso do aparelho de flexão de pernas na academia, relata que a dificuldade de realizar as repetições no equipamento é reduzida no momento que pensa nas “[...] pessoas que me humilharam, que falaram um monte de coisas pra mim ... Canalizar minha raiva e mudar o meu corpo totalmente” (VÍDEO 29). Noutro espaço da academia, em recorte de entrevista, o participante completa:

Uma pessoa em especial, que numa festa chegou em mim e falou que eu parecia um lixo, eu nunca devia ter saído de dentro de casa, que eu era muito feio, gordo ... Então naquela hora eu só ouvia aquela voz me falando e eu canalizando toda aquela raiva pra mim mudar o meu corpo e provar pra ele que sou melhor que ele, que eu posso ter um corpo bonito o que eu posso melhorar o meu ... E caráter eu tenho, nele falta, e muito (VÍDEO 29).

Enquanto Eduardo cede essa pequena entrevista, a edição do vídeo mostra ele fazendo diferentes exercícios em equipamentos da academia e em todos eles visualizamos o participante dispensando um tremendo esforço para conseguir realizar os movimentos. Contudo, um sentimento maior o impulsiona a continuar e persistir, mesmo diante das dificuldades apresentadas pelo corpo ao realizar o ciclo de atividades determinadas pela equipe de especialistas. Ou seja, o participante aponta que a necessidade de aplacar a dor moral ou o discurso insensível é o que o motiva a realizar as atividades, pois assim será possível apresentar a imagem de corpo valorizada socialmente e desvincular-se do viés negativo causado pela obesidade.

Durante a entrevista cedida ao programa no dia da apresentação dos participantes, a mãe de Leandro, Valéria, descreve o que o filho enfatiza:

Eu acredito que ele não é feliz, mesmo porque eu já o peguei várias vezes aí pelos cômodos, assim, muito triste, choroso, de lágrima mesmo cair e é como eu já disse, ele sofre bullying, mesmo na família, sabe, então, é aquela coisa irritante que fala o irmão, o tio, sei lá quem, fala alguma coisa uma vez, fala duas, fala três e ele é bastante calmo, só que tem uma hora que ele acaba explodindo e bate mesmo a mão na mesa e aí fica muito nervoso (VÍDEO 04).

Destacamos, também que a produção realizou um piquenique num parque em São Paulo para que os participantes pudessem relembrar suas experiências durante a infância. Apontamos, nessa atividade, o momento que Leandro comenta da sua dificuldade, durante a infância, com o sobrepeso e confirma o que sua mãe havia salientado.

Até dez anos eu não posso reclamar de nada, porque tudo que eu queria eu tinha. Passou esse período começou até as conversinhas, amiguinhos ...'o seu gordo, seu baleia, você não vai sair com nós porque você vai sair rolando, você não agüenta andar ... A partir daí eu já comecei a ficar quieto, na minha, meio afastado da galera, foi um pouquinho complicado (VÍDEO 30).

Desse modo, salientamos que a moralidade se inscreve e se revela no corpo dos sujeitos. Ou seja, a aparência denota um empobrecimento discursivo que aponta para o corpo do indivíduo um discurso moral que o confere sofrimento.

Bauman (2014, p. 20) aponta que,

Quando empregamos o conceito de 'insensibilidade moral' para denotar um tipo de comportamento empedernido, desumano e implacável, ou apenas uma postura imperturbável e indiferente, assumida e manifestada em relação aos problemas e atribulações de outras pessoas [...] usamos a "insensibilidade" como metáfora; sua localização básica é na esfera dos fenômenos anatômicos e fisiológicos dos quais é extraída – seu significado fundamental é a disfunção de alguns órgãos dos sentidos, seja ela ótica, auditiva, olfativa ou tátil, resultando na incapacidade de perceber estímulos que em condições 'normais' evocariam imagens, sons ou outras impressões.

Conforme apresenta Bauman (2014), por vezes essa insensibilidade orgânica é autoadministrada com o auxílio de analgésicos, como uma medida temporária, mas nunca possibilita tornar o organismo para sempre imune à dor, mas quando a função da dor (de servir de alerta e advertência frente a uma disfunção dos fenômenos anatômicos e fisiológicos) é transferida para o universo das relações inter-humanas, ela é conectada ao qualificativo "moral". De maneira similar, o argumento utilizado pode ser verificado nos discursos sociais que secundarizam os atributos do sujeito em função da aparência física, que denotam a capacidade, por exemplo, profissional, à imagem corporal. O caso do participante, que é cantor lírico, nos mostra como isso acontece.

Em entrevista cedida ao programa, Marcos e alguns familiares contam à produção como é a sua rotina pessoal e profissional, de forma que permite ao público conhecer os problemas que o participante enfrenta. Após falar sobre sua especificidade no canto lírico e revelar seu peso e altura, visualizamos a mãe dele, num espaço de sua casa, dizer: "ele fez um teste para participar de uma peça que ele tava fazendo, que precisava de um cantor. Ele passou em tudo. Quando foram apresentar o teste dele todo filmado ele foi cortado, e eu tenho certeza que foi por causa do tamanho dele" (VÍDEO 05).

Sentada em frente ao piano da casa, Danúbia, a esposa, completa: "nos últimos tempos ele perdeu muitas oportunidades por causa do sobrepeso" (VÍDEO 05).

No teatro, sentado em frente ao piano, Marcos diz: "quem está no palco tem que ter as características físicas do personagem que ele vai interpretar. Pouquíssimos tem essa liberdade de ser tão acima do peso como eu tô" (VÍDEO 05).

Após essa fala, Marcos aparece no meio das cadeiras do teatro, e logo após caminha entre elas e no corredor principal. Junto à essa imagem, uma música toca ao fundo nos remetendo a pensar, junto ao vazio do teatro, numa solidão, ou melhor, numa batalha contra o discurso moral da obesidade, que precisa ser enfrentada diariamente por Marcos. Afinal, o discurso é cruel, pois a condição do sobrepeso recai sobre o indivíduo, da forma que a falta de vontade, a preguiça e a inércia sobressaem a outros fatores que influenciam na sua condição corpórea, que neste caso, não são considerados. Além desse aspecto, apontamos que suas qualidades sociais tornam-se secundárias, de maneira que designam como “desviante” o indivíduo que não se enquadra na característica determinada, nesse caso, pela profissão de cantor lírico. Assim, “[...] em função das conseqüências sociais negativas que ela provoca, a obesidade pode ser considerada, nas sociedades ocidentais desenvolvidas, como uma verdadeira deficiência social [...]” (POULAIN, 2013, p. 118).

Com a intenção de mostrar os sofrimentos provenientes da obesidade, o *reality* conta, a partir dos discursos dos participantes, como quem é obeso sofre num contexto marcado pela ausência de sensibilidade no trato com o outro ou na incapacidade de compreendê-lo (BAUMAN, 2014). Desse modo, ao revelar suas características pessoais e o discurso de quem é externo ao problema, Leandro relata: “eu não tenho namorada por causa do meu peso. Uma vez eu me apaixonei por uma menina, ela me deu um fora bem bonito, ela falou que ‘a gente não rolava’ ... ai ela falou: ‘Olha seu tamanho! Você acha que eu vou namorar um cara do seu tamanho?’” (VÍDEO 04). Ao finalizar a fala com a questão feita pela sua paixão ‘Você acha que eu vou namorar um cara do seu tamanho?’, a câmera perde sua coloração original e recorre a imagem de Leandro somente de sunga, utilizada no início do vídeo, para mostrar o “tamanho” do seu corpo, como forma de expor a veracidade

da questão apresentada pela menina. Seria, portanto, uma tentativa de divulgar ao público como Leandro é grande e, com isso, ninguém quer namorá-lo.

Num espaço da casa, que pelo recorte da filmagem não conseguimos identificar, Leandro continua a falar: “Fiquei muito triste, chateado demais e eu falei que ia mudar, mas não consegui, porque a comida falou mais alto” (VÍDEO 04). E ele prossegue dizendo:

“eu vejo meu irmão namorar, vejo meus amigos namorando, eu sofro, eu olho pra eles e falo: porque eu não consigo?’ Eles conseguem e eu não consigo, aí eu olho pra mim e falo: ‘por causa do meu tamanho, eu não consigo’. Aí eu penso comigo: ‘um dia eu vou conseguir, um dia eu vou ter força de vontade e um dia eu chego lá’” (VÍDEO 04).

Mais uma vez, enquanto Leandro fala, a imagem que nós vemos é de seu corpo apenas de sunga, porém dessa vez, ela é mais próxima e por consequência, mais nítida. Dessa forma, percebemos os “defeitos” mais minuciosos, tais como: celulite e estrias. Outro aspecto evidente é que Leandro assume a responsabilidade pela sua condição corporal. Isso fica nítido quando ele fala: ‘um dia eu vou conseguir, um dia eu vou ter força de vontade e um dia eu chego lá’. Porém, não é cabível julgá-lo por essa fala, já que o programa que ele participa, dentre outras mídias, reforçam diariamente essa necessidade de autonomia do sujeito para superar sua condição de obeso.

Os depoimentos cedidos pelos participantes não diferem daqueles proferidos no contexto moderno, mas denotam os sofrimentos vividos pelos obesos contemporaneamente. Isso se deve a um processo de “estigmatização”, cujo conceito proposto por Erving Goffman (1963) e descrito Poulain (2013, p. 116) nos aponta que,

[...] um processo que tende a desvalorizar um indivíduo considerado como ‘anormal’, ‘desviante’, etc. Ele demonstra que durante o curso das interações sociais o carimbo de ‘desviante’ é atribuído a um indivíduo por outros supostamente ‘normais’. Uma vez atribuído, este carimbo justifica então uma série de discriminações sociais, isto é, de exclusões mais ou menos severas. Goffman propôs a idéia de ‘estatuto principal’ (*master status*) para expressar o fenômeno de redução de um indivíduo a um alvo característico de estigmatização. Este se encontrará, assim, reduzido à característica ‘desviante’, que se torna um estigma; as suas outras qualidades sociais tornam-se secundárias.

O autor ainda completa que estigmatização “[...] é uma palavra usada, principalmente pela mídia, no sentido de “apontar o dedo de modo crítico para alguma coisa ou alguém” [...] ou no sentido de “criticar injustamente alguém que não seria mais do que parcialmente responsável por aquilo que lhe é censurado [...]”

(POULAIN, 2013, p. 116). De modo similar, o sofrimento decorrente do corpo obeso é resultado de apontamentos que denotam como responsável por esta situação a própria pessoa que apresenta o sobrepeso. Ou seja, “[...] as soluções se reduzem ao que é imediatamente controlado por si mesmo: a alimentação e a atividade física” (POULAIN, 2013, p. 120).

A emocionante disputa dos participantes do “Além do Peso” contra a balança não para. No último episódio os candidatos tiveram que mergulhar de cabeça em busca do sonho de emagrecer ... E a rotina de exercícios será cada vez mais pesada. Além de lutar contra os próprios limites os participantes terão que enfrentar seus medos, mas a atividade física é apenas um dos obstáculos que eles terão pela frente. Para se adaptar a nova dieta será necessário abandonar os excessos do passado (NARRADOR, VÍDEO 31).

Ao iniciar o programa, o apresentador Brito Jr. revela ao público que a primeira semana dos participantes foi intensa e utiliza um vídeo para ilustrar a rotina de exercícios e alimentação. Com a voz do narrador ao fundo, visualizamos as imagens que tomam conta da tela. Nelas percebemos os competidores realizando atividades na piscina, partes do café da manhã que tiveram com a psicóloga e extratos do primeiro dia onde revelaram como era o estilo de vida deles antes do programa. Mas além de demarcar a mudança na organização diária dos participantes, implicitamente, o discurso do narrador expõe, que para se livrar do sofrimento que a obesidade impõe, é preciso se dedicar cada vez mais as atividades impostas pelo programa, pois “[...] o que está “fora”, o que se estampa no espelho do corpo não pode ser escondido; pode apenas ser “eliminado” [...]” (COSTA, 2005, p. 79).

Tal questão aponta para uma opressão social que se apresenta em todos os locais e de maneira uniforme no contexto do *reality*, pois os participantes são levados a declarar sua insatisfação com o corpo. Na tentativa de ilustrar como isso acontece, separamos um diálogo que favorece a confissão do sofrimento causado pelo excesso corporal a partir no momento que o espelho revela e enfatiza a imagem que o corpo reflete no contexto social.

No palco do programa, no momento que antecede a pesagem, Brito relata: “ontem durante os exames, teve uma participante que se emocionou muito ao tirar aquelas medidas e relembrar o seu passado, vamos ver:” (VÍDEO 31).

Ao iniciar o vídeo⁴⁷ da avaliação corporal de Camila (VÍDEO 31), visualizamos a participante numa sala, dentro de uma clínica médica, onde foi realizada as medidas corporais. A responsável por fazê-la é a preparadora física Márcia, que põe a participante de frente para o espelho e pergunta: “Camila, quando você olha para o espelho qual o sentimento que você tem?”.

Camila responde: “um pouco de culpa, de saber que eu deixei isso acontecer comigo”.

Em seguida, Márcia diz:

A gente percebe pelo IMC, que é o índice que mostra como está a sua massa corporal, o total da sua massa corporal, a relação do peso e da altura, que ele está bem elevado. A gente queria que ele estivesse por volta de 25 e você tá em 46. Com isso a gente vê que você atinge o grau mais alto da obesidade.

Noutro espaço da clínica, Camila faz um depoimento:

O que aconteceu comigo lá agora foi um contato direto com a realidade ... olhar pro problema de frente, olhar pro espelho com coragem e ver tudo aquilo que eu mais odeio e precisar mostrar a parte que eu mais odeio do meu corpo, que é minha barriga. Acho que isso foi o mais difícil pra mim, sem dúvida. É uma coisa chocante, é falar: ‘meu Deus do céu, como é que eu consegui fazer isso comigo? como eu deixei isso acontecer comigo? Eu não podia ter deixado, eu tinha que ter me amado mais, eu tinha que ter cuidado mais de mim, eu não posso cuidar só dos outros, eu tenho que cuidar de mim também’.

Em seguida, o recorte mostra uma parte da avaliação corporal de Camila, que diz a Márcia chorando: “o resto eu não ligo, mas a minha barriga é muito feia”.

O discurso produzido por Camila contribui para o entendimento de que o indivíduo, no contexto contemporâneo, “[...] deve a seu corpo cuidado, e se negligenciar esse dever, [...] deve sentir-se culpado e envergonhado. Imperfeições de seu corpo são sua culpa e vergonha (BAUMAN, 2001, p. 79). De maneira similar, em outra atividade, realizada na academia, a participante fazendo abdominal, reafirma a questão ao dizer: “ai, a raiva de ter ficado gorda. Porque que eu deixei acontecer isso?”(VÍDEO 29). Ao fim da fala, ouvimos um som mais intenso que denota a ausência de responsabilidade da participante ao não controlar seu peso

⁴⁷ Vale salientar que o extrato da avaliação corporal dos outros participantes havia sido exibido no programa. Contudo, o que relatamos mostra, exclusivamente, extratos da avaliação corporal de Camila. Apontamos, ainda, que a participante foi a última a realizar a pesagem e o vídeo exposto antecedeu esse momento. Assim, a intenção do programa consistiu em enfatizar a avaliação mais emocionante, no sentido de relatar o sofrimento que a participante expõe ao descrever o que sente olhando seu corpo no espelho. Dito de outro modo, Camila revela sua insatisfação com o excesso de gordura que seu corpo comporta e enfatiza que isso é decorrente da sua irresponsabilidade ao cuidar do seu corpo.

corporal. Isto posto, “[...] na obesidade, o sujeito é interpretado como sendo responsável por sua condição, faltando-lhe a força de vontade e o investimento necessário para reverter essa situação [...]” (NOVAES, 2006, p. 193).

No decorrer do vídeo da avaliação corporal, visualizamos também, em alguns momentos, fotos de Camila jovem e magra. Elas denotam que a participante já foi mais responsável com seu corpo e o sofrimento que sente ao perceber a nova imagem corporea é decorrente da ausência de amor pelo seu corpo. Assim,

[...] o sentimento de culpa pode ser algo muito desagradável. Afinal, também diz respeito a uma excruciante manifestação emocional, em que o indivíduo se sente desvalido, merecedor de punições. Há uma atmosfera opressiva diante de modos de pensar em que se reitera obsessivamente que se ‘deveria ter’, ‘precisava ter’, ‘poderia ter’ realizado ou não realizado uma enunciação ou ato que estava em nosso universo de possibilidades [...] (CASTIEL; ÁLVAREZ-DARDET, 2007, p. 35).

A culpa descrita pelos autores pode ser enfatizada por uma imagem de Camila, durante a avaliação corporal, segurando o excesso abdominal que seu corpo apresenta. A imagem surge na tela quando a participante questiona: ‘como é que eu consegui fazer isso comigo?’. A partir dessa imagem, apontamos que o cenário montado pela produção do programa ressalta que pessoas como os participantes, ou seja, os obesos, apresentam através da sua imagem corporal, “[...] uma série de informações: um indivíduo sem controle, sem disciplina que não resiste aos prazeres da vida como o comer e o beber” (SUDO; LUZ, 2007, p. 1036). Portanto, esse discurso denota um sofrimento vinculado ao desleixo com o corpo restrito a questões meramente privadas.

Encerra o vídeo feito pela produção e de volta ao palco do programa vemos Camila chorando. As câmeras se voltam para os apresentadores Ticiane e Brito, que diz:

Camila, você disse: ‘eu odeio o meu corpo’. Eu acho que o ódio é o sentimento mais definitivo que existe, é muito difícil de superar esse sentimento, só que **odiar o próprio corpo é muito forte Camila, é muito forte** (grifo nosso). Eu diria que é inaceitável a gente chegar no ponto de odiar o próprio corpo [...] ou odiar modo como a gente vive, ou que a gente faz, ou que a gente diz. Isso indica que urgentemente você tem que buscar a auto superação. O seu maior inimigo está dentro de você. É esse inimigo que você tem que superar ... Agora aqui é um jogo, é um *reality show*, aqui não é assistencialismo [...] Nossa meta é fazer um jogo em que as pessoas aprendam, elas se divirtam e que vocês busquem metas, mudem de vida e busquem o prêmio no final. Portanto, minha amiga Camila, quando você subir nessa balança agora, esse número não vai ser de brincadeira e você vai ter que ter força pra superar a notícia que virá dessa balança, seja ela boa, seja ela ruim ... Respira fundo, pensa em tudo aquilo que você tá buscando nesse *reality* e te prepara, porque você vai ter que subir na

balança pra gente ver o que aconteceu nessa semana com você (BRITO JR., VÍDEO 31).

Vale ressaltar, nesse momento, o paradoxo do amor-ódio apresentado pelo programa, na figura do apresentador, em relação ao corpo. Ou seja, a estrutura organizada pelo “Além do Peso” condena a todo momento a aparência dos obesos e enfatiza, ao mesmo tempo, a impossibilidade de odiar o corpo. Seria, portanto, um discurso que transmite uma mensagem que contradiz a sua estrutura, pois num momento o corpo aparece como alvo de repressão e noutro é ressaltado que precisa ser amado. Assim, “[...] o refinamento trazido pelo aparato tecnológico e a instrumentalidade corporal [que] acabam sendo mediadores da perversa equação de celebração e desprezo, de amor-ódio pelo corpo” (BASSANI & VAZ *apud* GOMES, 2009, p. 87).

Enquanto o apresentador destaca a relação amor-ódio pelo corpo, ora visualizamos as fotos que remetem a um passado responsável e ora imagens de Camila na avaliação corporal com a região abdominal exposta. Enfatizamos, nesse momento, que Brito deixa evidente o objetivo do programa, assim como a postura do apresentador diante de qualquer cena que possa dar mais audiência. Ou melhor, salientamos uma publicização moralizante que tende a julgar e dizer como todos devem agir frente aos obstáculos criados pela obesidade.

Esses discursos não são isolados, mas corroborando Vaz et.al (2007, p. 146) “[...] costumam estar ordenadas por uma indagação contrafactual: um sofrimento atual é apresentado como tendo origem numa dada ação; para que esse sofrimento não tivesse existido, que escolha outra poderia ter sido feita?”. Os autores ressaltam ainda, que ao articular a aflição atual a escolhas passadas, os meios de comunicação participam da construção de um futuro tido como justo onde a catástrofe que se antecipa no presente é evitada.

O cenário montado e os discursos proferidos realçam que o sofrimento do presente, seja ele com os preconceitos decorrentes do corpo ou com a ausência de prazer ao comer um alimento e/ou realizar uma atividade, são passageiros na medida que se empenham em realizar as prescrições fornecidas pelo grupo de especialistas e apresentadores. Desse modo, ao final da temporada, ouvimos o preparador físico dizer: “[...] Hoje eu vejo uma turma ... Quase impossível de se tornarem sedentários novamente, por tudo que eles receberam em troca em relação essa dedicação. Isso é muito importante pra que eles se mantenham vivos. [...]”

(VÍDEO 32). Os riscos e os sofrimentos frutos da obesidade são aplacados a partir das recomendações proferidas, como é descrito pelo preparador.

Entretanto, antes de receber a recompensa final (o peso desejado e/ou a promessa de eliminar os riscos) os participantes passam por “provações” como estratégia de avaliar o real comprometimento e perceber quem está se comportando de maneira adequada. Para tal, o programa disponibiliza, uma vez por semana, uma atividade nominada de ‘jantar de gala’. E em uma delas (VÍDEO 33), Camila teve a oportunidade de escolher o ‘menu’ optou ela comida nordestina. O início do vídeo mostra os participantes chegando ao restaurante. Em seguida, eles se deslocam para a mesa reservada, onde visualizamos pratos com comidas para iniciar o jantar. No momento que chegam próximo ao local reservado, Sabó sinaliza para o garçom e pede para retirar o que havia sido servido próximo a sua cadeira. A próxima cena nos leva a outro espaço do restaurante onde Marcos faz um depoimento: "essa luta de resistir à comida pra mim é mais importante do que queimar calorias numa academia" (VÍDEO 27). De volta à mesa, Marcos completa: "minha luta maior é comigo mesmo, é lutar contra esse prato de torresmo" (idem). Ao final da fala ele aponta para o prato de torresmo que está a sua frente.

Outro extrato que destaca a relação do controle sobre o alimento desejado pode ser visto no ‘jantar de gala’ que ocorreu a churrascaria (VÍDEO 27). O vídeo inicia mostrando os participantes chegando ao local escolhido. Na sequência, eles seguem para a mesa reservada e nesse clima de descontração e conversas, ouvimos alguns comentários, mas pelo ângulo da imagem não conseguimos identificar todas as falas. Apesar disso, uma se apresenta de maneira contundente, onde Vitor revela: "estava sendo muito difícil pra mim a questão da batata, eu cheguei a sonhar com a batata. Eu comia batata frita pelo menos umas 4 vezes por semana e desde que começou a dieta eu não coloquei mais nada na boca com relação à fritura" (VÍDEO 27). Enquanto o participante fala, visualizamos ele degustando a batata frita.

Noutro espaço do restaurante, Marcos comenta: "[...] Churrascaria realmente é um parque de diversões pra mim ... Onde eu sempre tento me policiar com os exageros pra não ser desvirtuado" (VÍDEO 27).

Nesse mesmo vídeo, já no palco do programa, os três apresentadores estão em pé atrás da bancada. Ticiane diz: "que delícia né gente, é difícil se controlar

numa churrascaria. Agora eu quero perguntar pra nossa nutricionista, Dr. Natália: 'me fala uma coisa, a Caroline disse que pode comer um pouquinho de tudo, você acha que isso é verdade?'" (VÍDEO 27)

Natália, na bancada dos especialistas, diz:

Eu acho que é possível comer um pouquinho de tudo, mas com parcimônia. A gente tem que tomar muito cuidado no rodízio, porque às vezes um pouquinho de muitas opções acaba virando um excesso e aqui a gente não pode falhar, porque um pouquinho que a gente coloca de 50 a 100 calorias a mais, vai influenciar a nossa meta de um por cento na semana. Então, pode sim, mas é importante ter um equilíbrio. Mas cuidado, atenção, porque às vezes um pouquinho vai virar um muito lá no final (VÍDEO 27).

Esse caso ilustra todos os discursos que sucedem um jantar de gala. O objetivo da atividade é criar um momento externo à alimentação regrada feita pela nutricionista. Todavia, um deslize ou um momento que o prazer de comer determinado alimento excede o controle, ouvimos discursos vinculados a destacar e apontar que determinada ação não os auxiliará no processo de reconfiguração da imagem corporal. Desse modo, o discurso da nutricionista ressalta que “[...] o indivíduo deve se controlar, não quando está sofrendo, mas quando está diante de uma oportunidade de prazer” (VAZ, et.al, 2007, p. 151). Com isso, propõe-se ao indivíduo que ele sofra, se abstenha dos prazeres e se exercite. Nesse sentido, apontamos que,

A disciplina exigida, tarefa das bioasceses, ocupa cada vez mais um lugar central, relegando a um segundo plano os elementos hedonistas constatados por numerosos teóricos, já que “a necessidade de dietas sem gordura, sexo seguro e malhações intermináveis colocaram novas coações ao prazer pós-moderno” (MORRIS *apud* ORTEGA, 2003, p.67).

Contudo, destacamos que hodiernamente “[...] o sofrimento de cada indivíduo é uma punição individual merecida pelos pecados individualmente cometidos de sagacidade insuficiente ou déficit de dedicação. Os sofrimentos nascidos no plano individual são semelhantes [...]” (BAUMAN, DONSKIS, 2014, p. 79), mas não se fundem numa resolução de problema coletivo.

A biossociabilidade criada pelo *reality* tem como desígnio compartilhar as dificuldades, ou ainda, partilhar imagens corporais, levando a manipulação dos segredos, leia-se também dos corpos e o abuso de sua intimidade (BAUMAN, DONSKIS, 2014). Essa postura é demarcada, principalmente, quando os participantes são destinados a mostrar e falar dos seus problemas para dialogar com outras pessoas que sofrem do mesmo mal. Nesse aspecto, salientamos uma atividade direcionada por um professor de teatro, cuja intenção foi demonstrar que

as características corporais podem estar associadas a traumas anteriores. Destacamos o momento que Eduardo conta como se tornou esse homem frágil e não consegue encarar as pessoas que o humilham (VÍDEO 34).

A atividade acontece num teatro. Os participantes estão sentados na plateia e Wendel, professor de teatro, no palco. Ele diz: "eu queria que vocês pensassem numa situação que vocês viveram e que foi difícil ... A primeira coisa que vem à mente é a mais interessante, se vocês ficarem pensando pra buscar situações, aí perde o foco do exercício".

Eduardo é o primeiro participante a subir no palco e ficar de frente para os demais. Ele senta numa cadeira colocada pelo professor e antes de iniciar a fala fecha os olhos. Wendel pede para que ele descruze as pernas e diz: "começa a voltar lá nessa história que você imaginou e que eu solicitei".

Eduardo começa a falar sobre a sua experiência e diz: "eu não lembro bem o ano, mas eu tinha por volta de 13, 14 anos".

Wendel: "que cheiro você lembra desse dia?"

Eduardo responde: "eu lembro cheiro de terra, o cheiro que eu não gosto de lembrar".

Wendel: "você não gosta desse cheiro? O que aconteceu?"

Eduardo chorando, diz: "eu tava brincando no quintal com a Elaine, aí eu ouvi barulho, briga ... que eram eles lá dentro de casa brigando".

Wendel interrompe e pergunta: "seu pai e sua mãe?"

Eduardo chorando muito, diz: "'uhum'. Eles estavam se pegando, se batendo muito e foi a primeira vez que eu vi isso ... E nisso, como a minha mãe era menor, ela pegou um facão e colocou no pescoço do meu pai".

Cabe destacar, nesse momento, que Eduardo não consegue terminar a fala pela intensidade do choro que produz ao lembrar dessa situação que ocorreu na infância. Após alguns segundos, ele continua: "nessa hora eu entrei no meio dos dois pra separar eles [...] e nisso chegou a minha avó e os irmãos do meu pai que separaram eles e me tiraram de lá".

Câmera faz um giro pelo teatro e percebemos que os outros participantes se comovem com história contada por Eduardo. Em seguida, ele continua a dizer: "por isso que eu não gosto de nada que tenha violência, porque essa é a primeira coisa que vem na minha cabeça. Eu acho que isso me deixou uma pessoa covarde e eu não conseguia enfrentar as pessoas na escola quando me xingavam e me batiam".

Wendel, ao lado do participante, diz: "se você tivesse que lembrar de alguém de que você pudesse falar de tudo que você tá sentindo, pra quem seria?"

Chorando muito, Eduardo responde: "pros dois".

Wendel: "você acha que os dois tem responsabilidade nisso?"

Eduardo: "tem".

Wendel coloca Eduardo de pé e à frente dele Marina e Marcos como representantes de seus pais. O professor diz: "se você tivesse agora que dizer pros dois ... o que você diria?"

Eduardo de frente para os dois participantes, com muita emoção, diz:

vocês tinham que ter pensado nos meus irmãos, vocês tinham que ter pensado no sofrimento que isso me causou ... isso me dói muito e me doeu bastante ... Eu só queria ser notado, eu não queria ter carregado os meus irmãos nas costas, eu queria que eles vivessem a vida deles ... eu não consigo enfrentar as pessoas por causa disso até hoje.

Ao descer do palco Eduardo recebe os abraços dos outros participantes. Na sequência, em outro local do teatro, faz um depoimento: "eu não achei que fosse tão forte e eu fiquei surpreso comigo mesmo, porque expor algo que me machucava, que não me machuca mais ..."

Wendel, noutra parte do teatro, diz: "os traumas que você vai vivendo na sua vida, eles vão deixando marcas, e às vezes marcas muito profundas. Isso faz com que você jogue isso, tencione isso em alguma coisa na tua vida, quer seja no teu físico, quer seja pra uma parte do teu psicológico e você vai se afetando como um todo".

Sentado na poltrona do teatro, Eduardo cede faz um depoimento e completa: "hoje, só de falar, saiu um caminhão das minhas costas ... Minha vida vai mudar completamente e eu vou poder encarar tudo muito de frente".

Wendel, sentado na poltrona do teatro, diz: "ele chegou onde a gente queria, ele realmente cumpriu o seu papel".

Nesse caso, além dos discursos morais que os indivíduos obesos carregam, o participante apresenta uma situação associada ao sofrimento que ocorreu durante a infância. A mídia, nesse sentido, baseia a sua retransmissão na lógica do espetáculo, do drama e da criação de astros, a fim de suscitar a emoção e tocar o mais vasto público. Indubitavelmente, "[...] os *reality shows* se caracterizam pela autenticidade, pela intimidade e pela transmissão *ao vivo*, em vez do "grande espetáculo" e da ficção cinematográfica. Não mais uma "ficcionalização", mas

“pessoas de verdade vivendo histórias verdadeiras” [...] (LIPOVETSKY; SERRAY, 2009, p. 220). Ao discorrer sobre essa questão, Bauman (2001, p. 83) enfatiza que a esfera midiática, nesse caso, o “Além do Peso”, se apresenta como “[...] um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e publicamente assistidos [...]”.

Apontamos também, a presença de pessoas que puderam relatar suas intimidades e expor suas confissões como forma de incentivar e mostrar que a capacidade de superar as adversidades da corpulência provém do esforço individual. Relatamos nesse sentido, a participação de Rodrigo, metalúrgico, que “conseguiu emagrecer 112 kg com alimentação controlada e determinação e é um exemplo para os participantes do “Além do Peso”” (VÍDEO 35). Essa foi a chamada utilizada pela produção para identificar qual o conteúdo do vídeo disponibilizado no site do *R7.com*.

Ao iniciar a gravação que mostrou a história de vida de Rodrigo (VÍDEO 35), visualizamos fotos da sua antiga forma física e ouvimos ele mencionar como conseguiu se livrar do rótulo da obesidade. Já no palco do programa, a apresentadora Ticiane pergunta ao preparador físico: "agora Bró, pra você qual a importância de trazer personagens como o Rodrigo aqui no programa?"

Na bancada dos especialistas, Alexandre Bró responde,

O Rodrigo mostra pras pessoas que sofrem com esse problema de obesidade que é possível. O obeso ele sofre vários preconceitos, mas ele tem uma coisa de se afastar das coisas, porque não se acha capaz. E os participantes do “Além do Peso”, assim como o Rodrigo, vem mostrando no dia-a-dia das atividades que eles são capazes de coisas incríveis, inclusive de mobilidade, que a gente acha que uma pessoa obesa não tem. Então, ver o Rodrigo correndo hoje, ver os nossos participantes fazendo vários tipos de aula, empurrando carro, carregando saco de farinha ... o Rodrigo, assim como eles, também são exemplos de que é possível mudar e que as pessoas tem que fazer isso o quanto antes mesmo.

Brito se envolve na conversa e comenta: "o Dr. Thiago Volpi está acostumado a lidar com casos de obesidade ... Então quer dizer que ele é mas um exemplo concreto de que realmente é possível só com reeducação alimentar e com exercícios a pessoa perder peso e se tornar uma pessoa saudável, em forma?"

Thiago, na bancada dos especialistas, responde:

Ele é um reflexo do estilo de vida dele. O estilo de vida que ele tinha uns anos atrás é o estilo de vida compatível com 220 kg. Hoje a gente vê um pouco do estilo de vida dele. O estilo de vida dele hoje é compatível com a pessoa que ele é ... Assim como os nossos participantes. O estilo de vida que eles tiverem vai mudar o peso deles. Então, é tudo uma questão de estilo de vida.

Ao fazer análise semelhante na mídia escrita, Vasconcelos, Sudo, Sudo (2004) chamam atenção para o surgimento dos chamados **ex-gordos** (grifo das autoras) que são aqueles que “alcançaram a plenitude desejada por todo gordo: ser e permanecer magro” e fazem questão de ressaltar, nos seus discursos, as mudanças maravilhosas que ocorreram em suas vidas, após perderem o excesso de gordura, seja através de dieta ou operações plásticas, conquistando, assim, uma auto-estima associada a um reconhecimento social. O estilo de vida está diretamente acoplado a nova forma física e se estabelece a partir de comportamentos apropriados de responsabilidade do próprio indivíduo.

Desse modo, o sofrimento é reduzido ao alocar diferentes sujeitos que possuem as mesmas características físicas num mesmo espaço. Entretanto, a potência estabelecida pelo encontro não reduz a privatização que se estabelece no contexto do *reality*, pois ao mesmo tempo que o grupo está unido no momento das atividades, eles estão solitários ao reconhecer que devem atingir, individualmente, o número estabelecido como forma de garantir a permanência no programa e a saúde desejável. Com isso, enfatizamos que os “sofrimentos [...] não se agregam, eles dividem e separam os sofrendores [...]” (BAUMAN, DONSKIS, 2014, p. 79).

Além de ser individual, o sofrimento é demarcado pela competição, onde o medo da eliminação os torna insensíveis frente as dores dos outros participantes. De modo a exemplificar, salientamos uma atividade (VIDEO 36) realizada para recordar a infância. Nela, durante a atividade intitulada “carrinho de rolimã” (onde um participante fica apoiado com as duas mãos sobre o chão e o outro, em pé, segurando as pernas do que está abaixado) é visível o esforço e o desgaste de quem está segurando o peso do seu corpo com os braços apoiados no chão e de quem está conduzindo as pernas do colega e o ajudando a caminhar com os braços. Para além das questões biológicas, é precisa destacar o momento que o recorte do vídeo mostra Leandro caindo no chão e sentindo dor. O grita: “ai, ai” e põe as mãos na parte da coluna torácica. Os demais competidores se aglomeram em volta de Leandro que recebe o atendimento de um médico que acompanha a atividade.

Noutro espaço da quadra, Vitor faz um depoimento: “eu acho que eles deviam estar mais preocupados com eles nesse momento do que com o Leandro ... O Leandro pode ter se machucado? Pode. Mas ele está sendo bem assessorado, ele está sendo bem atendido ali, não tem porque ficar todo mundo em cima, vamos continuar”. A potência de estabelecer vínculo com o sofrimento do outro é facilmente

desfeita pela competição, uma vez que o “Além do Peso” não estimula que trabalhem em conjunto em prol de determinada ação, mas os aloca em um espaço, os enquadram em atividades e dietas uniformes que devem ser seguidas individualmente.

Nesse momento, é pertinente destacar os apontamentos de Bauman (2001, p. 44-45) ao descrever sobre os relatos de vida nos programas de auditório.

Os problemas podem ser semelhantes (e os cada vez mais populares programas de entrevistas insistem em demonstrar sua semelhança, enquanto martelam a mensagem de que sua semelhança mais importante consiste em que são enfrentados por conta própria pelos que os sofrem), mas não formam uma ‘totalidade que é maior que a soma de suas partes’; não adquirem qualquer qualidade nova, nem se tornam mais fáceis de manejar por serem enfrentados, confrontados e trabalhados em conjunto. A única vantagem que a companhia de outros sofredores pode trazer é garantir a cada um deles que enfrentar os problemas solitariamente é o que todos fazem diariamente - e portanto renovar e encorajar a fatigada decisão de continuar a fazer o mesmo. Talvez possa-se também aprender da experiência de outras pessoas a como sobreviver à nova rodada de redução de tamanho [...] como pôr a gordura e outros ‘corpos estranhos’ indesejáveis ‘para fora do sistema’; como livrar-se de um vício que não dá mais prazer ou de parceiros que não são mais satisfatórios. Mas o que aprendemos antes de mais nada da companhia de outros é que o único auxílio que ela pode prestar é como sobreviver em nossa solidão irremível, e que a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente.

Os problemas são semelhantes, mas a mensagem que perdura nas telinhas é que eles devem ser enfrentados solitariamente. Além disso, Bauman (2001) aponta que os problemas privados expostos pela mídia são adequados para discussão pública, já que cada vez mais, se apropriam do discurso médico e o dissemina na sociedade, apresentando-o como um problema social e provocativo. O discurso da obesidade, por exemplo, faz surgir um sentimento que mistura medo, repugnância e horror, constituindo-se num discurso moralista que compreende as práticas e/ou ações unicamente como regressões inumanas ou comportamentos de desvio (ORTEGA, 2010).

Nesse aspecto, o “Além do Peso” também abre espaço para repudiar as estratégias que na visão do nutrólogo do *reality*, não são apropriadas para reduzir o peso da obesidade. Ele mostra a partir do seu discurso, que mesmo sofrendo com o peso moral que a obesidade produz (sofrimentos e preconceitos), os indivíduos não podem adotar estratégias que provocam uma perda de peso momentânea, mas devem seguir a orientação e o programa correto de atividade física e alimentação saudável. Num café da manhã com os participantes (VÍDEO 23), Thiago começou o diálogo a partir da seguinte questão: "você já cometeram loucuras pra tentar

emagrecer?". Ouvimos um sim coletivo e ele completa: "eu queria saber um pouquinho delas".

Caroline é a primeira a responder e destaca:

Eu já fiquei um mês inteiro só tomando sopinha de saquinho [risos]. Emagreci 20 quilos, num mês ... E aí quando fui parar no hospital, porque eu tava muito ruim, minha vesícula já estava detonada e eu já estava com várias pedras, tive que retirar a vesícula e a partir daí, e até hoje, ficou um sintoma pra mim sério ... Mexeu muito com meu 'labirinto'.

Eduardo também relata sua experiência e diz:

Uma dieta que de manhã eu tomava água morna com limão e o resto do dia comia abacaxi. Isso ia aumentando até 10 limões por tomar num total junto com a água e o abacaxi. Na sexta-feira dessa semana eu já estava verde, uma tontura que eu não aguentava mais [risos], o corpo super fraco ... Aí fui me pesar e eu tinha engordado 5 kg ao invés de emagrecer.

Num espaço de uma clínica, Thiago de Jaleco branco, faz um depoimento: "quando você tira a proteína de uma dieta o corpo vai perder músculos e não vai perder gordura ... Então as chances de efeito rebote é gigantesco".

De volta à mesa de café da manhã, Leandro continua:

Eu tomava remédio, na época, então o que eu fiz: esse remédio tirava a fome, mas chegava na hora que ele dava fome ... nesse meio tempo fiquei uma semana sem comer nada só tomava água ... Chegou no domingo eu não aguentei e acabei [...] no hospital com dois dias na UTI, porque eles falaram que meu estado era grave [...]"

No espaço da clínica, Thiago comenta sobre a experiência de Leandro: "uma pessoa ficar uma semana inteira sem comer e ir parar na UTI ... Eu acho que é pra gente ter a ideia do quanto isso incomoda ele, do quão importante na vida dele é a busca de emagrecer, a ponto dele fazer um sacrifício que fez fazer pará-lo na UTI".

Ao retornar a imagem do grupo reunido na mesa de café da manhã, Camila comenta sobre uma dieta que fez a base de proteínas e como consequência, ficou 10 dias sem ir ao banheiro.

O próximo recorte do vídeo nos leva ao espaço da clínica e Thiago destaca:

Uma coisa que eu achei importante hoje, na nossa conversa, é que muitas vezes o indivíduo obeso ele não acredita que ele consegue emagrecer, então ele abraça diferentes dietas [...] e pensa: 'eu não consigo emagrecer mesmo', às vezes não pensa direito, que está sendo mal feita, que não recebeu a orientação necessária, sempre o problema está com ele ... Com a perda de peso que eles estão tendo de maneira rápida e bastante satisfatória, eles estão se sentindo saciados e um pouquinho das explicações que eu dei hoje e nas outras consultas, uma das coisas mais importantes é a pessoa acreditar que com orientação correta e programa correto ... ela vai ter sucesso.

Vale destacar também, que o *reality* se apresenta como conselheiro subsidiado pela equipe de especialistas que fala “[...] dos ‘outros’ e da realidade como se estivesse relatando ‘impressões de viagem’ de um longínquo e esquisito país, onde caiu por engano, acaso ou má sorte. Sua grande missão é denunciar mazelas. O resto é da alçada dessa gente lastimável que não quer tirar o pé do ‘terceiro mundo’” (COSTA, 2005, p. 234). Nesse processo, “[...] os sujeitos, impotentes para mudar a fachada ilusória do espetáculo, tentam compensar a impotência convencendo-se de que são autores da vida fantasiosa, na qual, de fato, são personagens passivos” (COSTA, 2005, p. 235).

Conforme aponta Bauman (2001, p. 82) “[...] nos programas de entrevistas, palavras e frases que se referem a experiências consideradas íntimas e, portanto, inadequadas como tema de conversa são pronunciadas em público – para aprovação, divertimento e aplauso universais” (BAUMAN, 2001, p. 82). Assim, o “Além do Peso” utiliza as pessoas como mercadorias para distração do telespectador e associa isso a um “serviço para a sociedade”. Seria, portanto, um sofrimento vendido como mercadoria a partir de diferentes participantes que se são substituídos quando não conseguem alcançar a meta determinada. Ou seja, não importa quem expõe o sofrimento, o que determina a veracidade do seu discurso e sua entrada no programa são suas características corporais.

A passividade descrita por Costa (2005) pode ser percebida a todo o momento no contexto do *reality*, pois os participantes recebem, através dos especialistas e apresentadores, o saber verdadeiro que se materializa num conjunto de práticas que devem ser seguidas. De maneira particular, o momento da eliminação se constitui como ocasião de sofrimento que demarca o peso do discurso que mantém o sujeito na condição de ouvinte, enquanto a balança, os especialistas ou os apresentadores apontam o que pode ter gerado aquela situação.

O vídeo descrito a seguir, ocorreu no dia 25 de novembro de 2013 (VÍDEO 37) e mostrou a pesagem dos participantes após o final de semana. Enfatizamos o momento que a participante Mila é direcionada ao centro do palco e espera o momento da pesagem. Antes de subir na balança a apresentadora Ticiane pergunta a participante o que ela fez no final de semana para manter o peso.

Mila responde: "no sábado eu fiquei com a minha família".

Ticiane retruca: "não fez nada de exercício?"

Mila:

Não. No sábado eu não consegui porque tinha algumas coisas pra resolver em casa **e tem que dar uma atenção também pros filhos, eu acho** (grifo nosso). E no domingo eu fiz bem pesado mesmo ... Eu tive que compensar o sábado, então eu caminhei, acho que uns 8 km ... trotei e caminhei ... fiz meia hora de escada subida e descida [...] eu peguei bem pesado mesmo, me superei.

Brito, no centro do palco, ao lado de Ticiane, diz: "não comeu nada de especial?"

Mila responde: "não. Segui a dieta".

Ana, junto aos outros apresentadores, continua o diálogo: "mas peraí, sábado você ficou com as crianças, não faz exercícios pra poder acompanhar as crianças e a família ... Também não saiu da dieta?"

Mila tenta se explicar e diz:

Não, não ... Verdade, não saí mesmo. Nesse final de semana me foquei muito mais psicologicamente, porque às vezes a gente fica com aquela questão: 'aí eu tô com fome, eu quero comer alguma besteira' ... Eu nunca saí da dieta, mas essa semana em si eu fiquei mais ainda psicologicamente e falei: 'Não. Vou seguir à risca e não vou sair da dieta'.

Ticiane: "muito bem, está emagrecendo o pensamento".

Brito pede que a participante se desloque para balança e faz o discurso do momento da pesagem:

Pelo que a Mila falou aí, eu acho que essa meta dela de manter 87,7 kg está fuchinha. Espero que você tenha razão ... Hora da balança, Mila. Ela busca 87,7 kg, que é o peso da sexta-feira e não pode ter engordado nada, se não, está fora do jogo ... [...] a Mila é focada, ela se esforçou, é o que ela disse ... A meta dela de 87,7 kg ... Só você de casa está vendo o que aconteceu neste fim de semana. No sobe e desce dos números ... Mila, na sexta-feira o seu peso era 87,7 kg, então você tinha que manter esse peso ou baixar, a regra do programa é bastante objetiva: 'se na hora da pesagem tiver ultrapassado a meta ou se não tiver, nesse caso, segunda-feira, mantido o peso de sexta, o participante tá fora do jogo ... Mila, eu tenho que dizer a você, que por 300 gramas, você está eliminada.

Convém ressaltar que, enquanto o apresentador diz essas palavras, visualizamos numa parte da tela a Mila em cima da balança e na outra o peso apresentado na pesagem, onde a participante excedeu a meta estabelecida pelo programa.

Brito segue em direção a bancada dos especialistas e completa: "ela contou pra gente Dr. Volpi do fim de semana dela, que foi cheio de entrega e envolvimento com o jogo, foi o que a Mila disse. O que pode ter acontecido pra ela ter engordado 300 gramas com relação à sexta - feira?".

Thiago, na bancada dos especialistas, comenta sobre a eliminação da participante:

Ela pode ter ingerido um pouco mais de calorias, que seria o ideal pra ela ter perdido seus 300 gramas ... Como você fala de um jogo, de uma pesagem, pode ser que nos próximos dias ela perca essas trezentas gramas ou até mais, pode ser que o intestino dela não tenha funcionado adequadamente, pode ser que o metabolismo dela ainda não respondeu ao déficit calórico, mas na regra do jogo ela está fora [...] mas pode ser que ela tenha comido mais do que o necessário, porque não resistiu às tentações.

A partir dos discursos publicizados nesse diálogo, ponderamos aspectos que vinculam o espaço montado pelo “Além do Peso”, para propor um estilo de vida ativo/saudável, como um contexto onde os prazeres são mitigados pelas metas estabelecidas. Ou seja, um dia que a participante trocou a atividade física por momentos com a família e/ou filhos, pode ter custado a sua permanência no programa. A questão, porém, é saber qual o valor está no alto da hierarquia estabelecida pelo programa. Anunciada de outra maneira, cabe destacar: “[...] se não delegamos mais à religião, ao trabalho, à política ou à família o papel de dar sentido à vida, o que funciona como valor transcendente aos meus propósitos da auto-realização?” (COSTA, 2005, p. 189).

Ao discorrer sobre essa questão, Costa (2005) acrescenta que essas instituições não foram totalmente banidas da nossa sociedade, mas deixaram de agir por meio de regras institucionais para estarem vinculados às propostas pessoais. Desse modo, “[...] A mitologia científica [...] vem substituindo as instituições tradicionais, na tarefa de propor recomendações morais de teor universal” (COSTA, 2005, p. 189-190). No “Além do Peso” o discurso conhecimento do científico (pontuado no tópico anterior) reforça que se a prescrição não for seguida da forma determinada, se desdobra em recomendações morais que reforçam e pressionam o sofrimento dos participantes. Isso pode ser demarcado, por exemplo, no momento da eliminação de Mila. Portanto, esse seria um exemplo da descartabilidade do corpo que é produzida pelo *reality*.

Ao apontar a perene insatisfação causada com o corpo no contexto moderno, Bauman (2001) reforça o que já sabemos: depende de nós mesmos fazer (e continuar a fazer) o melhor possível de nossas vidas, como também sabemos que quaisquer recursos requeridos por tal empreendimento só podem ser procurados e encontrados entre nossas próprias habilidades, coragem e determinação. Mesmo que não haja condições de vida viáveis para assumir tal tarefa, os participantes afirmam querer levar a mudança dos hábitos de vida para o contexto social. De modo a exemplificar, a produção montou um café da manhã com Gominho, ex-

integrante do *reality* “A Fazenda”, onde os participantes tiveram a oportunidade de dialogar e pensar como seria a vida deles no contexto externo ao programa. Assim a conversa corre (VÍDEO 38):

Gominho lança a questão: "agora ... depois que acabar o *reality*, acabou o “Além do Peso”, como vai ser a rotina de vocês? O que vocês acham? O que vai mudar pra vocês?"

Caroline é a primeira a responder: "a gente vai voltar a trabalhar e essa questão vai ser ... Acho que uma das maiores dificuldades, porque o tempo pra fazer um exercício, pra dar uma relaxada e pra ter uma conversa com os amigos, com a psicóloga, isso vai ser bem mais restrito".

Sabó continua: "eu pretendo continuar o regime fora daqui, até porque estando no programa não vai atingir o que eu quero, eu quero menos".

Camila: "eu adorei fazer atividade ... Eu não sou muito de fazer academia, eu não gosto de academia, mas eu adorei fazer quadra, eu gosto desses esportes".

Marcos: "eu tô com unhas e dentes nesse negócio. Eu vou me manter magro, porque eu quero uma carreira pública como pessoa de televisão ou de teatro, e hoje as pessoas se importam muito com o que elas estão vendo".

Nesse momento, com menos de um mês, percebemos que, por exemplo, Sabó e Marcos reproduzem o discurso hegemônico sobre o controle ininterrupto da aparência física que é proposto pelo programa e disseminado socialmente. Com isso, destacamos que,

[...] a corrida pela posse do corpo midiático, o *corpo-espetáculo*, desviou a atenção do sujeito da vida sentimental para a vida física. Criou-se uma nova educação dos sentidos, uma nova percepção da morfologia e das funções corporais que tornou o bem-estar sensorial um sério competidor do bem-estar sentimental. Cuidar de si deixou de significar, prioritariamente, preservar os costumes e ideias morais burgueses para significar ‘cuidar do corpo físico’. O *cultivo das sensações* passou a concorrer, ombro a ombro, com o *cultivo dos sentimentos*. Estar feliz não se resume mais a se sentir sentimentalmente repleto. Agora é preciso também se sentir corporalmente semelhantes aos “vencedores”, aos “visíveis”, aos astros e estrelas midiáticos (COSTA, 2005, p. 166).

A percepção apontada pelo autor aproxima-se de um discurso mais abrangente que direciona ao obeso a necessidade de procurar, por meio de ações individuais, seguir as informações que compõem a ordem discursiva apresentada, por exemplo, no *reality*. Apesar disso, demarcamos o comentário feito por Caroline ao lembrar que esses conselhos que se relacionam com atividade física e saúde não estão desvinculados de outros fatores que interferem o estilo de vida dos indivíduos

e nesse caso mais específico, dos participantes. Assim, o modelo de vida proposto pelo “Além do Peso” não denota funcionalidade quando posto em funcionamento no contexto de vida de Caroline, por exemplo. Desse modo, a imagem fornecida,

[...] é a de um corpo fragmentado, objetivado, e desmaterializado: recortado do ambiente. É o corpo-objeto da tradição anatomofisiológica, sem opacidade nem subjetividade. O nosso corpo é reconstruído, a partir do modelo do corpo fornecido pela medicina e pela mídia, como um corpo objetivado e fragmentado, privado de sua dimensão subjetiva, o corpo como algo que temos e não algo que somos [...] (ORTEGA, 2010, p.148).

É preciso, então, ir além desse paradigma biomédico e inserir uma compreensão mais humana e subjetiva do corpo obeso. Vale destacar que não seria “[...] fazer de conta que se ignora a obesidade, mas não reduzir o indivíduo a sua corpulência e nem à sua hipotética origem, à falta de autocontrole (POULAIN, 2013, p. 137). Assim, não estigmatizar significa não focar nos preconceitos sobre a corpulência, mas procurar o outro que existe além das aparências. “Concretamente, trata-se de compreender que a ausência de estigmatização não significa compaixão (percebida de forma negativa), mas é simplesmente a não redução da pessoa aos aspectos negativos da característica-estigma” [...] (POULAIN, 2013, p. 135).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho nosso objetivo esteve voltado para analisar e problematizar os discursos publicizados sobre o corpo obeso na primeira temporada do “Além do Peso”, na tentativa de buscar elementos para compreender como as recomendações oferecidas nesse espaço estão demasiadamente alicerçadas aos cuidados com o corpo e como ação do próprio indivíduo. A partir disso, destacamos a centralidade dada a atividade física e a alimentação saudável como formas de educar o corpo obeso em benefício da saúde e da reconfiguração baseada na imagem corporal divulgada como ideal.

A atividade física, no contexto do *reality*, aparece como “dever” diário dos participantes. Ela pode ocorrer desde caminhar em torno do estádio, carregar alimentos numa rede de supermercados à atividade de squash numa academia escolhida pelo programa. Contudo, o que realmente importa é a função exercida pela atividade: gastar calorias. Nessa busca da saúde e da imagem corporal ideal, nota-se que as atividades são ressignificadas do seu sentido primordial, sendo, portanto, entendidas como forma de obter saúde (SUDO; LUZ, 2007). Assim, não importa o prazer que ela confere ao indivíduo, mas a efetividade que assume na queima calórica. Nesse mesmo sentido, a alimentação saudável se insere na programação diária e se apresenta como suporte na constituição de um estilo de vida ativo/saudável, de modo que, essas práticas “[...] se apresentam como meios de transformar a aparência, de modelar o corpo, de fazê-lo engordar ou emagrecer, de expandi-lo, de estetizá-lo, mas também de controlá-lo e submetê-lo [...]” (POULAIN, 2013, p. 128).

Desse modo, apontamos que os indivíduos se vêem numa arena de argumentos e discussões detalhadas referente ao que ele deveria pensar de si mesmo, ou seja, à sua identidade. Ele se vê, portanto, empurrado ininterruptamente em várias direções por profissionais que lhe dizem o que deveria fazer e que definem o que o beneficia e o que o prejudica (MATTOS, 2012).

Essas orientações se limitam a esfera privada, pois a responsabilidade do corpo saudável cabe ao indivíduo, mas são direcionadas pela equipe de especialistas e pelos apresentadores. Com isso, o programa enfatiza os cuidados com o corpo por meio de atividades que não ampliam as possibilidades, mas estão

apenas interligados ao simples fazer que permitem modificar comportamentos diários.

Nessa visão, enfatizamos que esse tipo de estratégia alicerçado nas recomendações do preparador físico, reforça as indicações que vinculam a Educação Física ao discurso biomédico, onde explicitamente, o apelo a prática de atividade física destaca os benefícios biológicos. Além disso, o “Além do Peso” auxilia na disseminação desse tipo de discurso que insiste em colocar a informação em movimento. Ou seja, a ordem é não ficar parado (FRAGA, 2006).

A presença constante e ininterrupta de certas práticas de controle também podem ser destacadas no contexto do programa. Elas podem ser percebidas através das pesagens, dos exames anatomofisiológicos e os discursos dos especialistas e apresentadores que enfatizam a necessidade de manter uma “vida equilibrada” para conseguir permanecer na disputa, pois a imagem corporal almejada se exerce pela exigência de renúncia constante aos hábitos impróprios e compulsivos.

Reforçamos que o prêmio final, seja ele o carro que o vencedor irá ganhar ou a nova forma física que os participantes adquiriram, está carregado de prescrições, pois o cenário do programa não exige nenhum tipo de participante do objetivo do programa: eliminar o excesso de peso corporal. Ou seja, “[...] há em curso vasta disseminação de um rol de soluções simplistas para questões complexas, como o cuidado com a saúde [...]” (BAGRICHEVSKY et.al, 2010, p. 1701)

A exposição acontece, também, de maneira repetida e sistemática, visto que de segunda à sexta-feira a atividade física e a alimentação saudável estão inseridas no discurso do *reality*, como também determinam uma relação linear da educação do corpo obeso a estratégias meramente biológicas. Ou seja, os discursos partem da concepção de que obesidade é uma patologia e estar na condição de obeso é uma questão de escolha. Desse modo, corroboramos Czeresnia (2009) ao destacar que reduzir a saúde a condição de doença é restringir o corpo humano a partir de constantes morfológicas e funcionais. A doença é, então, concebida como dotada de realidade própria, externa e interior às alterações concretas do corpo doente. O corpo é, nesse sentido, desconectado de um conjunto de relações que constituem o significado da vida.

Os discursos visam a padronização dos corpos, e estão diretamente associados a aniquilação das subjetividades, mitigando os prazeres, a formação cultural e a potência do próprio sujeito de reagir como “agente de mudança” frente

as adversidades causadas em função da obesidade. Aliás, o discurso que assombra o contexto moderno faz com o que os indivíduos ressoem o que o programa afirma: os obesos precisam eliminar os quilos a mais que carregam. Contudo, essa posição assumida por eles está diretamente relacionada aos sofrimentos que enfrentam, hodiernamente, num contexto marcado pela insensibilidade, discriminação e estigmatização aos obesos. Concordamos com Bauman, Donskis (2014) de que o mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias, mas se revela, atualmente, quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso.

Vale destacar ainda, que ao sair do contexto montado pelo “Além do Peso”, o participante está tão solitário como no momento que antecedeu sua entrada. Apontamos, dessa forma, que o programa se utiliza de uma biossociabilidade baseada em características corporais como forma de tornar mercadoria os sujeitos que sofrem com o excesso de peso. Nesse sentido, o sofrimento dos participantes é exposto como forma de entretenimento e diversão para distração do público, além de ser fonte de audiência para o programa.

Salientamos que essa aglomeração por características corporais enfatiza a formação de Políticas de Saúde a partir da doença e não da saúde, quando, deveria ocorrer de forma contrária, já que esse pensamento não contribuiu para ações efetivas no contexto social dos que carecem de assistência e ajuda. Ressaltamos, também, que tais discursos revestem a educação física de sentidos e evidenciam a tradição que está fortemente arraigada na intervenção do profissional enfocando o movimento que tem sido imposto ao corpo como forma de proporcionar saúde por meio da atividade física.

Portanto, concordamos com Fernandes e Siqueira (2010) ao destacarem que para promover efetivamente a saúde, é preciso que se avance para além da perspectiva biomédica e no paradigma da medicalização, calcados na intervenção clínica, com ênfase na transformação do comportamento individual visto como o principal – quando não, o único – responsável pelo estado de saúde do indivíduo, para uma estratégia de mediação entre pessoas e sociedade, em que se torne possível combinar escolhas individuais com Políticas Públicas Saudáveis.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, L. A. dos. **Obesidade e Saúde Pública**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2006.
- BAGRICHEVSKY, M.; CASTIEL, L.D.; VASCONCELLOS-SILVA, P.R.; ESTEVÃO, A. Discursos sobre comportamento de risco à saúde e a moralização da vida cotidiana. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1699-1708, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700081>. Acesso em: Março de 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do Jornalismo e os Jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BUSS, P. Uma Introdução ao Conceito de Promoção da Saúde. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Orgs). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendência. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003, p. 15-38.
- CAPONI, S. A Saúde como Abertura ao Risco. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Orgs). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendência. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003, p. 55-77.
- CARVALHO, M. C. MARTINS, A. A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 9 n, 4, p.1003-1012, 2004. Disponível em:><http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S141381232004000400021&pid=413-81232004000400021&pdf>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2014.
- CASTIEL, L. D. Quem vive mais morre menos? Estilos de riscos e promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M., PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.) **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p. 79-97.
- CASTIEL, L. D. Dédalo e os Dédalos: identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Orgs). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendência. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2003a, p. 79-95.

CASTIEL, L. D.; DIAZ, ÁLVAREZ-DARDET; C. **A saúde persecutória: os limites da responsabilidade.** Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2007.

CASTIEL, L. D.; GUILAM, M. C. R. e FERREIRA, M. S. **Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

CASTIEL, L. D.; FERREIRA, M. S.; MORAES, D. R. de. Os riscos e a promoção do autocontrole na saúde alimentar: moralismo, biopolítica e crítica parresiaista. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 5, p. 1523-1532, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n5/1413-8123-csc-19-05-01523.pdf>>. Acesso em: 15 de Março de 2015.

COHEN, R. & CUNHA, M.R. **A obesidade.** São Paulo: Publifolha, 2004.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, E. M. de B.; VENÂNCIO, S. Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo, **Pensar a Prática** vol. 7, n. 1, p. 59-74, Mar. – 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/PensaraPr%C3%A1tica_2004_Atividadef%C3%ADsica-e-Sa%C3%BAde-Discursos-que-controlam-o-corpo.pdf>. Acesso em: Outubro de 2013.

CZERESNIA, D. O Conceito de Saúde e a Diferença entre Prevenção e Promoção. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. de (Orgs.). In: **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências.** Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2Ed, 2009. p. 43-57.

DANTAS, J. G. Pelos caminhos das mediações: a contribuição de Jesús Martín-Barbero para os estudos de recepção midiática. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social - UFMA - ISSN 2176 – 5111**, São Luís - MA, Jan/Dez de 2009 - Ano XIX - Nº 5 – Vol. II. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/dantas.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2015.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. Palestra proferida na Federação dos Trabalhadores da Metalurgia, da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e publicada no Brasil pela **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 14 (54), 1986.

FRAGA, A. B. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D.B. (Org). **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005. cap. 4, p. 69-80.

FERNANDES, W. R.; SIQUEIRA, V. H. F. Educação em saúde da pessoa idosa em discursos e práticas: atividade física como sinônimo de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 33, p. 371-385, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a11v14n33.pdf>>. Acesso em: 25/11/13.

GAUDENZI, P.; SCHRAMM, F. R. A transição paradigmática da saúde como um dever do cidadão: um olhar da bioética em Saúde Pública. **Interface** (Botucatu), v.14, n. 33, p. 243-255. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000200002>. Acesso em: 03 de Setembro de 2013.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, I. M. Obesidade como metáfora contemporânea: uma “cruzada saudável” em nome do consumo e do risco. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 45-71, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2909/1545>>. Acesso em: 20 de Março de 2013.

GOMES, I. M. **Conselheiros Modernos**: Propostas para a Educação do Indivíduo Saudável. 2009. 292 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Brasília: Thesaurus / CBCE, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERRAY, Jean. Da telona à telinha. In: _____. **A tela cultural**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Ed. Sulina, Porto Alegre: 2009. P. 209-227.

MATTOS, R. **Sobrevivendo ao estigma da gordura**. São Paulo: Vetor, 2012.

MARCUZZO, M. **A construção da imagem corporal de obesos e a sua relação com os imperativos contemporâneos de embelezamento corporal**. 2011. 160 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Saúde e gestão do trabalho) – Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Gestão do Trabalho, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2011.

MINAYO, M. C. de S. Contradições e consensos na combinação de métodos qualitativos e quantitativos. In: _____. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 2010, p. 54-76.

MITJAVILA, M. O risco como recurso para a arbitragem social. **Tempo Social: Revista de Sociologia**. USP, São Paulo, vol.14, n. 2, p. 129-145, Outubro de 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n2/v14n2a07.pdf> >. Acesso em: 15 de Junho de 2013.

NOGUEIRA, L.; PALMA, A. Reflexões acerca das políticas de promoção de atividade física e saúde: uma questão histórica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 103-119, 2003. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/766/440>>. Acesso em: 25 de Março de 2013.

NOVAES, J. V. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100002>. Acesso em: 13 de Setembro de 2014.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. In: **Cadernos Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 11(1), 2003. p. 59-77. Disponível em: <[http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2003_1/artigos/2003_1%20F Ortega](http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2003_1/artigos/2003_1%20F%20Ortega)>. Acesso em: 29 de Maio de 2015.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BABRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau, SC: Edibes, 2003, p. 15-31.

PALMA, A.; VILAÇA, M. M. O Sedentarismo da Epidemiologia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 105-119, 2010. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/506/415>>. Acesso em: 23 de Junho de 2013.

PALMA, A.; ASSIS, M.; VILAÇA, M.; ALMEIDA, M. N. de. Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 99-119, out/dez de 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29089/23450>>. Acesso em: 03 de Outubro de 2013.

PEREIRA, T. A. O Corpo Gordo na Revista Veja: uma análise discursiva. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, vol. 16, n.1, p. 99-119, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/2237-4876.2013v16n99>>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2014.

PLANO DE PATROCÍNIO DA TV RECORD. Disponível em: <<http://www.comercial.rederecord.com.br/upload/produtos/planos/PGTD.pdf>>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

POULAIN, J. P. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

POULAIN, J. P. **Sociologia da Obesidade**. Ed. Senac São Paulo, 2013.

PROGRAMA DA TARDE. Alexandre Bró, Preparador Físico. **R7.com**. 2014. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-2/especialistas/alexandre-bro-preparador-fisico/>>. Acesso em: 12 de Março de 2014.

PROGRAMA DA TARDE. Alexandre Bró, Preparador Físico. **R7.com**. 2014. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-2/especialistas/alexandre-bro-preparador-fisico/>>.

2/especialistas/bianca-chimenti-naves-nutricionista/>. Acesso em: 12 de Março de 2014a.

PROGRAMA DA TARDE. Alexandre Bró, Preparador Físico. **R7.com**. 2014. Disponível em:<<http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-2/especialistas/vanessa-carminatti-psicologa/>>. Acesso em: 12 de Março de 2014b.

PROGRAMA DA TARDE. Alexandre Bró, Preparador Físico. **R7.com**. 2014. Disponível em:<<http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-2/fotos/conheca-a-trajetoria-surpreendente-de-alexandre-bro-especialista-do-alem-do-peso-20140602/#!/foto/1>>. Acesso em: 26 de Maio de 2014c.

PROGRAMA DA TARDE. Alexandre Bró, Preparador Físico. **R7.com**. 2014. Disponível em:<<http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/especialistas/dr-thiago-volpi-medico-nutricionista/>>. Acesso em 12 de Março de 2014d.

RABELLO, L. S. **Promoção da Saúde**: a construção social de um conceito em perspectiva comparada. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2010.

RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: _____. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 135-157.

SANT'ANNA, D.B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

SPINK, M. J. P. Posicionando pessoas por meio da linguagem dos riscos: reflexões acerca do desenvolvimento de 'habilidades' como estratégia de Promoção da Saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Orgs.) **A saúde em debate na Educação Física – Volume 3**. Ilheus: Editus, 2007, p. 253-273.

SUDO, N.; LUZ, M. T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n.4, p. 1033-1040, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n4/21.pdf>>. Acesso em: 23 de Junho de 2013.

VASCONCELOS, N.; SUDO, I; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 04, n. 1, p. 65-93, mar. 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/Windows/Downloads/Um%20peso%20na%20alma-%20o%20corpo%20gordo%20e%20a%20m%C3%ADdia.pdf>>. Acesso em: 23 de Junho de 2014.

VAZ, P.; POMBO, M.; FANTINATO, M.; PECLY, G. O fator de risco na mídia. **Interface** (Botucatu), vol. 11, n. 21, p.145-53, 2007. Disponível em: <<http://interface.org.br/wp-content/uploads/2015/02/21.11.pdf>>. Acesso em: 10 de Maio de 2013.

VIGARELLO, G. O estúpido “moderno”. In: _____. **As metamorfoses do gordo: História da obesidade no Ocidente da Idade Média ao Século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VILLAGELIM, A. S. B.; PRADO, S. D.; FREITAS, R.F.; CARVALHO, M. C. V. S.; CRUZ, C. O.; KLOTZ, J.; FREIRE, G. B. A vida não pode ser feita só de sonhos: reflexões sobre publicidade e alimentação saudável. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(3) p. 681-686, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a14.pdf>>. Acesso em: 15 de Março de 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Quadro dos vídeos do *site R7.com* utilizados na dissertação

Título do vídeo	Data em que o vídeo foi alocado no <i>site</i>	Endereço virtual do vídeo	Número do vídeo
"A minha fome é emocional", afirma Camila Vargas	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-a-minha-fome-e-emocional-afirma-camila-vargas-5240b6d50cf2cb42ac1daacd/	01
"Evito olhar para o meu corpo", afirma Caroline	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-evito-olhar-para-o-meu-corpo-afirma-caroline-5240b8fb0cf2cb42ac1daacf/	02
"Será que eu vou morrer gordo?", diz Eduardo, o participante de Além do Peso.	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/-sera-que-eu-vou-morrer-gordo-diz-eduardo-o-participante-de-alem-do-peso-5240b47e0cf2c403c091cf68/	03
"Nunca tive namorada", revela Leandro, participante do Além do Peso	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/-nunca-tive-namorada-revela-leandro-participante-do-alem-do-peso-	04

		5240b8c90cf219bd3a7b90d3/	
"Marcos já perdeu muitos trabalhos", diz esposa	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-marcos-ja-perdeu-muitos-trabalhos-diz-esposa-5240b78a0cf219bd3a7b90d1/	05
"Quem mais me incentiva é meu marido", diz Marina, participante do Além do Peso	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/-quem-mais-me-incentiva-e-meu-marido-diz-marina-participante-do-alem-do-peso-5240b5d20cf2c403c091cf6c/	06
"Me sinto culpada pelo peso da Samira", diz mãe de candidata do Além do Peso	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/-me-sinto-culpada-pelo-peso-da-samyra-diz-mae-de-candidata-do-alem-do-peso-5240b3830cf2c403c091cf66/	07
"Já faz um tempo que não recebo um elogio", brinca	23 de Setembro de 2013.	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-ja-faz-um-tempo-que-nao-	08

ex-atleta		recebo-um-elogio-brinca-ex-atleta-5240b9ec0cf219bd3a7b90d5/	
Filipe e Mila são os novos integrantes do Além do Peso	25 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/filipe-e-mila-sao-os-novos-integrantes-do-alem-do-peso-526ac6920cf2f5b38292c5d7	09
Além do Peso: nova participante diz que não leva desaforo pra casa	02 de Dezembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/alem-do-peso-nova-participante-diz-que-nao-leva-desaforo-pra-casa-29ce0b30cf2832d9971057b	10
Tici vive dia de gordinha e enfrenta dificuldades de quem sofre com obesidade	11 de dezembro de 2013	http://videos.r7.com/tici-vive-dia-de-gordinha-e-enfrenta-dificuldades-de-quem-sofre-com-obesidade/idmedia/52a8bfc40cf218f0319af92c.html	11
Tici sua a camisa com participantes do Além do Peso	02 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/tici-sua-a-camisa-com-participantes-do-alem-do-peso-	12

		524c71c30cf2514816ee605c/	
"Hot yoga": participantes do Além do Peso encaram exercício em sala superaquecida	28 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/-hot-yoga-participantes-do-alem-do-peso-encaram-exercicio-em-sala-superaquecida-526eb2790cf2b8fa7e21cd2b	13
Participantes mexem o esqueleto e queimam calorias na pista do Além do Peso	25 de Setembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/participantes-mexem-o-esqueleto-e-queimam-calorias-na-pista-do-alem-do-peso-524358000cf2cb42ac1dab8c/	14
Participantes queimam calorias no Estádio do Pacaembu	19 de Novembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/participantes-queimam-calorias-no-estadio-do-pacaembu-528bbaef0cf2e8e181a2ffad	15
Além do Peso: participantes encaram primeira	24 de Setembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-participantes-encaram-	16

refeição balanceada		primeira-refeicao-balanceada-524201440cf219bd3a7b914a/	
Participantes voltam à infância e brincam de queimada no Além do Peso	14 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/participantes-voltam-a-infancia-e-brincam-de-queimada-no-alem-do-peso-525c4e950cf2514816ee6495/	17
Aprenda a fazer exercícios com o que você tem em casa	04 de Dezembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/aprenda-a-fazer-exercicios-com-o-que-voce-tem-em-casa-529f88f00cf2e8e181a30524	18
Sentado no sofá: telespectador emagrece inspirado no Além do Peso	05 de Dezembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/sentado-no-sofa-telespectador-emagrece-inspirado-no-alem-do-peso-52a0cf430cf226267c0f6e83	19
Pesagem no palco entrega candidatos que	11 de Novembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/pesagem-	20

saíram da dieta no fim de semana		no-palco-entrega-candidatos-que-sairam-da-dieta-no-fim-de-semana-5281366f0cf2fd718a0db4db	
Comoção: Mila explica motivo de eliminação do Além do Peso	26 de Novembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/comocao-mila-explica-motivo-de-eliminacao-do-alem-do-peso-5294f1190cf2eed7218ac847	21
Leandro e Mila escorregam na dieta e vão para o Peso de Risco	07 de Novembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/leandro-e-mila-escorregam-na-dieta-e-vao-para-o-peso-de-risco-527be9ff0cf24d8484673580	22
Participantes do Além do Peso revelam passado de dietas malucas	09 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/participantes-do-alem-do-peso-revelam-passado-de-dietas-malucas-5255b4e50cf219800e723db6/	23
Psicóloga diz que obesos tratam o corpo como uma lixeira	24 de Setembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/psicologa-diz-que-obesos-tratam-o-corpo-como-uma-lixeira-	24

		5241ea0f0cf284d05aabef04 /	
Próximo round! Gordinhos do Além do Peso encaram aulas de boxe	08 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/proximo-round-gordinhos-do-alem-do-peso-encaram-aulas-de-boxe-525461990cf299286d27aa29/	25
Hora da verdade: Sabó e Eduardo encaram a balança do Além do Peso	14 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/hora-da-verdade-sabo-e-eduardo-encaram-a-balanca-do-alem-do-peso-525c55610cf219800e723f2c/	26
Além do Peso: participantes tentam se controlar em jantar de gala	15 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-participantes-tentam-se-controlar-em-jantar-de-gala-525d9fb10cf225a12d37a87f/	27
Participantes do Além do Peso passam por	19 de Dezembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-	28

nova avaliação		1/videos/participantes-do-alem-do-peso-passam-por-nova-avaliacao-52b340980cf2fd380d77e6d4	
Além do Peso: participantes fazem piquenique e relembram infância	15 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-participantes-fazem-piquenique-e-relembra-525d99cb0cf21540b7106118/	30
Após desafios e privações, participantes de Além do Peso encaram a balança pela 1ª vez	27 de Setembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/apos-desafios-e-privacoes-participantes-de-alem-do-peso-encaram-a-balanca-pela-1-vez-5245f5c30cf299286d27a691/	31
Participantes testam seus limites nas atividades do Além do Peso	19 de Dezembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/participantes-testam-seus-limites-nas-atividades-do-alem-do-peso-52b343490cf2fd380d77e6d6/	32

Polêmica! Jantar de gala provoca briga entre participantes do Além do Peso	08 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/polemica-jantar-de-gala-provoca-briga-entre-participantes-do-alem-do-peso-52546b860cf299286d27aa2c/	33
Além do Peso: Eduardo e Carol relembra passado e emocionam a todos	17 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/alem-do-peso-eduardo-e-carol-relembra-passado-e-emocionam-a-todos-5260451e0cf2b431d3b52785/	34
Metalúrgico emagrece 112 kg com base em dieta e disciplina	31 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/metalurgico-emagrece-112-kg-com-base-em-dieta-e-disciplina-5272a4f20cf2b8fa7e21ce50	35
De volta à infância: participantes do Além do Peso suam a camisa durante gincana	11 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/de-volta-a-infancia-participantes-do-alem-do-peso-suam-a-camisa-durante-gincana	36

		525862720cf299286d27ab79/	
Depois dos deslizes do fim de semana, participantes encaram balança do Além do Peso	25 de Novembro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/alem-do-peso-1/videos/depois-dos-deslizes-do-fim-de-semana-participantes-encaram-balanca-do-alem-do-peso-5293ad000cf2eed7218ac7af	37
Entre amigos: participantes do Além do Peso fazem revelações a Gominho	16 de Outubro de 2013	http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/video/entre-amigos-participantes-do-alem-do-peso-fazem-revelacoes-a-gominho-525ef5610cf27b38c0e2561b/	38